



VIOLÊNCIA NO FUTEBOL

Cães-polícias fizeram ontem mais uma aparição num campo de futebol: foi em Alvalade, durante o Sporting-Porto, afinal um jogo sem incidentes de maior.

A imagem, porém, fica como sinal desta época em que o desporto se confunde estranhamente nas bancadas com um exercício de intransigência colectiva. Notícias de agressões vieram da Pousada de Sarmagos, onde alguém apedrejou um dos fiscais de linha; de Matosinhos, com o trio de arbitragem a demorar duas horas para sair entre tiros; e de Faro, onde o árbitro sofreu um golpe extenso na nuca, também à pedrada. Quem põe cobro a isto? (Pág. 16)

C.R. REUNIDO

PACTO E ILHAS NA AGENDA

O Conselho da Revolução está reunido desde as 15 e 30 no edifício do Estado-Maior-General das Forças Armadas, mas desta vez em sessão ordinária. Da agenda fazem parte a análise da situação política, o Acordo Constitucional com os partidos políticos e a análise da situação nos Açores e na Madeira.

Ultrapassado o problema que constituía o impasse do não reconhecimento da República Popular de Angola, todas as atenções se concentram agora no Pacto M. F. A.-Partidos, que poderá ser assinado de um momento para o outro, uma vez que as dificuldades que subsistiam por parte do P. S. e do P. P. D. ficaram praticamente resolvidas após

a reunião efectuada no sábado de manhã, no Palácio das Necessidades, entre Melo Antunes e os representantes dos dois partidos.

O C.R. não cedeu, ao que parece, às exigências do P. P. D. a principal das quais era que a eleição do Presidente da República se realizasse simultaneamente com a eleição para a Assembleia Legislativa.

Rui Machete, um dos representantes do P. P. D. presentes na reunião, declarou aos jornalistas no final que as últimas dificuldades sentavam-se aplainadas, tudo levando a crer que o Pacto possa ser assinado esta semana «no que diz respeito apenas ao problema propriamente das normas constitucionais». Considerou uma

Apesar do reconhecimento da República Popular de Angola, anunciado ontem, a questão angolana está ainda longe de abandonar o primeiro plano da cena política portuguesa, vislumbrando-se já novos sinais de «temprestade» para os quais apontam as declarações dos partidos de direita.

Para além dos prejuízos causados a Portugal pelo atraso no reconhecimento, e os quais urge reparar no interesse nacional, a posição decisiva do Presidente da República e do Conselho da Revolução abre-os como alvos da direita, nomeadamente quanto à ofensiva do P.P.D. pela realização de eleições simultâneas para a Constituinte e a Presidência.

O reconhecimento surgiu às primeiras horas da manhã de domingo, depois de uma reunião de seis horas do Conselho de Ministros na qual foram esgotados todos os argumentos num diálogo por vezes árduo. O major Melo Antunes, ministro dos Negócios Estrangeiros membro do Conselho da Revolução, anunciou a consumação do acto de reconhecimento através de uma declaração da Presidência da República do seguinte teor:

«Ouvidos o Conselho da Revolução e o Governo Provisório, o Chefe do Estado da República Portuguesa, no exercício da sua competência constitucional, decidiu reconhecer o Governo da República Popular de Angola.

«A sublinhar este acto de reconhecimento, Portugal exprime o desejo de que a paz se instale em breve definitivamente em Angola e o povo angolano possa tarefa-se totalmente às tarefas da consolidação da sua independência e ao progresso da sua terra. Exprime ainda o voto de que se estabeleçam doravante, entre os dois povos, relações fraternas de amizade na base da não ingerência nos assuntos internos, da igualdade e do respeito mútuo.

A decisão presidencial, as-

APESAR DO RECONHECIMENTO

QUESTÃO ANGOLANA EM ABERTO

sumida com o consenso do Conselho da Revolução onde, depois de três sessões extraordinárias realizadas no espaço de uma semana as divergências foram reduzidas a mínimas questões de pormenor, seguiram-se reacções de diversos partidos, todas elas inseridas nas posições que vinham defendendo ao longo dos cento e três dias que separaram a independência da ex-colónia do acto de reconhecimento.

Nas capitais das ex-colónias africanas portuguesas, nomeadamente em Luanda, Maputo e Bissau, a notícia do reconhecimento não produziu impacto

especial, não se registando, até ao fim da manhã de hoje, qualquer declaração oficial. «O reconhecimento teve um sabor de tardio», dizem de Luanda, enquanto no Maputo o jornal «Notícias», considerado como órgão oficial do Governo, dá a notícia na última página, consagrando-lhe um subtítulo numa peça em que foca o avanço das F. A. P. L. A. no Sul de Angola.

Ao nível internacional, Portugal foi apenas o 88.º país a reconhecer a República Popular de Angola e, no contexto europeu o seu gesto surgiu depois da aprovação diplomática da jovem República por membros da C. E. E., pela totalidade dos seus parceiros na E. F. T. A. e pela maioria dos seus aliados da N. A. T. O., com exclusão da Turquia e dos Estados Unidos.

Dividido por contradições internas exacerbadas por grandes pressões internacionais que se traduziram em autênticas ingerências nos assuntos internos da Nação, o gesto português aparece como excessivamente tardio, exigindo um

grande esforço para se recuperarem muitas das posições entretanto perdidas e uma atenta vigilância para impedir as manobras internas que se vislumbram.

Ao nível das «relações fraternas» que se pretendem estabelecer com o povo angolano e do desbloqueamento das relações com as restantes ex-colónias, a despeito da frieza com que o acto de reconhecimento foi acolhido em Luanda e Maputo, há indícios de que as feridas provocadas poderão ser saradas. É assim que, em Luanda, se dá considerável importância ao significado da manifestação popular dispensada no sábado a Rosa Coutinho frisando-se que, mais do que um homem, o povo homenageou um português e a tendência progressista que este representa.

REACÇÕES DE PARTIDOS

O anúncio do reconhecimento da República Popular de Angola provocou prontas reacções dos principais parti-

Continua na pág. 20

Ferreira da Cunha não substitui Almeida Santos como ministro

O chefe do gabinete do ministro Almeida Santos declarou-se esta manhã «muito surpreendido» com a notícia divulgada pelo «Jornal do Comércio», segundo a qual o ministro da Comunicação Social teria declarado a um grupo de trabalhadores da Informação que ia abandonar o cargo até ao fim desta semana, sendo substituído pelo secretário de Estado, Ferreira da Cunha.

O dr. Alves Martins salientou ter assistido à audiência concedida pelo ministro aos trabalhadores suspensos da Informação, não tendo ouvido o dr. Almeida Santos fazer tal afirmação.

Na impossibilidade de contactar o próprio ministro para obter dele um esclarecimento, a Anop falou com três dos trabalhadores a quem Almeida Santos teria anunciado a sua saída.

«Trata-se de uma pura especulação» — afirmou-nos Artur Ramos funcionário suspenso da RTP. Por seu turno, o jornalista Figueiredo Filipe, suspenso no «Diário de Notícias», disse não ter ouvido o ministro declarar tal coisa e lamentou a divulgação da notícia sem fundamento que, salientou, põe em cheque todos os trabalhadores fecebidos na ocasião pelo ministro.

João Paulo Guerra, jornalista suspenso da Emissora Nacional, confirmou igualmente ser falso que o ministro Almeida Santos tenha anunciado aos trabalhadores a sua substituição pelo tenente-coronel Ferreira da Cunha e atribuiu o equívoco ao facto, mencionado à saída por alguns dos trabalhadores, do ministro ter convidado o secretário de Estado a sentar-se na sua cadeira, em tom jocoso.



Foi só um equívoco: Almeida Santos continua à frente do Ministério da Comunicação Social

**MAO
RECEBEU
NIXON**
(Pág. 13)

**VITAL
MOREIRA
FALOU
AO "D.L."**
(Centrais)

20 PÁGINAS

Nacional

Política de A a Z

ANGOLA: PRETEXTO DE CRISE

O reconhecimento do Governo de Luanda provocou uma nova crise. Do facto — que não se limita a uma formal ameaça ou a uma simples especulação — devemos tirar a profunda lição política. As forças que tenazmente contrariaram o reconhecimento do Governo da República Popular de Angola, são forças políticas opostas ao processo de descolonização e ao projecto revolucionário de transformação da sociedade portuguesa. Qualquer que seja o nome que usam, são forças reacçãoárias; qualquer que seja a envolvente demagogia com que se justifiquem, são forças de «direita», ou sensíveis às pressões de «direita».

A «direita» — no plano das relações internacionais — chama-se «imperialismo».

DELENDA COSTA GOMES

«É preciso destruir Costa Gomes!». Como Catão, no Senado, aos seus patrícios todos os dias recordava que a sorte de Roma dependia da destruição urgente de Cartago, assim Francisco Sá Carneiro, secretário-geral do P.P.D., comprometendo nas palavras e na obstinação o seu partido, não perde oportunidades para proclamar a sua vontade inabalável de afastar o general Costa Gomes do cargo de Presidente da República. Também, neste ponto, Angola foi pretexto. A campanha vem de longe. A argumentação em que se insiste é de ponderar: o general Costa Gomes não é um Presidente da República eleito pelo povo. Contra Tomás que, como deputado aceitou, nunca, Sá Carneiro esgrimiou tal argumento. A contestação de Costa Gomes, por via desta argumentação legalista, põe em causa as Forças Armadas e as modificações operadas sucessivamente nos mais altos escalões dirigentes após o 28 de Setembro.

O DESGASTE NATURAL

Há quem fale de um «desgaste natural» a que os homens que exercem os altos cargos da soberania ou da governação não lograram furtar-se. Na grande mobilidade de seis Governos Provisórios, e desaparecido o órgão colectivo de soberania que emergia do acto revolucionário, também as alusões a um «desgaste natural», subtilmente poderão visar o general Costa Gomes. Claro que esta referência tem um significado diferente quando é lançada por oradores do C. D. S. ou P.P.D., quando é publicado por jornais de «direita», ou quando se nos depara no discurso de um responsável militar. De «desgaste natural» falou há dias o brigadeiro Pires Veloso.

Na sua visita ao R.A.S.P., o comandante da Região Militar do Norte, em determinado passo da alocução que proferiu, afirmou: «o natural desgaste a que estão sujeitos os órgãos do poder ao longo de um processo revolucionário tão tormentoso como o nosso, leva-nos a admitir a sua substituição urgente e daí a urgência das próximas eleições».

Clarinho, não é verdade? Não é dos deputados que fala o brigadeiro Pires Veloso. Não é do «Conselho da Revolução» porquanto este passará a «órgão consultivo do Presidente da República» e não é constituído por um processo eleitoral aberto. Não é do Governo, por razões óbvias. Obviamente, o general Pires Veloso, refere-se à Presidência da República.

O facto, por tratar-se de afirmação de um responsável militar, comandante de uma Região Militar, membro do Conselho da Revolução, merece ser sublinhado. Os próximos dias revelarão se os «políticos» conseguirão dividir os militares quanto à questão crucial da escolha de um candidato à Presidência da República.

CANDIDATURAS AO LUGAR DE C.E.M.E.

Na luta pelo poder — e principalmente após a extinção do Copcon — o lugar de chefe do Estado-Maior do Exército aparece como uma posição-chave. Isso explica as tentativas nem sempre extremamente súbitas, que visam o afastamento do general Ramalho Eanes sob o pretexto de uma candidatura à Presidência da República. Já se adiantam nomes de candidatos a C.E.M.E. Além de outras intenções nesta interessante diligência patenteia-se um objectivo: isolar militarmente, o chamado «Grupo dos Nove».

VOTAR PARA GANHAR

A segurança serena do dr. Diogo Freitas do Amaral, se não teve a virtude de impressionar os adversários do C.D.S. deve ter reconfortado os seus partidários e deixado numa situação de perplexidade os observadores atentos da realidade política nacional. O dr. Diogo Freitas do Amaral convidou os seus eleitores para uma operação útil: «votar para ganhar». O que se pode traduzir por outras palavras: «votar para Governar».

Claro que partindo da percentagem de 7,65 por cento alcançada nas últimas eleições, os portugueses perguntarão à custa de qual partido, com que meios, com que programa concreto, se verificará a escalada triunfal do C. D. S. Menos de meio milhão de eleitores contou o C.D.S. em Abril de 1975. E se é de admitir que votos P.P.D. — e até P.S. — se desloquem para o C. D. S., também não é possível ignorar que, se o dr. Freitas do Amaral, mantiver o propósito de não aceitar qualquer fórmula de entendimento ou de coligação, terá que contar com múltipla concorrência à sua «direita», não podendo sequer, a esta distância, ter a garantia de que os votos do M.D.L.P. se concentrarão para apoiar as candidaturas C.D.S.

PARA PINHEIRO DE AZEVEDO

Atentado à bomba foi um "acto político"

FUNCHAL, 23 — Em conferência de Imprensa, à partida desta cidade, o Primeiro-Ministro disse aos jornalistas que não considerava o petardo que rebentou à sua chegada um «atentado terrorista» mas um acto político. Pinheiro de Azevedo lembrou que os autores do incidente tiveram o cuidado de fazer explodir o engenho numa altura em que não corriam perigo vidas de pessoas e evitaram, por outro lado, que o cortejo automóvel passasse por uma estrada onde haviam sido inscritas alusões à Flama e à Independência da Madeira.

Ainda assim, desde sexta-feira e até ao momento de regresso de Pinheiro de Azevedo a Lisboa, a referida estrada foi fortemente patrulhada, como nunca acontecera noutros tempos.

O almirante Pinheiro de Azevedo viria a declarar ainda que

«a autonomia que foi concedida à Madeira é bastante ampla do ponto de vista administrativo», frisando que se tratava da transmissão de poderes ministeriais para a Junta, portanto para «um pequeno Governo local».

«Obviamente — prosseguiu Pinheiro de Azevedo — não é o mesmo para as autonomias políticas que são mais delicadas e que exigem uma progressão mais lenta. Para estas penso que será a Assembleia Constituinte a definir o estatuto autónomo a quem cabe a responsabilidade de delegar no arquipélago a autonomia política».

Sobre a dependência da Junta ao Governo Central no sector das finanças e dos possíveis prejuízos que isso poderia acarretar para a Madeira, o almirante Pinheiro de Azevedo salientou que uma maior autonomia em matéria

de contribuição e impostos poderia criar uma situação grave que prejudicaria a própria autonomia, acontecendo o mesmo com os sectores da segurança e os negócios estrangeiros.

Pinheiro de Azevedo referiu depois que os madeirenses têm imensas razões para reivindicações que ao longo dos anos, «por egoísmo e até por desconhecimento se acumularam». Mas no entanto apresentaram uma grande sensatez e capacidade de diálogo. Acrescentou que «o que se passa realmente na Madeira no sector primário, nomeadamente na agricultura, é extraordinariamente grave e isto tem que ser alterado rapidamente».

Abordando o processo revolucionário português e o seu carácter socialista Pinheiro de Azevedo produziu ainda estas controversas afirmações: «O 25 de Abril foi definido e bem

como um golpe militar. A via socializante apareceu depois do 11 de Março. Aí é que houve realmente uma revolução. Entretanto as Forças Armadas a certa altura reagiram contra aquilo a que se chamava revolução, porque entre a nação e a revolução preferiram a nação».

«Não se trata nesta altura de definir vias socialistas. Trata-se de deixar o povo depois de escolher uma via democrática, se formos capazes de institucionalizar a democracia, que ele diga se realmente quer a via socializante.»

ALMOÇO POR VIA AÉREA

A falta de estruturas da ilha de Porto Santo, que o Primeiro-Ministro incluiu no seu programa, obrigou a que o almoço de Pinheiro de Azevedo e comitiva, no Hotel Penina, viesse do Funchal, de avião. Os géneros foram carregados pela avioneta «Penina» e cozinhados depois em Porto Santo.

A situação poderá atribuir-se à falta de um porto de abrigo, em Porto Santo, por cuja construção os habitantes da ilha se batem desde há longa data.

Ramalho Eanes em Bruxelas

Partiu esta manhã para Bruxelas o general Ramalho Eanes chefe do Estado-Maior do Exército, que naquela cidade visitará as instalações da Aliança Atlântica.

Ramalho Eanes, que se desloca acompanhado pelo seu ajudante de campo e por um oficial do E. M. E., deve demorar-se três ou quatro dias na capital belga, pondo-se a hipótese de um encontro com o comandante supremo das forças da N. A. T. O. na Europa, o general americano Alexandre Haig.

SOUTO CRUZ

MUNIQUE, 23 (FP) — O vice-almirante Souto Cruz declarou que, apesar de muitas pressões, principalmente do

Partido Comunista, Portugal conseguiu manter-se na N. A. T. O.

O chefe do Estado-Maior da Armada, que falava num colóquio promovido pela organização alemã «Werkunde», especializada em problemas de Defesa, afirmou ainda que a influência comunista no Sul da Europa se deve ao subdesenvolvimento económico e ao aumento da miséria das classes populares.

«Por isso», acrescentou, «é preciso ajudar os países do Sul da Europa se se quiser que mantenham o seu compromisso com a N. A. T. O.»

Na mesma reunião o general Alexandre Haig, comandante em chefe das forças da N. A. T. O. na Europa, tinha afirmado que o maior perigo que espreita os países da Alian-

ça Atlântica é a presença de partidos comunistas nos Governos ocidentais.

Referindo-se concretamente à situação em Portugal, o general Haig disse que a presença do Partido Comunista no Governo se explica pela situação económica.

«Quanto aos outros Estados da Europa Ocidental», afirmou Haig, «não aceitei a presença de tais partidos no Poder».

O general disse por outro lado, que há perigos que ameaçam actualmente o Ocidente, dado o aumento do potencial militar soviético. «O carácter imperialista crescente da U. R. S. S.», segundo Alexandre Haig, «poderia traduzir-se no plano militar e levar a um conflito generalizado em que o Ocidente «se veria obrigado a intervir».

25 DE NOVEMBRO

Só 17 detidos em Caxias



Confirma-se a notícia que demora a ser confirmada: Dinis de Almeida foi libertado

Sábado, cerca das 13 e 30, o major Dinis de Almeida abandonou a Prisão-Hospital S. João de Deus (Caxias). Aguardavam-no, no exterior, a mãe, a noiva, tios, primos — e alguns amigos íntimos.

Esta manhã, em contacto com um familiar, apurámos que Dinis de Almeida se encontra «com residência fixa em Lisboa».

Relativamente a uma notícia inserta num matutino do Porto, segundo a qual aquele ex-oficial do Ralis «iria para Angola», fomos informados que

tal não corresponde à verdade.

Também no sábado, antecederam Dinis de Almeida, foi igualmente libertado de Caxias o capitão Marçal da Silva, da Força Aérea.

Caso não haja hoje mais libertações, restarão em Caxias, 17 detidos em consequência dos acontecimentos do 25 de Novembro.

No Presídio Militar de Santarém, através de um contacto estabelecido às 10 e 45 fomos inteirados de que tudo se mantinha «na mesma».

Portugueses na N.A.T.O.

Por designação do Estado-Maior da Armada, o capitão de fragata Manuel Primo de Brito Limpo Serra participará, na qualidade de perito, na reunião do Conselho do Atlântico Norte sobre Direito Marítimo que depois de amanhã se realiza em Bruxelas.

Também Vasco da Gama Fernandes e António Jorge

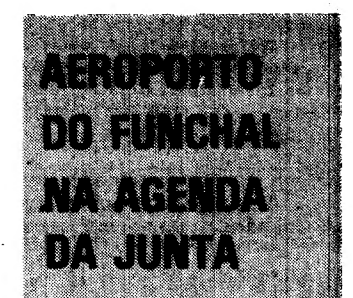
Gonçalves Rodrigues participam hoje e amanhã, em Bruxelas, numa reunião do Conselho da Associação do Tratado do Atlântico e num seminário sobre os acordos de Helsínquia.

DELEGAÇÃO DO COMÉRCIO EXTERNO VISITA A R. D. A.

Uma delegação do Comércio

Externo chefiada pelo secretário de Estado, António Barreto, partiu para a República Democrática Alemã, para partici-

par em conversações da comissão mista luso-alemã. Esta delegação seguirá para Budapeste, onde tomará parte na primeira reunião da comissão mista luso-húngara.



FUNCHAL, 23 — O Aeroporto de Santa Catarina, no Funchal, é o primeiro «ponto quente» na agenda da Junta Governativa da Madeira à qual, na última sexta-feira, o Primeiro-Ministro conferiu posse.

A ampliação da pista do aeroporto é considerada vital para a economia do arquipélago. As actuais condições da pista limitam o tráfego aéreo, admitindo-se, inclusive, que alguns aviões de companhias estrangeiras deixem de escalar o Funchal. Na defesa dos seus pontos de vista, os defensores da ampliação da pista argumentam, ainda, com o facto de as obras no aeroporto virem a abrir novos postos de trabalho, atenuando a crise que se faz sentir no sector da construção civil.

Ainda assim, outra corrente de opinião, minoritária, considera que aquelas obras «podem esperar», dando-se prioridade a outros empreendimentos, porventura mais urgentes: estradas, escolas, etc.

Seja como for, o problema consta, necessariamente, da agenda da Junta Governativa, de quem se exige uma criteriosa tomada de posição, tendo em vista os interesses dos madeirenses.

Entretanto, correm boatos que fazem supor o cancelamento dos voos «charter», anteriormente assegurados por uma avioneta da empresa «Penina». Com a entrada em funcionamento da TAP «regional», comenta-se que os «charters» serão substituídos pelos aviões de carreira — dois «Beechcraft».

post scriptum

Só faltam as galinhas

«Há já alguns meses, a CP mandou fazer «não sei o quê» parecido com galinheiros na Estação do Rossio (Lisboa). Se realmente o são, parece-me que faltam lá as galinhas (e os galos) mas se o não são então para que raio serve aquilo? Para enfeitar? Parece-me que as dezenas de contos que naquilo foram gastos seriam mais bem empregues noutras coisas, tais como óleo para pôr nas rodas dos comboios, para evitar que eles se não atrasem tanto e tão amiúde.

Não lhes parece, senhores da CP, que estes atrasos diários já são um abuso para com os milhares de utentes de tão «tristemente famosa» linha de Sintra?

Por falar em transportes, ocorre-me uma pergunta aos senhores do Metropolitano de Lisboa: quais as vantagens de porem a circular comboios com quatro carruagens de cinco em cinco minutos se antes os de duas carruagens passavam de dois em dois minutos? Se calhar a resposta é «mais metro menos metro...»

Álvaro Manuel Guerreiro Palma — BARCARENA

Diuturnidade

Há já muito tempo que se fala do «problema dos retornados». Na verdade, há já tanto tempo e são tantas as reivindicações, que eu pergunto se os retornados, que hoje exigem cama e mesa (e roupa lavada?) e subsídios de toda a espécie, não exigirão, amanhã, subsídio de diuturnidade...

Carlos F. Vieira — PAÇO DE ARCOS

O que há ou não há

Há as forças policiais eficientes na repressão e impotentes para acabar com o terrorismo, para prender os ELPS que se passeiam às escancaras por esse Norte.

Há as reuniões fantoches dos agrários e há homens e mulheres que, passando fome e sem salários, arrancam à terra a maior colheita de sempre e são chamados de ladrões. Há o congelamento da contratação colectiva, ou seja dos salários dos trabalhadores e há a libertação dos aumentos individuais a quem ganha mais de 30 contos e mais de 40...

Há famílias com cinco filhos que o senhorio põe na rua mais os seus tarecos e há milhares de contos de indemnizações para os grandes accionistas da banca.

Há os preços que sobem em flecha e há o dinheiro que se mendiga lá fora para importar comida.

E há dinheiro que vai não se sabe para onde porque os preços não descem e a comida falta.

E há jornais livres e pluralistas, a finirem o tom pela lição partidária e a tesoura pela nota oficiosa.

E há quem diga à mesa do café que Portugal parece um manicómio em autogestão. Mas não há prisão onde caibam todos os revolucionários; não há censura capaz de calar a razão; não há repressão capaz de conter a força dos trabalhadores.

É apenas uma questão de tempo; um povo que resistiu 50 anos não se deixa aprisionar de novo.

Maria Rosa Redondo — MOSCAVIDE

O desespero e o gás

«A distribuição do gás anda atrasadíssima, cerca de um mês. Soube que havia uma questão de trabalhadores em relação ao 15.º mês, que foi pago na Sacor e posteriormente na Cidla, mas, aqui, não o sendo na secção de enchimento.

Para começar, é autêntica ofensa aos restantes trabalhadores do País haver quem receba 15.ºs meses. Mas o mal está feito e o que no momento acontece é que os clientes continuam à espera do gás.

Espero que estes trabalhadores façam um esforço em defesa das conquistas obtidas ao menos por respeito aos grandes revolucionários do Alentejo e não só. E que se lembrem dos milhares de clientes de quem vivem e para quem vivem. Eu contacto com eles todos os dias e vejo o desespero de gente humilde.»

Carlos Rodrigues — ALGÉS

Onde estão essas regras?

Os «ofensores» do V Governo não souberam ou não puderam explicar às pessoas que lhes deram o aval que, além da necessidade que o país tinha dum

planeamento económico, havia um projecto que apontava para uma economia de transição para o socialismo. Tratava-se, pois, não da elaboração dum plano socialista, mas duma fase intermédia durante a qual ficariam assegurados os problemas de fundo do povo português.

É sabido por toda a gente que, cada dia que passa, Portugal tem necessidade imperiosa de caminhar dentro de regras que nos permitam ver para onde vamos. Mas onde estão elas?

Há uma quebra de produtividade que atesta com toda a evidência que a falta de estímulos pode afrouxar a classe operária nos índices gerais da produção, o que quer dizer: na economia que diz respeito a todos os portugueses.

Seria um erro de gravíssimas consequências desmobilizar a classe operária da construção duma sociedade verdadeiramente democrática (já não digo socialista) pois, sem ela, nunca será possível construir o que quer que seja.

Fernando Giesta — PORTO

JORNALISTAS LATINO-AMERICANOS TÊM ENCONTRO NO MÉXICO

MÉXICO, Fevereiro (IPS) — Os jornalistas da América Latina procuram a libertação, o desenvolvimento e a mudança social dos seus povos, segundo afirma uma carta que foi entregue ao presidente mexicano Luis Echeverria pela comissão organizadora do Primeiro Congresso Latino-Americano de Jornalistas.

Este congresso continental, cujos preparativos se iniciaram, decorrerá no México com o paoio formal do Governo azteca, oferecido pessoalmente pelo presidente Echeverria, durante uma entrevista que teve com os organizadores. O presidente inaugurará as sessões do primeiro congresso, a realizar-se a 3 de Junho próximo. Terá uma duração de quatro dias, e encerrará a 7 de Junho, data celebrada pelos jornalistas mexicanos como o «Dia de Liberdade de Imprensa».

De acordo com os organizadores, presididos pelo venezuelano Eleazar Dias Rangel, deste congresso emergirá uma organização continental que aglutinará todos os trabalhadores de Imprensa, e expressará as suas aspirações e direitos.

O antecedente deste primeiro congresso remonta a Outubro de 1974, quando em Caracas se verificou o encontro de jornalistas latino-americanos. A reunião assistiram repre-

sentantes de dezasseis nações. Ali se decidiu realizar o primeiro congresso em Outubro de 1975 em Lima, mas não chegou a efectuar-se porque o Governo peruano não a autorizou alegando razões de segurança. Deste modo, os organizadores resolveram levar por diante o primeiro congresso numa das suas subdeses, México (a outra é Venezuela). Contactaram as principais autoridades aztecas e mereceram a aprovação do próprio presidente Echeverria.

Após a entrevista que há dias tiveram os jornalistas com presidente, pôs-se a andar a engrenagem da organização do primeiro congresso. Nos próximos dias, será constituído o «comité mexicano organizador» do congresso. Agrupará todas as instituições de jornalistas mexicanos que, juntando os seus esforços, lograram o maior êxito. Este comité trabalhará juntamente com a comissão organizadora.

Ao primeiro congresso, virão representantes democraticamente eleitos e de organizações genuínas de trabalhadores da Imprensa de 25 países da América Latina e de nações de expressão inglesa e francesa do Caribe.

Sabe-se que as representações do Chile, Bolívia e Haiti até ao momento, serão feitas pelos homens de Imprensa desses países que foram

expulsos pelas ditaduras imperantes, pela inexistência de organizações representativas (foram canceladas) e pela falta de garantias dessas nações para a eleição livre e sem pressões de delegados.

O tema do primeiro congresso, e o próprio contexto a que se aliá a fundação da organização latino-americana de jornalistas pode achar-se no conteúdo da carta que a comissão organizadora levou ao conhecimento do presidente mexicano.

«Este ano marca cinco lustros desde que se iniciaram os primeiros esforços na busca da unidade e da organização continental dos jornalistas, que na América Latina procuram que os meios de comunicação social constituam instrumentos eficazes dos processos de libertação, desenvolvimento dos nossos povos e de mudança social.

«A nossa Imprensa emergiu com esse carácter, combativa e patriótica, nos tempos gloriosos de Hidalgo, Bolívar e San Martín, mas hoje em pleno desenvolvimento do que se chamou a era da informação, são conhecidas as deformações na estrutura e no papel que desempenham as comunicações de massas no continente. Contrariamente ao que hoje acontece, pensamos no tom de uma recente decla-

ração da Unesco, que «a liberdade de informação se deve dar denteo do quadro do direito do público a estar informado e não do significado que querem imprimir a este direito grandes empresas multinacionais.

«O nosso Governo expressou, acertadamente — dizem os organizadores ao presidente Echeverria — uma grande preocupação por este problema e a este respeito propicia a criação do «Sistema de Informação Latino-Americano» (SILA) como uma maneira de «contribuir para emancipar os meios de Informação de massas latino-americanas da dependência que mantêm dos grandes sistemas informativos multinacionais. Esta iniciativa, que se insere na vossa solidária política internacional, é coincidente com a nossa luta contra a penetração ideológica que através desses meios se exerce na maioria dos nossos países, para a manutenção do neocolonialismo e para ressuscitar o oprobioso regime fascista.»

Finalmente, a comissão organizadora agradece o apoio do presidente Echeverria e anota que a sua atitude tornará possível que se avance «na senda de colocar os meios de comunicação social ao serviço de nossos povos e nações».

LUTA CONTRA NARCÓTICOS

MÉXICO (Notimex-IPS)

— O México e os Estados Unidos intensificaram um programa conjunto de luta contra o tráfico de narcóticos.

A notícia foi conhecida através de cartas escritas entre os presidentes dos dois países depois de Luís Echeverria ter enviado uma mensagem em 12 de Janeiro ao seu colega Gerald Ford.

Na sua carta, o presidente Echeverria apontava que o problema principal no tráfico de narcóticos é a interacção da oferta e da procura na droga nos Estados Unidos, assim como a com-

plexidade do problema, que abarca questões sociológicas muito variadas.

Echeverria assinalou que entre esses problemas se contam as considerações de carácter educativo, aqui incluindo as relacionadas com os meios de comunicação de massas existentes nos Estados Unidos, bem como sanitários e, será de crer, as acções de detecção e perseguição dos delinquentes.

O presidente mexicano aludiu a uma reunião que funcionários da embaixada dos Estados Unidos no México e do Go-

verno deste país mantiveram há alguns dias com o procurador da República, dr. Pedro Ojeda Paullada.

Na carta, Echeverria dizia a Ford: «Na minha opinião, cada comissão nacional poderia ser constituída pelos funcionários do poder executivo responsáveis pela perseguição dos delitos contra a saúde, a prevenção do uso ilícito de estupefacientes e outras drogas.»

Pelo seu lado, Ford manifestou ao presidente Echeverria, na sua resposta datada de 6 de Fevereiro, que considera a

proposta de grande importância e fez-lhe saber que a Casa Branca constituiu um grupo especializado na luta contra o tráfico de narcóticos.

«Espero num futuro próximo contar com propostas concretas de acção, que haverá que coordenar com o novo esforço a que deu impulso. Neste momento será útil que os meus representantes se reúnam com os seus, de molde a assegurar que ambos avancemos de forma cooperante conforme sugere na sua carta» — respondeu Ford.

Nacional

Encontro da Guarda aumenta venda de mármore à Espanha

Começam já a refletir-se a nível económico, os primeiros resultados do encontro Melo Antunes-Areilza, verificado há cerca de uma semana, na cidade da Guarda. Recorde-se que no campo económico os responsáveis pelos depar-

tamentos dos Negócios Estrangeiros dos dois países assinaram vários acordos visando o incremento do intercâmbio empresarial e uma mais significativa permuta comercial entre Portugal e a Espanha.

É neste âmbito e como reflexo desse encontro, que chegaram ao Porto, ontem, dois grupos de importadores espanhóis vindos de Madrid, Barcelona e Bilbao, especializados em mármore e produtos de cerâmica, ao mesmo tempo que para a capital espanhola seguiam dois técnicos do Fundo de Fomento de Exportação e um desenhador português, que visitarão esta semana a Feira Internacional de Valença antes de estabelecerem contactos com empresários catalães para negociar acordos de produtos espanhóis que interessem a Portugal.

O grupo português cuidará, igualmente, de preparar uma ampla participação portuguesa na Feira Internacional de Barcelona, que se efectua nos primeiros dias de Junho, enquanto o desenhador, que é inventor de um jogo didáctico, tratará da sua comercialização e modalidades de acordo com o país vizinho.

Entretanto, notícias procedentes de Vigo, do correspondente em Madrid da Anop, Manuel Lopes, referem o reatamento da reunião das Câmaras de Comércio Luso-Espanholas, que tinha sido interrompida há poucos meses, exactamente quando a Embai-

xada e o Consulado-Geral de Espanha em Portugal foram assaltados e saqueados.

Se a visita ao Norte daqueles grupos de importadores se reveste de extremo significado, o mesmo se pode dizer de um outro grupo que na próxima quinta-feira, depois de visitar os principais edifícios construídos com mármore e granito, se desloca aos cenos de transformação de Pero Pinheiro e aos centros de extracção de Vila Viçosa e Estremoz.

Recorde-se, a propósito, que Portugal é, depois da Itália, o maior abastecedor do mercado espanhol de mármore, e que «nuestros hermanos» importaram, no ano findo, em mármore serrado e bruto, cerca de 80 000 toneladas, que equivalem a 500 milhões de pesetas, com crescente tendência para blocos com espessura inferior a 4 centímetros. Portugal e Itália participam, entre si, com cerca de 95 por cento das importações espanholas deste produto (43 e 52 por cento, respectivamente), o que para o nosso País e os produtores portugueses representa mais de 150 milhões de pesetas.



Outro fôlego para os mármore nacionais: agora é a Espanha que aumenta a procura

Proença de Carvalho e Martins Garcia no "Jornal Novo"

A nova direcção do «Jornal Novo», Proença de Carvalho e José Martins Garcia, entrou hoje em funções, após ter recebido o acordo do novo Conselho de Redacção, eleito num plenário da Redacção, sexta-feira passada.

O novo Conselho da Redacção, que reflectiu uma alteração da correlação das forças de opinião entre os jornalistas daquele vespertino, encontrou-se, pouco depois de eleito, com o Conselho de Administração da Novimprensa, não tendo apresentado objecções aos nomes de Proença de Carvalho e de José Martins Garcia para os cargos de director e director-adjunto.

Nun comunicado divulgado ontem, o Conselho de Redacção esclareceu que «a aceitação dos nomes dos novos directores dependeu de garantias, positivamente dadas, pelo Conselho de Administração sobre o respeito pelo estatuto editorial existente, pe-

la lei de Imprensa e pelas conquistas democráticas dos trabalhadores, nomeadamente o contrato colectivo de trabalho, os direitos sindicais e todos os direitos adquiridos, a participação dos trabalhadores da Redacção no conteúdo do jornal e sua responsabilização e a existência de Comissão de Trabalhadores e o direito de realizar plenários de trabalhadores.»

O conflito que agitou o «Jornal Novo», por iniciativa da administração com a demissão de Portela Filho, deverá levar a que a linha «melo-antunistagis», marcada pela personalidade do controverso escritor, e que antes do 25 de Novembro se salientou na defesa da independência nacional, seja preterida em favor de uma informação mais noticiosa e aberta às ideias de centro. Os novos directores são afectos ao partido socialista e integram-se na chamada ala social-democrata.

Quanto a Torquato da Luz, que apenas aceitou ser director interinamente, até à ultrapassagem da crise, continuará a trabalhar no «Jornal Novo», talvez como chefe da Redacção.

Alguns jornalistas, descontentes com a nova situação passaram-se entretanto para o projectado diário «Página Um» e outros deverão ir colaborar com Portela Filho numa nova revista semanal.

Ainda não tem título o semanário que Artur Portela Filho e José Sasportes tencionam lançar na terceira semana de Março.

Entre os prováveis colaboradores da revista encontram-se Eduardo Lourenço e Veiga Pereira, assim como um ou outro jornalista saído do «Jornal Novo».

De acordo com os estatutos da nova sociedade, os sócios participarão com verbas iguais e usufruirão de direitos muito semelhantes.

A revista sairá à quarta-feira.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE MOURA ANUNCIO

Pela secção da Secretaria Judicial desta comarca, na Execução da Sentença movida pelo Exequente José Teixeira Mateus da Silva contra os Executados Lúcio Valente Rachá e outros, é por este meio CITADA a mulher daquele executado, MARIA MANUELA ESTEVES FRANCO, doméstica, com última residência conhecida na rua 25 de Abril, n.º 7, na vila do Entroncamento, para os termos da dita execução, na qual foram penhorados bens de natureza imobiliária, nos termos da al. a), do n.º 1, do art.º 864.º, do Código de Processo Civil, com a dilacção mínima.

Moura, 10 de Fevereiro de 1976

O Juiz de Direito
Fernando Bento
O Escrivão de Direito
José Pereira Calado

PARA O SEU LAR QUADROS A ÓLEO

LINDAS PAISAGENS
FRUTAS E FLORES
BONS PREÇOS

A VENCEDORA

Rua de S. Lázaro, 127-A

Um esclarecimento de Dórdio Guimarães

A propósito de uma local publicada na nossa edição de 17 do corrente e intitulada «Vida Mundial... administração recusa cedência do título», recebemos de Dórdio Guimarães um esclarecimento e uma carta «invocando a Lei de Imprensa em vigor» para que o esclarecimento seja publicado, e ainda «de acordo com a mesma lei, que o (seu) texto ocupe o mesmo local e destaque que mereceu a nota que deu origem a esta (sua) resposta». Dórdio Guimarães insurge-se contra a afirmação de que (ele) não é jornalista, e diz que é, lembrando que já trabalhou não só no «Século Ilustrado» e na «Vida

Mundial» mas até mesmo na redacção do «Diário de Lisboa». Dórdio Guimarães «atenha» no entanto a «crassa ignorância» dos redactores da «VM» que nos deram a informação. «Só numa coisa: nunca (esteve) nem (possui) carteira de jornalista profissional». Está tudo esclarecido.

Não publicamos o esclarecimento de Dórdio Guimarães na íntegra porque entendemos que a invocada Lei de Imprensa não é aplicável ao caso vertente. Além disso, nos termos em que Dórdio Guimarães nos escreve, o seu esclarecimento parece-nos impublivel.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

DIRECÇÃO DE EQUIPAMENTO

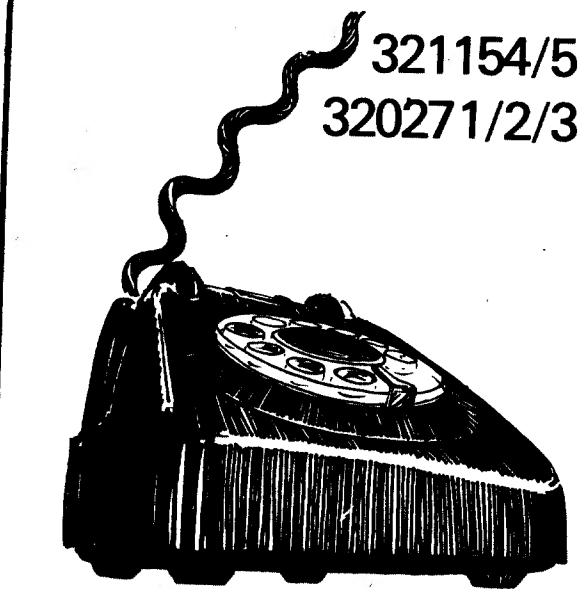
Concurso público para concepção, construção da oficina de grenalhagem e pintura, do Entroncamento

Informa-se que está aberto concurso público para adjudicação da empreitada em epígrafe. A abertura das propostas terá lugar no dia 2 de Março de 1976, pelas 15 horas, na Direcção de Equipamento da C. P. (Equipa de Projectos de Construção Civil) — Avenida da República, 66-3.º — Lisboa.

Durante o prazo do concurso e nos dias úteis e horas de expediente poderão os interessados examinar o programa do concurso, o caderno de encargos e peças do processo, na direcção acima indicada ou na secção de obras do Entroncamento. A caução provisória, no valor de 100 000\$00 será entregue na Direcção Financeira da Empresa — Calçada do Duque, 20 — Lisboa.

As propostas e a documentação a apresentar pelos concorrentes deverão ser entregues até às 17 horas do dia anterior ao dia marcado para a sua abertura, na Secretaria da Direcção de Equipamento da C. P. — Avenida da República, 66-7.º — Lisboa.

Ao presente concurso só são admitidos empreiteiros de obras públicas titulares de alvará da primeira categoria.



321154/5
320271/2/3

resposta rápida

a
qualquer problema

na execução de

CARTAZES

PUBLICAÇÕES

JORNAIS E REVISTAS

SOMOS:

RENASCENÇA GRÁFICA

Rua Luz Soriano, 44 Tel. 320271/2/3 e 321154/5

PUB

SINDICATO

**DOS PROFESSORES
DA GRANDE LISBOA**

ASSEMBLEIA

DE DELEGADOS (CPES e ES)

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os delegados sindicais do CPES e ES da Grande Lisboa para a assembleia de delegados a realizar no dia 24, às 21,30 horas, no Clube Nacional de Natação, Rua das Gaivotas, 2, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Avaliação de conhecimentos no CPES e ES
1.1. Problemas específicos de via única (7.º ano de escolaridade)

A COMISSÃO DIRECTIVA

INCIDENTES EM BENAVIDA NUM COMÍCIO DO P.S.

● Acusação a bases do P.C.P.

Não decorreu sem incidentes a digressão que o secretário-geral do P.S., Mário Soares, fez este fim-de-semana pelo Alentejo. Logo no sábado, em Campo Maior, um comício do P.S. foi palco de incidentes de alguma gravidade, quando o secretário-geral do partido estava no uso da palavra. Desagradada por algumas afirmações de Mário Soares, parte da assistência reagiu e passou a interrompê-lo. Mário Soares sustentou um «diálogo» difícil, mas os incidentes não atingiram proporções mais assinaláveis do que as dos insultos e ofensas verbais. Ontem, porém, em Benavila, os incidentes atingiram proporções de maior gravidade, com agressões e feridos, em consequência. Tudo parece ter começado com a reacção de uma parte da assistência ao discurso que Mário Soares estava a pronunciar, vindo depois a degenerar numa desordem que se prolongou até às primeiras horas de hoje, apesar da pronta intervenção das forças de segurança, a G.N.R. e tropas destacadas do BC1.

O P.S. ACUSA BASES DO P.C.P.

Embora os incidentes não estejam ainda esclarecidos, podemos reter algumas passagens de um comunicado do P.S. emitido esta madrugada em Lisboa. «Grupos de indivíduos identificados como

elementos do P.C.P. praticaram actos de vandalismo que se revestem da maior gravidade», diz o texto. «Começaram por tentar interromper o convívio com insultos, assobios, ameaças. Perante a serenidade e a firmeza dos socialistas, os provocadores pecepistas acabaram por atacar as pessoas que assistiam pacificamente ao comício, agredindo-as com pedras, limas e navalhas. Já depois de terminado o comício, foram disparados tiros de zagalote sobre viaturas. Várias pessoas ficaram feridas. Aires Rodrigues, do secretariado nacional do P.S., foi atingido por uma pedrada.»

O P.S. comenta os incidentes em termos extremamente violentos para o P.C., tanto quanto acusa as suas bases de não corresponderem nas suas atitudes ao comportamento que as afirmações dos dirigentes preconizam. «Enquanto as cúpulas do P.C.P. falam da inexistência de liberdades em certas zonas do País, as suas bases procedem como se o Alentejo fosse um feudo comunista», diz o texto. «Comunista as cúpulas do PC afirmam que o seu partido é o grande partido da esquerda, os seus agentes continuam a desenvolver uma prática política de direita. Enquanto as cúpulas do P.C. alertam contra o avanço da reacção no Norte, os seus elementos continuam a praticar actos reaccionários no Sul. En-

quanto as cúpulas do P.C., repetindo uma velha manobra, dirigem convites unitários às bases do PS, os seus homens de mão atacam a tiro e à pedrada militantes socialistas».

Noutro passo: «Os acontecimentos de Benavila são graves e intoleráveis em qualquer país democrático. Se outras provas fossem necessárias, os tumultos de Benavila, no plano dos acontecimentos localizados mostram que entre os peões se encontram muitos dos fascistas mais fascistas de Portugal».

Até à hora em que encerramos a nossa edição, não se conhecia nenhuma tomada de posição do P.C.P. sobre os incidentes. Mas o «DL» esteve em contacto com o centro de trabalho daquele partido em Portalegre e alguém ali presente admitiu, todavia, que os acontecimentos venham a ser averiguados devidamente.

UM ELEMENTO DO P.C.P. FERIDO

Entretanto segundo informações colhidas ao fim da manhã junto de um elemento da Cooperativa «21 de Fevereiro» registaram-se apenas ferimentos num trabalhador simpático do P. C. P., anavalhado por elementos afectos ao P. S.

Foram presos dois dos agressores pela G. N. R. e as investigações prosseguem. O trabalhador ferido, de nome Vieira, foi transportado para o hospital de Portalegre. O carro que o transportava seria ainda alvejado nas traseiras, à saída de Benavila.

Segundo apurámos o burburinho teve início naquando da intervenção do deputado do P. S., Júlio Calha que afirmara serem os comunistas os responsáveis pelo 25 de Novembro. A partir daí os oradores que se seguiram foram apupados e o comício praticamente não se realizou.

Vilarigues no Alentejo

P.C.P. PODE TER UM MILHÃO DE VOTOS

«Não haverá dificuldades que se não possam vencer para comunistas e socialistas acordarem em formas concretas de luta comum em defesa da Reforma Agrária e da sua aplicação prática, para que haja mais cereais, mais batata, mais forragens, mais carne e mais leite para fornecer ao nosso povo e evitar ao País o dispêndio de divisas que tão necessárias são para satisfazer importações», disse Sérgio Vilarigues ontem em Vendas Novas no decurso de uma sessão política levada a efeito pelo P. C. P. nesta vila.

O dirigente comunista atacou com violência o C. D. S., o P. P. D., o P. P. M. e o P. D. C., que responsabilizou pela tentativa de recuperação capitalista que está a fazer-se a todos os níveis e em todos os campos em Portugal.

Sérgio Vilarigues referiu a seguir alguns exemplos comprovativos de que o custo de vida se agravou sobretudo para as classes trabalhadoras, e falou das eleições para a As-



Bissau, 1976: a vida decorre calma, mas mantêm-se os atritos com Lisboa

Agravam-se as relações Bissau-Lisboa

BISSAU, 23 — (F. P.-D. L.) — Todos os técnicos militares portugueses que se encontravam como controladores do tráfego no aeroporto de Bissau-Bissalane saíram da Guiné-Bissau na última quinta-feira, sem que os respectivos substitutos tivessem seguido de Lisboa.

Este facto, que marca mais um incidente nas relações de Portugal, com as suas antigas colónias, as quais se têm vindo a degradar pouco a pouco, deve-se, segundo um comentador da agência de imprensa guineense, ANG, ao facto de Portugal pretender que aos controladores de tráfego se aplique o estatuto de missão diplomática e não de cooperante, como é normal para técnicos enviados para as antigas colónias. A ANG comunicou, ainda que o Governo da Guiné-Bissau tinha tomado medidas no sentido de evitar o encerramento do único aeroporto internacional do país.

A ida para a Guiné de controladores aéreos militares, por

não haver técnicos civis disponíveis, nunca chegou a ser regulada, juridicamente, embora Portugal tivesse avançado a hipótese de estabelecer um acordo especial de cooperação militar. Assim, a decisão de retirar os controladores é qualificada na Guiné como «um acto de represália dos que representam ainda em Portugal o antigo regime e que não conseguiram perdoar ao povo da Guiné-Bissau a derrota que lhes foi aplicada, nos ares e

no solo, pelos gloriosos combatentes das F. R. A. P.».

Este incidente entre os dois Governos, segue-se a um outro malogro verificado nas relações entre os dois países, no campo financeiro.

Os comentadores da Guiné continuam, no entanto, a reafirmar a determinação do Governo de Bissau em fazer tudo para garantir uma cooperação fraterna com o povo português, que não confunde com aqueles que actualmente entravam as relações entre os dois países.

Sá Carneiro na Amadora

“QUEREMOS ELEGER OUTRO PRESIDENTE”

«Queremos eleger outro presidente» — disse Francisco Sá Carneiro ontem à tarde no uso da palavra durante o primeiro comício do PPD na Amadora. Sá Carneiro recusava o general Costa Gomes, que investiu com vigor algumas vezes excessivo, motivado pela mais recente decisão que o P.R. sancionou: o reconhecimento da República Popular de Angola.

O reconhecimento da R.P.A. foi o tema escaldante da sessão. Abordaram-no os oradores antes de Sá Carneiro, mas foi o secretário-geral do PPD que o tratou mais em força. Condenou vivamente a decisão, declarando que não deve-

ria reconhecer-se um Governo soviético-cubano em Luanda. De passo, criticou em termos de grande violência, o maior Melo Antunes, o P.C.P., o P.S. Disse que o P.P.D. é um partido de esquerda: «Ser de esquerda é ser contra o comunismo internacional e o social-marxismo»; «ser de esquerda é ser eminentemente social-democrata».

Noutro passo declarou que estará a preparar-se o que chamou uma nova «inventona», idêntica, disse, ao «11 de Março». «Há já pressões para afastar alguns militares democratas que surgiram em postos de comandos depois do 25 de Novembro» — denunciou.

Amaral em Gaia

C.D.S. vai às eleições para ganhar

PORTO, 24 — Concorrer às eleições para ganhar e fazer uma campanha exemplar — são os principais objectivos do C. D. S., segundo o seu primeiro dirigente, Diogo Freitas do Amaral, falando este fim-de-semana em Vila Nova de Gaia. Freitas do Amaral disse ainda que o C. D. S. vai concorrer sozinho, apresentando candidatos por todos os círculos.

Na exposição de alguns pontos programáticos, o presidente do partido centrista afirmou que o C. D. S. defende a propriedade privada não como fonte de privilégios mas como

defesa da liberdade: é sentimento natural do homem ser proprietário da casa que habita ou da terra que trabalha, transmitir o que ganhou em vida para o futuro dos seus filhos — assegurou.

Falando ainda no âmbito deste tema, disse Freitas do Amaral que a fonte de injustiças não é a existência da propriedade privada mas o facto de muitos não a terem. «A solução — preconizou — não é tirá-la aos que a possuem, mas fazer com que todos a tenham acesso — e isso atinge-se com a subida de nível de vida para o povo».

Cunhal em Moscovo

“DESEJAMOS QUE O P.S. SE VOLTE PARA A ESQUERDA”

SÓFIA, 23 — (F.P.) — O secretário-geral do P. C. P., Álvaro Cunhal, que chegou a Sofia na sexta-feira, encontra-se em Moscovo, onde assistirá aos trabalhos do 25.º Congresso do P. C. U. S.

Durante a sua estadia na capital búlgara, o líder comunista português teve conversações com o primeiro-secretário do P. C. búlgaro, e presidente do conselho de Estado, Todor Jivkov, tendo recebido, das mãos deste último, o prémio internacional Dimitrov.

ALIANÇA P. S.-P. C.

«Insistimos para que o Partido Socialista abandone a sua política de aliança com a direita», disse Álvaro Cunhal, numa entrevista concedida à rádio-difusão búlgara, antes de deixar Sófia. «Nós desejamos que o Partido Socialista se volte para o movimento operário e para as forças de esquerda. Isto significa, antes de mais, uma aliança com o Partido Comunista», acentuou Cunhal, acrescentando, por outro lado, que é necessário encorajar a tendência de certos membros do P. S. que compreendem a necessidade de colaborar com as organizações dos comunistas.

«As conversações que tive com o presidente Todor Jivkov decorreram num clima amisto-

so, tradicional nas relações entre os nossos dois partidos», disse ainda o «leader» do P. C. P., salientando, por outro lado, que as relações entre os dois partidos, tal como as relações entre os povos português e búlgaro, vão fortalecer-se de futuro. Estes contactos — comentou — tiveram um bom ponto de partida com o estabelecimento de relações diplomáticas entre Lisboa e Sofia.

«Os resultados da minha visita a Sofia são positivos, disse, em conclusão, o dirigente do P. C. P. Estamos convencidos de que teremos um efeito muito positivo para a nossa revolução, pois o desenvolvimento das relações com os países socialistas constitui uma forma de apoio à Revolução portuguesa».

«PRAVDA» FALA DA SITUAÇÃO PORTUGUESA

MOSCOVO, 23 — (ANOP) — O diário moscovita «Pravda», órgão central do Partido Comunista Soviético, manifesta «inquietação» pelo aumento da actividade «direitista e reaccionária» em Portugal.

O «Pravda» afirma que as forças reaccionárias em Portugal iniciaram acções militantes contra os «democratas», apoiadas pela sabotagem política dos partidos da direita que actuam na legalidade.

Nacional

PORTUGAL EM TEMPOS DE FASCISMO

A taxa de produção agrícola mais baixa da Europa

Portugal herdou do fascismo a taxa mais baixa de produção agrícola da Europa — afirma-se num relatório sobre a agricultura no nosso País, publicado na Revista da Associação Europeia do Comércio Livre (EFTA) com base em elementos anteriores ao programa de Reforma Agrária que está a ser aplicado.

A análise da produção das explorações agrícolas em Portugal, como em qualquer reforma agrária que se pretende introduzir, deve ter em conta a análise de dois pontos preliminares. O primeiro é o número de pessoas ocupadas na agricultura. Os dados conhecidos mostram que o número de pessoas com ocupação na agricultura passou de 40 por cento da população activa, nos princípios de 1960, para cerca de 28 por cento, em 1972/1973, percentagem que continua ainda elevada, em relação aos restantes países da A.E.L.E.

Esta redução resulta em parte do êxodo dos campos para as cidades, mas reflecte sobretudo a existência de um grande movimento emigratório para os países europeus.

Segundo um relatório da OCDE os emigrantes portugueses em 1974, representavam cerca de 7 por cento de toda a população nacional. Esta percentagem era a maior de todos os países que fornecem a força de trabalho estrangeiro para os países industrializados da Europa. A Jugoslávia, com cerca de 4 por cento da sua população emigrada, era o país que estava mais perto de nós.

Em segundo lugar é neces-

sário ter em conta que cerca de 70 por cento das explorações agrícolas produzem unicamente para satisfazer a subsistência daqueles que a trabalham.

Este número resulta em grande parte da existência sobretudo no Norte do País, de um número muito elevado de explorações agrícolas com uma pequena superfície. As grandes explorações com mais de 50 hectares representam 53 por cento das terras cultiváveis mas são apenas 1,1 por cento de todas as explorações rurais. Por outro lado cerca de 97 por cento das explorações têm uma superfície inferior a 20 hectares e ocupam apenas 37,5 por cento das terras agrícolas. Entre estes dois extremos, 20 e 50 hectares, existem 2,2 por cento das explorações que ocupam 9,8 por cento das terras cultiváveis.

EXTRAORDINÁRIO AUMENTO DA PRODUÇÃO DE TOMATE

No início do ano o INE publicou um inquérito sobre a alimentação e a agricultura em Portugal, em que compara as estatísticas referentes ao triénio de 1971/73 com os anos 1961/63. Os dados da produção agrícola revelam grandes modificações. A maior modificação registada é a do extraordinário crescimento da produção de tomate para a indústria de concentrados do mesmo produto. A produção de tomate aumentou de 136 967 toneladas anuais, entre

1961/63, para 800 000 toneladas nos três primeiros anos da década de setenta. Uma das razões essenciais deste crescimento reside ao facto de que no seio da AELE o concentrado de tomate foi tratado como um produto industrial que obteve a supressão dos direitos aduaneiros a partir de 1966.

A margarina, outro produto que segundo os dados INE conheceu um crescimento particularmente rápido. Nos três primeiros anos da década de 1970, a média anual de produção de margarina aumentou 4 vezes mais do que nos três primeiros anos da década de sessenta. Este aumento resulta principalmente da substituição do azeite, cuja produção baixou para metade especialmente por causa dos elevados custos de mão-de-obra que aumentaram os custos de produção e reduziram a competitividade do seu preço. A produção da carne aumentou neste mesmo período embora em menor grau.

Além do azeite, a manteiga sofreu uma redução de cerca de 42 por cento. Esta redução foi coberta pelas importações.

O volume da produção dos principais cereais (trigo, milho, cevada) não sofreu grandes alterações no período a que nos estamos a referir. De qualquer modo os rendimentos das culturas cerealíferas são relativamente baixos e não é possível aumentar a superfície de cultivo porque estão já a ser utilizadas áreas com maior aptidão para a silvicultura. Restam os recursos técnicos químicos e mecânicos, em especial,



Não houve progresso na adaptação dos meios de produção às exigências quantitativas e qualitativas do mercado

As importações de milho aumentaram 16 vezes.

O aumento das importações de milho é a mudança mais espectacular que se regista no campo de importações. A média anual registada nos três primeiros anos de 1970, 700 mil toneladas, representa cerca de 16 vezes mais do que as importações médias anuais do mesmo produto durante três anos compreendidos entre 1961/1963. A produção de milho está a baixar, atingindo o mesmo quantitativo das importações.

A carne é outro produto que importamos em grandes quantidades do estrangeiro. O volume das importações flutua de ano para ano de acordo com as variações da produção nacional. Atingiu entre 1971/1973, valores médios anuais três vezes e meia mais elevados do que nos três primeiros anos da década de sessenta.

O açúcar é o produto que ocupa o terceiro lugar nas nossas importações de produtos alimentares. O número de toneladas importadas cresceu 55 por cento e o seu valor duplicou nos 10 anos entre os princípios de 1960 e de 1970.

O consumo de produtos alimentares modificou-se com o aumento do nível de vida. Os alimentos tradicionais, tais como os cereais, o vinho e o azeite, perderam a sua importância em favor dum rápido cresci-

mento do consumo de origem animal, embora estes continuem a ser uma parte pouco importante da alimentação dos portugueses, em confronto com os países industrializados da Europa.

A relação entre a produção e o consumo durante os referidos 10 anos mostra que não houve progresso na adaptação da produção às exigências qualitativas e quantitativas do consumo da população.

O aumento da produção agrícola registou neste período a taxa de 0,6 por cento, a mais baixa da Europa. A incapacidade da produção agrícola satisfazer a procura dos consumidores, especialmente de carne, provocou um aumento das importações e contribuiu para o desequilíbrio da balança de pagamentos. Entre 1961 e 1973 as importações agrícolas aumentaram (13,5 por cento) mais rapidamente do que as importações de produtos não agrícolas. As importações dos produtos agrícolas contribuíram com 22 por cento para o défice total da balança comercial.

A participação da produção nacional para satisfazer as necessidades do consumo de produtos agrícolas varia de produto para produto. Contribuiu com 71 por cento para o consumo da carne de boi com 89 por cento para o consu-

mo da carne de porco, 86 por cento do queijo, 33 por cento da manteiga, 82 por cento do azeite, 67 por cento dos cereais. A produção de vinho e ovinos é suficiente para o consumo.

É difícil determinar com alguma precisão o nível dos rendimentos agrícolas e a sua distribuição pelas diferentes regiões de Portugal ou de as comparar com outros sectores. Todavia pode-se medir com certa precisão o rendimento do sector agrícola e o valor acrescentado da respectiva produção.

O valor acrescentado por cada pessoa empregada na agricultura passou de 23 500 escudos em 1968, para 34 000 escudos em 1972. Durante o mesmo período, o valor acrescentado por trabalhadores dos outros sectores foi, respectivamente, de 50 mil e 70 mil escudos.

A contribuição da agricultura para o crescimento económico de Portugal foi, segundo os dados do relatório da AELE praticamente nula. Enquanto o produto nacional bruto aumentou, durante o período de 1963 a 1973 para mais do dobro, a taxa de crescimento médio de 8 por cento a preços constantes, o produto bruto agrícola ficou mais ou menos ao mesmo nível, com uma taxa de crescimento anual médio de 0,8 por cento.



28 por cento da população activa entregava-se, no ano de 1973, à agricultura

Construídos 43.402 fogos em 1974

Durante 1974 foram construídos 43.402 fogos em 20.209 edifícios, no valor aproximado de 11 milhões e 500 mil contos, segundo os dados da «Estatística da Construção e Habitação» recentemente distribuídas pelo I.N.E. e referentes àquele ano. Apesar das perturbações do sector, os valores referidos são ligeiramente superiores aos registados em 1973: mais 99 fogos. Entretanto nos distritos de Setúbal (6.249), Lisboa (11.316 fogos), Porto (5.292), Braga (2.924), Faro (3.408) e Leiria (2.197), foram construídos mais de 77 por cento do total dos fogos construídos para habitação no Continente e Ilhas.

Além dos referidos edifícios para habitação foram construídos mais 2.751 para a agricultura, silvicultura, pesca e pecuária, 450 para a indústria transformadora, 186 para o sector do comércio, bancos, seguros e operações sobre imóveis, 174 para o sector da educação e saúde e 3.444 para outros fins.

O valor de todas as obras concluídas foi calculado em cerca de 21.421 mil contos, tendo sido consumidos materiais e lubrificantes no valor aproximado de 21.397 milhares de contos e energia no valor de 550 mil contos.

Na última semana do mês de Dezembro trabalhavam neste sector de actividade 223.724 operários efectivos, que receberam 9.782 milhares de contos de ordenados e salários dos cerca de 14 milhões de contos gastos em remunerações pelo sector.

O índice total do custo da construção (materiais e mão-de-obra) de edifícios para habitação na cidade de Lisboa

passou de 233,5 no mês de Dezembro de 1973 para 293,1 no mesmo mês de 1974, na construção de prédios com três pavimentos e dois fogos por pavimento. Este índice foi particularmente influenciado pela evolução dos custos da mão-de-obra, que passou de 388,6 para 517,8 entre os mesmos períodos, e que se encontrava com remunerações muito baixas.

Nota oficial

Do Ministério da Administração Interna recebemos o seguinte nota oficial sobre o recenseamento dos cidadãos embarcados durante o prazo do recenseamento ou fisicamente impossibilitados de assinar o verbete de inscrição ou de nele aporem a sua impressão digital:

«1. O Decreto-Lei n.º 25-A/76 de 25 de Janeiro, disciplinador do recenseamento eleitoral, para 1976, prescreve o princípio da universalidade do recenseamento, acrescentando ser não só direito mas também dever de todo o cidadão com capacidade eleitoral verificar se está inscrito ou promover a sua inscrição.

2. Porém, iniciado o prazo do recenseamento, hipóteses práticas surgiram a que é necessário atender, a fim de salvaguardar, tanto quanto possível, aquele desiderato legal.

E o caso, concretamente, dos cidadãos civis ou militares que estarão embarcados durante todo o prazo do recenseamento e que fazem dessa situação o seu modo de vida, não podendo por aquele motivo assinar os res-

pectivos verbetes de inscrição e os cidadãos que, privados de ambas as mãos por qualquer impossibilidade física não podem nem assiná-lo nem apor neles a impressão digital.

3. Nestas hipóteses devem as comissões de recenseamento aceitar os respectivos verbetes quando devidamente preenchidos e embora não assinados pelo cidadão a inscrever, desde que estejam assinados pelo cidadão representante nos termos legais, e sejam acompanhados de:

1) Documento certificativo da sua situação de embarcado durante todo o prazo do recenseamento e passado;

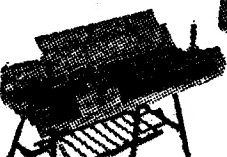
A) No caso dos embarcados civis pela companhia armadora do navio, em que se encontre o cidadão a inscrever;

B) No caso dos embarcados militares pelo departamento militar respectivo;

2) Atestado médico comprovativo dessa impossibilidade para os cidadãos titulares da impossibilidade física referida.»

BROTHER

MAQUINAS DE TRICOTAR



uma sensacional criação japonesa. A máquina que tem recursos para a ajudar a ganhar dinheiro. Peça uma demonstração sem compromisso aos representantes:

ELECTRIPORTO

Rua Rodrigues Sampalo, 193
Telefone, 20238 — PORTO

Em Lisboa:
R. dos Anjos, 21-A—Tel. 532251

Consulte o Agente da sua localidade. Se não o encontrar, escreva-nos.

QUEDA

DOS CABELOS

E A CASPA EVITA SE USANDO

PETROLEO OLEX

que contém

ETER DE PETROLEO
E é recomendado para
D - Pantenol

Conto L. 1974

Se usa

PETROLEO OLEX
prefere o concentrado
é mais eficaz

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA

DEPART. DE CONFECCOES

Av. João XXI, 5-D — R. Infanteria 16, 55-C — LISBOA

Nacional

Avaliação contínua de conhecimentos no Ensino Primário

Durante o período de regime experimental dos actuais programas, a avaliação do ensino primário elementar efectuar-se-á de forma contínua, segundo deliberação datada de 30 de Janeiro da Secretaria de Estado da Orientação Pedagógica. Para obstar ao «constrangimento imposto pela passagem ou reprovação no final de cada ano lectivo», o processo de avaliação far-se-á ao longo de duas fases da escolaridade, tendo como obrigatório o registo sistemático de informações sobre o seu aproveitamento escolar.

A participação do aluno, individual ou colectivo, torna-se assim fundamental, bem como serão estabelecidos contactos periódicos com os encarregados de educação, de molde a garantir elementos de avaliação de final de período. Entretanto, e tendo em conta que a primeira fase não constitui um grau de ensino, são dispensadas as provas finais de aproveitamento, «fazendo-se a avaliação através do estudo do processo individual do aluno, com a participação de um professor que tenha licenciado a 2.ª fase e, sempre que possível, com o professor que se supõe irá receber o aluno na fase seguinte.» As provas finais da segunda fase constarão de uma prova escrita, outra oral e um trabalho colectivo.

LOCAIS ONDE DEVEM SER LEVANTADAS AS FICHAS DE AVALIAÇÃO

O M.E.I.C. fez distribuir ontem um rol de locais e datas onde os estabelecimentos de ensino devem levantar as fichas para o novo processo de avaliação do 1.º ano de ensino preparatório e do 7.º ano de escolaridade.

As fichas deverão ser levantas

tadas nas respectivas capitais de distrito. Exceptuam-se os estabelecimentos de ensino dos concelhos de Almada, Barreiro e Seixal, que deverão levantar as respectivas fichas nas respectivas capitais de distrito.

A referida lista é a seguinte:
Distrito de Aveiro — Escola Industrial e Comercial de Aveiro, dia 25/2; distrito de Beja — Liceu Nacional de Beja, dia 25/2; distrito de Braga — Escola Preparatória André Soares, dia 25/2; distrito de Bragança — Escola Industrial e Comercial de Bragança, dia 25/2; distrito de Castelo Branco — Escola Preparatória Afonso de Paiva, dia 25/2; distrito de Coimbra — Liceu D. Duarte, dia 25/2; distrito de Évora — Escola Preparatória André Resende, dia 25/2; distrito de Faro — Escola Preparatória D. Afonso III, dia 25/2; distrito de Guarda — Liceu Nacional da

Guarda, dia 25/2; distrito de Leiria — Escola Industrial e Comercial de Leiria, dia 25/2; distrito de Lisboa — nas respectivas direcções-gerais (nas datas já comunicadas); distrito de Portalegre — Liceu Nacional de Portalegre, dia 25/2; distrito do Porto — Escola Comercial Oliveira Martins, dia 25/2; distrito de Santarém — Liceu Nacional de Santarém, dia 25/2; distrito de Setúbal — (com excepção dos estabelecimentos dos concelhos de Almada, Barreiro e Seixal) — Escola Preparatória de Bocage, dia 25/2; concelhos do Barreiro, Seixal e Almada — nas respectivas direcções-gerais, dia 25/2; distrito de Viana do Castelo — Escola Industrial e Comercial de Viana do Castelo, dia 25/2; distrito de Vila Real — Liceu Nacional de Vila Real, dia 25/2; distrito de Viseu — Escola Preparatória de Viseu, dia 25/2.

Órgãos do I.S.T. declarados incompetentes

Os órgãos do Instituto Superior Técnico não são competentes para passar documentação referente não só à admiss

Director-geral do Ensino Secundário

O cargo de director-geral do ensino secundário é ocupado interinamente, desde o passado dia 18, pela dr.ª Maria Alice Nobre Gouveia, professora efectiva do 1.º grupo do Liceu Nacional Infanta D. Maria, de Coimbra.

são como ao aproveitamento escolar dos alunos no presente ano lectivo, segundo anuncia a Secretaria de Estado do Ensino Superior e Investigação Científica.

O despacho que retira a competência aos órgãos do I. S. T. diz que «dadas as irregularidades verificadas (...)» «não é reconhecida validade a qualquer acto ou documento executado em contravenção com esta determinação». O documento acrescenta que «não é também reconhecida a validade dos actos académicos praticados no I. S. T. sem o estrito cumprimento e aceitação por docentes e discentes, da legislação em vigor».



Vítor Alves na Jugoslávia

O major Vítor Alves, ministro da Educação e Investigação Científica, parte na próxima quarta-feira para Belgrado, a convite do Governo da Jugoslávia e no início de uma visita de quatro dias a este país.

O titular do MEIC deverá visitar igualmente a Suécia de 7 a 11 de Março.

Escola de Palmela recorre ao M.E.I.C.

A Escola Secundária de Palmela exigiu ao M. E. I. C. que as colocações de professores fossem completadas até ontem, data limite em que deveriam começar a trabalhar todos os sectores de molde a garantir que os programas fossem cumpridos até ao fim do ano lectivo.

Por outro lado, a assembleia geral da Escola pediu ao Ministério que abra discussão sobre programas mínimos a cumprir e os processos de avaliação a utilizar para balanço entre as disciplinas assistidas por professores desde o início e aquelas que não foram, bem como o apetrechamento conveniente do material necessário.

Foi a sepultar João Pedro Ruivo

Faleceu no passado dia 20 em Lisboa o sr. João Pedro Ruivo, de 84 anos de idade, nosso antigo correspondente em Campo Maior.

O extinto, natural daquela vila alentejana, foi desde jovem um pertinaz lutador pelos ideais da liberdade, Direitos do Homem e justiça social, tendo sido militante activo para a implantação e consolidação da República na sua terra e no distrito de Portalegre, onde também muito fez pela aceitação do socialismo.

Membro do Partido Democrático, acompanhou na cisão a ala esquerda de Domingos dos Santos.

Novo ainda, colaborou em jornais republicanos e sindicalistas, denunciando a exploração pelos grandes agrários da região a que eram submetidos os camponeses e operários, classe a que pertencia.

Aos 14 anos encetou a sua colaboração regular no jornal «Fronteira» e mais tarde na «A Luta» e «O Mundo». Na vila natal iria fundar dois jornais: «O Compomaiorense» e «Notícias de Campo Maior». Colaborou ainda em jornais da província e foi correspondente, entre outros, do Diário de Lisboa, «Diário de Notícias», «O

Século» e «República».

Ao tempo da I República João Pedro Ruivo sobressaiu como delegado do Governo no concelho de Campo Maior. Depois, com o advento da ditadura, e em face das perseguições movidas pelos senhores da terra, teve que abandonar Campo Maior. Foi assim tesoureiro da Fazenda sucessivamente em Borba, Estremoz e Évora, terminando a carreira nesta última cidade, onde igualmente promoveu diversas actividades culturais (como a fundação da delegação local da Alliance Française) e de momento turístico.

João Pedro Ruivo era pai da dra. Beatriz Ruivo, do dr. Mário Ruivo, antigo ministro, e do pintor Henrique Ruivo, pintor e nosso colaborador, e irmão de D. Maria da Encarnação Ruivo.

Antigo combatente na I Grande Guerra, ficou sepultado no respectivo talhão do cemitério do Alto de S. João. Por expressa determinação do extinto a participação do falecimento veio a ser diferida e o funeral foi civil.

A família enlutada, em especial a Mário e Henrique Ruivo, apresentamos os protestos do nosso pesar.



João Pedro Ruivo

C. P. — Caminhos de Ferro Portugueses AVISO CONCURSO

Até às 17 horas do dia 26 de Fevereiro de 1976, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração do bufete da estação de Barcelos.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das instalações é de 7 500\$00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da C. P. a quantia de 1 250\$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais, que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

— Barcelos
— Viana do Castelo
— Serviço Comercial da Região Norte
PORTO (SÃO BENTO)

— Serviço Comercial da Região Centro
LISBOA (SANTA APOLÓNIA)

— Serviço Comercial de Passageiros
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA - 2

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, Estação de Santa Apolónia, 1.º andar — LISBOA - 2, acrescentando-se àquele endereço, no invólucro, o seguinte:

«Proposta para a exploração do bufete da estação de Barcelos.»

SECRETARIA DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR

COLOCAÇÃO DE PROFESSORES II FASE INFORMAÇÕES

Está neste momento a decorrer o trabalho de colocação dos candidatos incluídos na II Fase pelo que como sucedeu nas fases anteriores não são prestadas quaisquer informações no CIREP e na Comissão Central de Colocações sobre o andamento dos trabalhos e até à conclusão desta fase.

No entanto, o MEIC irá fornecendo aos órgãos de Informação os elementos indispensáveis para uma constante informação sobre o andamento da actual fase do processo de colocações.

O MEIC solicita a compreensão de todos os interessados, pois esta medida visa apenas acelerar a conclusão dos trabalhos em curso.

MULHER É SEMPRE NOTÍCIA

«Um livro que é um
desassombro»



SEM
PAPAS
NA
LÍNGUA

as memórias
da menina da franjinha
BEATRIZ COSTA

«NINGUÉM TEVE A CORAGEM
DE DIZER O QUE EU DIGO» —
«JÁ QUE ESTOU NA FOGUEIRA,
QUE ARDA ATÉ AO FIM»

Com um prefácio de
JORGE AMADO

4.ª edição

Uma edição
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Trabalho

CAMIONAGEM ESTEVES

Ex-patrão tenta dividir para voltar a reinar

«Está a chegar a hora do ajuste de contas», ameaça o ex-patrão da empresa de camionagem Esteves, com sede em Santa Iria de Azoia.

Em cartas cada vez mais frequentes, dirigidas à comissão de trabalhadores e pessoalmente a alguns deles, o ex-patrão «mistura as ameaças com os aliciamentos, com o fito de nos dividir e nos desmoralizar. Isto nos dizem os elementos da comissão de trabalhadores, com quem conversámos sobre a actual situação na empresa e os motivos que a determinam».

«Com as cartas, ele cria medo em muitos trabalhadores que pensam: ele é capaz de voltar, o melhor é a gente desligar-se da comissão de trabalhadores...» Acrescentam-nos, no entanto: «Do lado dos trabalhadores mais conscientes não há qualquer dúvida em considerar a comissão eleita como sendo quem efectivamente manteve a empresa a funcionar, garantindo os postos de trabalho, quando o patrão decidiu refugiar-se no Brasil».

Efectivamente, no ano passado, Fernando Esteves, des-

pediu-se, alegando que dado o «caos económico», não via solução para a empresa «a curto e a médio prazo», pelo que se via obrigado a «refazer a vida (aos 60 anos) noutra local». Assim abandonados, os trabalhadores organizaram-se e desencadearam, com êxito, o processo de luta.

Entretanto, ainda com a presença de Fernando Esteves, algum tempo depois do 25 de Abril foi feita uma sindicância às contas da empresa, nada se tendo apurado, ao que nos dizem «devido ao colaboracionismo do guarda-livros». Enquanto isto, «os ordenados atravavam-se, assim como o pagamento das horas extraordinárias e os carros tiveram de começar a abastecer-se noutras bombas, pagando o gás mais caro. Alguns carros encostavam por falta de peças. Por seu lado, o patrão confiava aos seus amigos que, no dia em que fossem para lá com intervenções do Estado, se poria a andar».

Foi nessa altura que os trabalhadores decidiram efectuar diligências junto do Governo, designadamente do Ministério

do Trabalho. A firma atingira um passivo que rondava os 110 mil contos. Quando, em Julho, o patrão se passou para o Brasil, já rondava os 180 mil. Estava em causa o futuro dos cerca de 500 trabalhadores de uma empresa cujo proprietário, segundo nos afirmaram, «sonhava em transformar no maior terminal TIR da Europa, engolindo outras pequenas empresas do sector». O pagamento de salários e os descontos à Previdência foi inicialmente garantido por um aval do Estado de 4200 contos. Actualmente está recuperado o crédito perdido na Sacor, Mobil e BP, normalizou-se o funcionamento dos carros e a dívida herdada pelos trabalhadores vai sendo amortizada gradualmente.

BANDOLEIROS COMUNISTAS

É precisamente quando a luta desencadeada começa a resultar numa estabilização da vida da empresa que as manobras divisionistas começam a criar em alguns trabalhadores sentimentos de incerteza e de medo. Os acontecimentos a que o País assistiu no dia 25 de Novembro, a partir dos quais, como é sabido, se desencadeou todo o processo que tende ao regresso de ex-patrões sabotadores da economia, teve, na Camionagem Esteves, consequências muito

particulares.

A este propósito, relataram-nos: «Estivemos sempre com a Revolução, conforme demonstrámos no 28 de Setembro e no 11 de Março. No dia 25 de Novembro tivemos camiões em Monsanto. Foram apreendidos pelos «comandos» e alguns trabalhadores estiveram detidos. Pois enquanto nós fazíamos tudo para libertar os camiões e os nossos camaradas, os amigos que o patrão ainda cá tem em alguns sectores procuravam que nós fôssemos presos e pediam um inquérito rigoroso à comissão de trabalhadores. Puseram a correr que, com os acontecimentos de Monsanto, os camiões tinham sofrido prejuízos de dois mil contos, quando a despesa com eles foi de seis mil escudos. Tudo para criar divisões. Agora são as cartas do patrão e do filho que infelizmente encontram algum eco, sobretudo em alguns conhecidos reaccionistas e nos trabalhadores mais despolitizados, uns aproveitando, outros impressionando-se com «os nomes feios», que o patrão e o filho nos chamam nas cartas que escrevem a este e àquele. «Bandoleiros comunistas» é um dos «mimos» que nos são dirigidos. Mas nós continuamos seguros da nossa razão e a vida na empresa há-de prosseguir normalmente».

Lisboa, 4 de Fevereiro de 1976

A COMISSÃO DE TRABALHADORES DA CAMIONAGEM ESTEVES, LISBOA

CARTA PARA SER LIDA A TODOS OS TRABALHADORES.

Senhoras e Senhores:

Esta é a la. carta que vos escrevo após a minha saída de Portugal, e é com certeza a última, pois, pouco mais tempo vos resta de poleiro, pouco mais tempo vos resta para destruir, o que levou anos a construir.

O Sr. Esteves, meu Pai, trabalhou durante uma vida inteira 40 anos, e em 7 Anos fez uma Empresa de Transportes a maior do País, que os Senhores com a vossa boa e má administração (e/financiamentos do Estado, etc...), se encarregaram de destruir em 7 Meses.

Pergunto pois a toda a gente: qual será a boa administração? A feita por meia dúzia de garotos inconscientes, ou a feita pelo Sr. Esteves?

Espero pois que todos os verdadeiros trabalhadores meditem bem, lembrando-lhes contudo que justiça há-de ser feita.

Atenciosamente
Fernando António Gandra Esteves

Um exemplo, entre outros, da maneira como os ex-patrões procuram dividir os trabalhadores da Camionagem Esteves. Os ataques à comissão de trabalhadores — que manteve a empresa de pé — sobem de tom ultimamente...

Sindicato dos Enfermeiros contesta alunos de enfermagem

A direcção do Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul enviou-nos uma «réplica» à carta publicada neste Jornal no passado dia 16, sob o título «Alunos de Enfermagem Falam do Diploma Único». A resposta contesta afirmações de um grupo de alunos de enfermagem, que a direcção do Sindicato considera «teleguiados pelos caciques do grupelho Pró-Sindicato».

Aqueles alunos tomaram po-

sição contra o diploma para o Curso de Promoção, documento que, por seu turno, a direcção do Sindicato afirma «ter uma importância extraordinária para o futuro da enfermagem pois permite arranjar o ponto de partida justo, sem discriminações».

Para lá do elogio do «diploma único», o texto «réplica» que nos foi enviado envolve, nomeadamente, a defesa da semana de trabalho de 36 horas e um ataque ao Serviço

Cívico. A direcção do Sindicato em causa chama-lhe «familiarizado» e considera que muitos dos alunos o estão a cumprir «oportunistamente». O texto remata com a seguinte fórmula de autocritica: «Mas também nós, Sindicato, temos que nos penitenciar, pois já devíamos ter corporizado um velho sonho, isto é, arranjar um Estatuto especial, para trazer os alunos de enfermagem, futuros colegas para dentro do Sindicato».

Guérin:

reunião de trabalhadores

Delegados sindicais e comissão de trabalhadores da Guérin, reúnem ao fim da tarde para estudar a proposta da administração para pagamento dos retroactivos.

A administração, na passada sexta-feira, deu a resposta aos representantes dos trabalhadores. Mantiveram a proposta que já tinham feito. Pagamento dos retroactivos, em oito prestações, com início nos fins de Abril.

O conflito na Guérin já levou a uma paralisação progressiva na empresa. Só amanhã, se poderá conhecer a decisão dos trabalhadores. Recordando que os retroactivos ascendem a cerca de dez mil contos. Todos os trabalhadores da Guérin recebem segundo a tabela salarial dos metalúrgicos.

COMÉRCIO DE SETÚBAL DENUNCIA A OFENSIVA DO CAPITAL

Num extenso comunicado em que analisa a actual situação sindical, o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Setúbal começa por denunciar «a ofensiva do patronato reacccionário e as acções de «capitalistas e reacccionários bombistas» contra as nacionalizações, a Reforma Agrária, o controlo operário, os direitos de reunião e associação, direito do livre exercício da actividade sindical, direito à greve, direito de livre expressão e pensamento e negociações de Contratos Colectivos de Trabalho. Considera que «o Capital está a recuperar de facto posições e lucros perdidos», no que é «ajudado» pelo «aumento de custo de vida e o congelamento da contratação que tanto afectam as massas exploradas» e aponta como exemplos daquela «recuperação» o que se tem passado nomeadamente em certas empresas com intervenção do Estado. São os seguintes os casos referidos: Têxtil Manuel Gonçalves, Martins e Rebelo, Facar, Rosol, Têxteis de Tomar, Maiombe, Mealheiro do Lar, Pão de Açúcar, A.C. Santos, Nutripol e Boa Ajuda Modelar. No caso dos quatro últimos supermercados, o comunicado denuncia a acção levada a cabo por certos «indivíduos e grupos que nada têm a ver com os interesses dos trabalhadores.» Pergunta a propósito: «Será que caixeiros, escriturários ou mesmo alguns gerentes de lojas e serviços têm interesse em ver destruídas as suas organizações de base (Comissão de Trabalhadores, Comissão Coordenadora, Comissões Sindicais, etc.)?»

T Depois de afirmar, mais adiante, ser «triste que haja trabalhadores objectivamente a defender os interesses do capital», o comunicado do Sindicato do Comércio de Setúbal avança: «Há quem ponha em causa a existência de uma estrutura organizativa dos trabalhadores, montando de imedia-

to um sistema hierárquico apertado e repressivo. Há quem aproveite das contradições existentes para atirar trabalhadores contra trabalhadores, numa luta desoladora de desmoralização e descrédito, desviando a atenção de trabalhadores de factos que os deveriam preocupar».

Depois de enquadrar neste panorama o processo que conduziu ao recente afastamento da Comissão Administrativa do Pão de Açúcar, o comunicado termina: «As pessoas que fomentam a divisão, o boato, a calúnia e a destruição das estruturas dos trabalhadores, têm objectivos a servir, bem definidos, que são a recuperação das empresas para o capital monopolista».

Sabem que só um sistema reacccionário-fascista apoiado por uma polícia repressiva, pode criar as condições que lhes permitam explorar os trabalhadores e acumular lucros. Por isso nos estão desde já a intimidar. Estão, a habituar-nos psicologicamente para essa situação de facto consumado.

Os trabalhadores, ultrapassando naturais divergências ideológicas, tendo em mente os seus interesses de classe, podem criar a unidade onde esbarra o ataque das ondas reacccionárias-fascistas e servir de base de apoio à construção de uma sociedade mais justa.»

A luta continua na Blandy Brothers

As operárias da Companhia Blandy Brothers (OPS) no Funchal, que se encontram em luta há quatro meses para conseguir a reconversão da fábrica onde trabalham por a mesma estar em riscos de encerrar, estão a proceder a tentativas junto do Governo no sentido do problema vir a ser resolvido urgentemente.

Assim, em moção aprovada num plenário com vista à reconversão e, no caso dela não se verificar, exigir junto do Governo que a empresa lhes pague as indemnizações previstas por lei.

Por sua vez os trabalhadores da Indelma e os delegados sindicais do sector dos fabricantes de material eléctrico do Sindicato dos Electricistas do Sul apoiam, através de moções, as duzentas e trinta trabalhadoras na luta contra os despedimentos.

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA

COMISSÃO ELEITORAL

- a) De acordo com o Regulamento Eleitoral, a Campanha Eleitoral, inicia-se no dia 23, às 0 h.
b) Concorrem as seguintes listas:

- A — Unir os Professores, Organizar o Sindicato, Transformar o Ensino
- B — Combater, Mobilizar, Unir — Por uma Prática Sindical Anticapitalista
- C — Pela Democracia! Pela Independência Nacional!
- D — Por um Sindicato dos Professores Democrático e Independente
- E — Unir os Professores — Pôr a Escola ao Serviço do Povo Trabalhador
- F — Por um Sindicato Único e Democrático! Pela Escola Nova! Luta! Unidade! Vitória! Lista de Unidade antifascista e anti-social-fascista!

A Lista C apenas concorre ao Conselho Fiscal.

- c) Os programas e os cadernos eleitorais, deverão ser levantados pelos Delegados Sindicais, ou, nas escolas onde não existam, por professores que se responsabilizem pela distribuição, para as escolas dos distritos de Santarém e Setúbal, nas delegações sindicais, Edifício do Seminário, Sala 2 e Av. Luisa Todt, 366 r/c, respectivamente, no dia 24, entre as 14 horas e as 21 horas, e, para as escolas do distrito de Lisboa, na sede do Sindicato, R. das Gaivotas, 6, entre as 9 horas e as 21 horas.
d) Os delegados sindicais, ou os professores que os substituíam, terão de afixar os cadernos eleitorais nos respectivos Núcleos Sindicais de Base.
e) Os cadernos eleitorais serão igualmente afixados nas Sedes do Sindicato, R. Conde Redondo, 22, 1.º e R. das Gaivotas, 6, e nas delegações de Santarém e Setúbal.

A COMISSÃO ELEITORAL

Trabalho

Sindicatos bancários acusam o Banco Inglês

O banco inglês em Portugal «vem aplicando uma política de pessoal verdadeiramente atentatória da dignidade dos trabalhadores bancários e dos trabalhadores em geral», e praticando «uma política de boicote sistemático à Economia Nacional» — denunciam os Sindicatos dos Bancários do Centro, do Norte e do Sul e Ilhas.

O Bank of London e South América, agência da multinacional financeira Lloyds Bank Internacional, «é o único banco que ainda não integrou as trabalhadoras dos serviços de limpeza, que continua a explorar de conclusão com empresas de intermediários da mão-de-obra, recorrendo a todos os malabarismos jurídicos para se tentar justificar», revelam os sindicatos.

Por outro lado, o banco inglês estaria a furtar-se ao cumprimento da legislação do trabalho, designadamente no que respeita ao nívelamento, «jogando com a lei, a falta de firmeza dos vários Governos e com a anuidade de alguns trabalhadores defensores de privilégios de minorias».

Os sindicatos informam, ainda, que o banco atribuiu recentemente aumentos salariais, que vão «desde cerca de uma dezena de contos (para os quadros) até cerca de 300 escudos (para o pessoal menos favorecido)».

A agência do Lloyds é acusada de praticar impunemente «actos de sabotagem económica», nomeadamente mantendo grandes volumes de dinheiro sem movimentar e recusando depósitos a prazo, inclusive de emigrantes».

FUNDOS PARA A REFORMA AGRÁRIA

Os trabalhadores judiciais do Tribunal da Marinha Grande decidiram, em plenário e por unanimidade, constituir uma comissão de apoio à Reforma Agrária, com o objectivo imediato de recolher fundos junto dos diversos organismos integrados no Ministério da Justiça ou a ele ligados de alguma forma. Os fundos assim obtidos serão depois encaminhados para as cooperativas agrícolas de produção ou herdadas colectivas mais necessitadas.

As contribuições deverão ser enviadas no prazo de 30 dias para aquela comissão (sigla: CARAT/M. Grande), a funcionar no tribunal da Marinha Grande, sugerindo-se que a respectiva importância corresponda a um dia de trabalho. Os fundos recolhidos serão depositados, até à sua entrega final, na Caixa de Depósitos desta vila, em conta aberta para o efeito, pela qual ficarão responsáveis os membros da comissão (constituída por um juiz de direito, um dele-

gado do procurador da República, um chefe de secretaria e dois escrivães).

«NÃO PODERÁ HAVER DIVISÃO»

Impõe-se que os trabalhadores, que o povo português tome consciência do perigo que ameaça a liberdade reconquistada em 25 de Abril, unindo os seus esforços numa acção unitária, para a qual não poderá haver divisão por opção política — adverte a comissão permanente de trabalhadores da Sepsa.

A assembleia de delegados da C.P.T. manifesta a «mais viva repulsa pelos actos terroristas da reacção fascista», reclamando «medidas enérgicas e necessárias para pôr fim ao terrorismo».

Os trabalhadores da Sepsa, analisando os últimos acontecimentos registados no nosso país (escalada terrorista, violência de patrões reacçãoários), estabelecem um paralelo com a situação que precedeu o golpe de 28 de Maio de 1926, concluindo que «a reacção pretende reimplantar o fascismo em Portugal». Daí, a advertência.

EMOLUMENTOS SÓ PARA ALGUNS?

Os escrivães-dactilógrafos e ajudantes de escrivão dos Tribunais do Trabalho do Porto, sendo os «únicos oficiais de justiça, em todo o País, que não têm acesso à parte emolumentar» que nos restantes tribunais é paga a todas as categorias de funcionários, pediram ao ministro do Trabalho que ponha termo a esta «situação discriminatória e humilhante».

Aqueles funcionários «asseguram praticamente todo o serviço e consequente funcionamento dos tribunais, cabendo a uns e a outros o ordenado ilíquido de 5500 e 6100 escudos respectivamente, enquanto, por exemplo, o de um escrivão ascendente, com parte emolumentar, a 13.349 escudos, e o de um chefe de secretaria a 14.044 escudos» — lembra a comissão de trabalhadores do Tribunal do Trabalho, a este respeito.

«Não é praticando anormalidades destas que se pode anular ou reduzir as diferenças e as injustiças sociais» — concluem os oficiais de justiça.

Comissão de unidade da C.U.F. denuncia «acção provocatória»

A Comissão de Unidade dos Trabalhadores da CUF denunciou como «acção provocatória» inserida num processo que foi esquematizado para todo o País para recuperação das empresas pelos ex-patrões «a atitude de dois trabalhadores, «elementos da Comissão de Unidade, a qual não têm dado o mínimo apoio».

Segundo um longo comunicado, Ricardo do Espírito Santo e Carlos Dias da Silva teriam

percorrido todos os andares da sede da empresa em Lisboa «informando os trabalhadores que a CUF estava a mobilizar os trabalhadores do Barreiro para invadir a sede». Depois de arrancarem «todos os cartazes afixados relativos à nacionalização», impediram a saída normal de veículos e espalharam «o boato que as fábricas do Barreiro iam paralisar». Teriam também dito que «os trabalhadores do Barreiro se encontram divididos no que respeita à nacionalização».

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES

Trabalhadores suspensos perguntam: "afinal quem manda neste País?"

Em comunicado distribuído aos jornais os 17 trabalhadores suspensos pela administração da têxtil Manuel Gonçalves perguntou se a paralisação verificada na última semana foi uma greve ou «lock out». Os trabalhadores denunciaram no seu comunicado as irregularidades cometidas, nomeadamente quanto à sua suspensão, afirmando que as decisões superiores têm sido sistematicamente contrariadas. Assim, afirmam: «Tivemos conhecimento de uma acta assinada entre a entidade patronal e o

dr. Parra (representante do Ministério do Trabalho) que contraria frontalmente a resolução do Conselho de Ministros de 3-2-76 e as tomadas de posição do M. T. de 16 e 20-2-76, bem como as informações que nos foram prestadas verbalmente pelo dr. Marcelo Curto e dr.ª Alice Nunes em representação do ministro Tomás Rosa. Esta acta contraria ainda o nosso C. C. T. em vigor». Depois disto aqueles trabalhadores perguntam: «Que poderosas forças estarão por detrás disto? Quem manda afinal nes-

te País? Sentimos que estamos envolvidos num tenebroso conluio em que estarão coniventes altos responsáveis deste País. Continuaremos a lutar pela verdade e estamos absolutamente dispostos a desmascarar todos estes manobreadores sejam eles quais forem».

Os 17 suspensos continuam a exigir «um rigoroso inquérito promovido pelas entidades oficiais que dê público conhecimento dos promotores da paralisação».

Entretanto, na empresa, em

Famalicão, a laboração continua e, oficialmente, nada foi comunicado àqueles 17 trabalhadores sobre a suspensão de que tiveram conhecimento pelos jornais. Outros trabalhadores por nós contactados disseram-nos também que existem piquetes nas secções da empresa onde elementos do grupo dos 17 trabalham a fim de impedir a sua entrada.

Hoje, alguns trabalhadores deste grupo dos suspensos terá uma reunião no M. T. com o dr. Marcelo Curto, dr.ª Alice Nunes e com o inquiridor dr. Parra. Entretanto, no sábado passado teve lugar uma reunião no Sindicato Têxtil de Delães em que estiveram presentes centenas de trabalhadores da Têxtil Manuel Gonçalves e de outras empresas da região.

Um dos problemas tratados foi a situação criada a delegados sindicais e a trabalhadores que se distinguiram na defesa dos interesses da classe, uma vez que estão a ser alvo de ameaças, suspensões e afastamentos numa escalada de que o caso da empresa Têxtil Manuel Gonçalves constituía um exemplo típico e um precedente cujos resultados começam a estar à vista. Nessa reunião foi referido o caso da empresa «Carides» além de outros. Foram também aprovadas duas moções enviadas às entidades oficiais no sentido do regresso dos trabalhadores e da publicação das conclusões do inquérito à Têxtil Manuel Gonçalves.

CREDENCIAIS PRECISAM-SE

No Porto: mais de 200 mil pessoas trabalham em autogestão

Por convocatória deficiente, apenas compareceram na reunião que havia sido marcada para o passado sábado, duas dezenas das quase duzentas empresas que se encontram em autogestão ou se constituíram em cooperativas, no Norte do País.

Face à exiguidade de presenças, ficou decidido realizar nova reunião no próximo sábado, no mesmo local, o teatro «Grupo dos Modestos».

Só na região do Porto, 200 mil pessoas trabalham em empresas, que, neste momento, estão em regime de autogestão. Em Braga, por exemplo, há mais de 25 mil trabalhadores nessas condições. Só na cidade do Porto, 150 empresas

são autogestionárias e nelas labutam cerca de 20 mil trabalhadores.

O problema da renovação das credenciais coloca-se, por isso, cada vez com mais urgência. Os protestos dos trabalhadores em relação à política seguida pelo Ministério do Trabalho neste aspecto têm sido muito violentos. Segundo uma nota da Secretaria de Estado do Trabalho, de 26 de Dezembro, as empresas que necessitassem de credencial deveriam solicitar àquele Ministério a respectiva renovação, até ao dia 10 de Janeiro. Pedia-se que o pedido de renovação fosse feito por escrito e devidamente fundamentado e permitia-se ainda, aos patrões, que

também àquela data, enviassem quaisquer reclamações. De salientar que todos aqueles patrões que fugiram, ou fizeram sabotagem económica, estão em pé de igualdade com os trabalhadores que tiveram de se colocar à frente das empresas para evitar o desemprego ou o encerramento de numerosas empresas. Não atendeu a este facto, o Ministério do Trabalho.

O prazo de entrega das credenciais termina no próximo dia 29. E segundo informações do Secretariado do Porto das Cooperativas e Empresas em Autogestão, até agora nenhuma empresa ainda as recebeu!

Timex: a administração alterou o plano

A administração da Timex alterou o seu próprio plano de trabalho para aquela empresa. Ao contrário do que estava previsto a fábrica não encerrou no passado dia 20. A laboração continuará, agora, ininterruptamente, a três dias por semana. Nada se sabe de concreto sobre os 668 despedimentos.

O «Caso Timex» arrasta-se há muito tempo. A administração mantém-se firme. Os trabalhadores lutam. O Ministério do Trabalho hesita. Já por diversas vezes o ministro do Trabalho manifestou a sua posição: critica a administração e concorda com os trabalhadores. Foi nomeada uma Comissão Técnica para estudar o assunto. E até agora não apareceu qualquer solução.

Entretanto, a administração continua a cumprir o seu plano. «Se o Governo que está a ser desafiado, não tomar agora uma posição firme face a este caso e, nomeadamente, a todas as multinacionais, muitos outros despedimentos colectivos se sucederão e aparecerão muitos outros «lock-outs» selvagens como o que agora se verifica» — afirmava em 26 de Janeiro um dos representantes da Comissão de Trabalhadores.

A fábrica tem uma capacidade de produção diária de cerca de onze mil relógios (por ano, isto significa quase dois milhões e duzentos mil). A posição da empresa na nossa economia pode considerar-se boa (o mercado português consome 700 mil relógios por ano,

sendo uma boa parte Timex). A facturação mensal atingiu, no passo passado, uma média de 1600/1700 milhares de dólares. Isto, porém não impede que a empresa oficialmente, no fim de cada ano, apresente prejuízos.

Por ordem dos advogados dos onze sindicatos que reúnem os trabalhadores da Timex, encontra-se no Tribunal do Trabalho, em Almada, uma acção contra a administração.



Moscovo & Leninegrado

Julho 18 a 26

uma viagem excepcional
preço reduzido
oportunidade única

consulte-nos

EUROPEIA
AV. LIBERDADE 233 TEL 536121
LISBOA 2

EXCURSÕES CP

COMBOIOS RÁPIDOS E AUTOCARROS DE LUXO

A SERRA DA ESTRELA

OU A FASCINAÇÃO DA NEVE...

- Todos os fins-de-semana
- PARTIDAS AOS SÁBADOS

B DOURO - BARCA DE ALVA

AMENDOEIRAS FLORIDAS

- Fins-de-semana a partir de 14 de Fevereiro

C CARNAVAL NO MINHO

- GASTRONOMIA — suculentos almoços regionais: arroz de lampreia e outros famosos pratos
- PAISAGENS — mimosas floridas e aldeias pitorescas
- Fevereiro: 28/29 e 1 de arco

D CARNAVAL EM LAGOS

- FESTA EM HOTEL DE 1.ª — Bailes e Variedades
- Fevereiro: 28/29 e 1 de Março

Programas e inscrições:

LISBOA — Estações de Lisboa-Rossio e St. Apolónia
— EGT — Rua do Arsenal, 124

PORTO — Estação de Porto-S. Bento
— EGT — Rua Justino Teixeira, 451

Telefones: 387529 (Lisboa) e 57061 (Porto)

Nacional

VITAL MOREIRA (PCP) AO "DL"

"A alternativa é a direita fascizar ou um governo de esquerda"

«A direita reacçãoária empenha-se numa ofensiva geral contra as conquistas populares, contra os direitos dos trabalhadores, contra a Reforma Agrária e as nacionalizações, contra o controlo operário e as organizações populares», acusa Vital Moreira, deputado do PCP na Assembleia Constituinte, numa entrevista concedida ao «D. L.», e na qual preconiza ainda uma firme aliança de todas as forças sociais e políticas interessadas em não deixar perder as conquistas populares como forma de levar ao insucesso o projecto da direita.

Sendo a Constituição considerada a Lei Fundamental, o que quer dizer que será a base de todo o corpo legislativo futuro, pensa que a parte da Constituição já aprovada consagra e defende as conquistas alcançadas pelo Povo Português após o 25 de Abril/74?

A pergunta poderia ser feita de outra forma: Em que medida é que que a Revolução e as conquistas revolucionárias tiveram entrada na Constituição? Em face do texto constitucional já aprovado cumpre afirmar que ficaram consagradas importantes conquistas da revolução. As liberdades fundamentais e desig-

nação colonialista. De resto, a Constituição não se limita a consagrar essas conquistas. Contém igualmente um grande número de disposições programáticas que apontam para outras transformações económicas e sociais.

Naturalmente existem importantes insuficiências, hesitações e inconsequências. A Constituição não consagra por exemplo a unidade sindical; não proíbe a indemnização aos monopolistas e latifundiários expropriados; não exige a nacionalização de todo o grande capital, etc. Mas, no seu conjunto a Constituição é, apesar de tudo, um instrumento capaz

mos 18 meses. A que se fica a dever este desfasamento?

— É certo. Mas mesmo quanto a essas importantes conquistas da classe operária e das massas populares, a Constituição não ficou tão recuada quanto seria de temer. A Assembleia Constituinte recusou, é certo, consagrar a defesa legal da unidade sindical, mas também não ousou proibi-la. Não reconheceu o papel fundamental das organizações populares, nem concretizou os seus poderes, mas não pôde deixar de admiti-las na Constituição, embora tentando regulamentá-las de modo a limitar a sua autonomia e cercar a iniciativa popular neste domínio. O controlo operário, esse, ficou consagrado como direito fundamental das comissões de trabalhadores.

Essas insuficiências são perfeitamente explicáveis, dada a composição da Assembleia. Também aqui, certos pontos chocaram contra a oposição dos partidos da direita reacçãoária que tiveram a seu lado deputados que, reclamando-se do socialismo e dos interesses das classes trabalhadoras, alinharam no entanto com aqueles em questões que punham em causa interesses fundamentais das massas populares.

A DIREITA FACE À CONSTITUIÇÃO

Alguns partidos, porém, acusam o texto constitucional, já elaborado de ser «demasiado marxista». Ora se admitirmos que esses partidos, dado o seu pendor eleitoralista, podem obter a maioria na futura Assembleia Legislativa não haverá o risco de essa Assembleia pretender arrogar-se poderes constitucionais a fim de alterar a Constituição? Se se pode admitir esse risco qual a maneira de o anular?

— A Constituição pode constituir importante obstáculo aos projectos de domínio político dos partidos da grande burguesia. Compreende-se assim facilmente que procurem meios de neutralizar ou eliminar alguns dos seus pontos. Acusam-na de ser marxista, de não corresponder à vontade da maioria dos portugueses!... O PPD propôs que ela fosse sujeita a referendo. O mesmo PPD, e o CDS, propõem que a Constituição possa ser livremente revista pela próxima Assembleia de Deputados. Os objectivos são claros: neutralizar a Constituição o mais rapidamente possível contando com uma possível vitória eleitoral. Importa que estas manobras não vingam.

O problema da revisão constitucional é um dos problemas que a própria Constituição terá de resolver, e a Assembleia Constituinte ainda se não ocupou dele. A Constituição só poderá ser revista nos termos em que ela própria o admitir. É, contudo, previsível que os partidos reacçãoários, como o CDS e o PPD — para quem a Constituição pode ser um obstáculo — defendam a possibilidade de a Constituição ser revista pela próxima Assembleia de Deputados. É uma posição perfeitamente compreensível sob o ponto de vista

dos interesses desses partidos. Mas pelas mesmas razões é perfeitamente compreensível que nos oponhamos a tal pretensão. Como se sabe, a Plataforma de Acordo Constitucional na sua primeira versão — a de Abril de 1974 — regulava esta matéria. A iniciativa de revisão constitucional durante o período de transição competia exclusivamente ao Conselho da Revolução, pelo que a Assembleia de Deputados não podia alterar, por sua iniciativa, a Constituição. Na sua nova redacção, provavelmente, não haverá uma disposição semelhante (não conheço neste momento o texto final da Platafor-

as organizações populares; existe ainda um movimento de militares progressistas que, embora amputado e enfraquecido, continua a ter um papel insubstituível na vida política portuguesa.

Tudo dependerá evidentemente da força, da dinâmica que essas forças vierem a manter ou a adquirir. O papel atribuído ao CR como garante da Constituição — e consequentemente das conquistas revolucionárias nela consagradas — pode ser um elemento condicionante de toda a evolução política. Ponto é que haja disposição e força não só para impor o cumprimento da Cons-

tém aberto o recurso a um golpe de força. Não hesita nos meios a utilizar, desde o terrorismo ao separatismo nas ilhas, desde a manipulação ideológica à chantagem externa.

É preciso, pois, desde logo criar as condições para que a direita reacçãoária não obtenha a maioria eleitoral que ambiciona. Mas a direita reacçãoária sabe que, mesmo que obtivesse uma maioria eleitoral, não poderia levar avante só por si os seus projectos de recuperação do capitalismo monopolista.

Uma firme aliança de todas as forças sociais e políticas in-



«No seu conjunto a Constituição é, apesar de tudo, um instrumento capaz de defender algumas conquistas revolucionárias»

Deputado do Partido Comunista Português pelo círculo de Coimbra, Vital Martins Moreira tem causado a admiração na Constituinte, quer dos adversários políticos, quer da assistência das galerias, pelo brilhantismo e rigor das suas intervenções.

Natural de Anadia, o deputado do PCP, tem 31 anos de idade e é um conceituado especialista de Ciência Política — matéria que lecciona na Faculdade de Direito de Coimbra. É também um dos mais conhecidos divulgadores do Marxismo. A primeira tradução, anotada, de «O Capital», editada pela Centelha em 1972, é da sua responsabilidade. Além de várias colaborações dispersas na «Vértice» e de outros trabalhos académicos, Vital Moreira publicou «A Ordem Jurídica do Capitalismo» (1973), «A Economia e a Constituição» (1974), «O Renascimento de Marx» (1971), «Marx e a Teoria da Revolução» (1972).

Expulso da Universidade pelas autoridades fascistas em 1969, ano da importante crise estudantil de Coimbra, Vital Moreira esteve um ano em Londres onde cursou Ciência Política na London School Economics. Foi candidato da CDE de Coimbra na campanha eleitoral de 1969 e participou, em 1973, no Congresso da Oposição Democrática em Aveiro.

nadamente as que respeitam directamente aos trabalhadores (direito à greve, direito ao trabalho, liberdade sindical, proibição de lock-out, comissões de trabalhadores, etc) têm na Constituição uma ampla consagração e defesa. O mesmo se pode dizer no que respeita às transformações no campo económico e social. As nacionalizações são declaradas pela Constituição como «conquistas irreversíveis das classes trabalhadoras», sendo proibidas as desnacionalizações. Os grandes agrupamentos monopolistas (a banca, os seguros, as indústrias básicas, os transportes etc) não poderão voltar às mãos do capital monopolista. Também a Reforma Agrária encontrou o seu lugar na Constituição que determina a expropriação dos latifundiários e das grandes explorações capitalistas e a transferência da posse da terra para quem a trabalha, nomeadamente através da forma de cooperativas ou de explorações colectivas. A própria descolonização foi também assumida pela Constituição, quando esta vem reconhecer o direito dos povos coloniais à insurreição contra a opres-

de defender algumas das principais conquistas revolucionárias. É um obstáculo para forças políticas interessadas em eliminar essas conquistas e em restabelecer um regime adequado aos interesses dos grandes capitalistas e dos latifundiários. Para compreender este carácter em muitos aspectos positivo da Constituição há que atender não só à luta tenaz e persistente do P.C.P. e de outros partidos na Assembleia, mas também ao facto de a Assembleia não ter podido alhear-se — particularmente na fase de ascenso do momento revolucionário — da força do movimento popular. Pode dizer-se que, nos seus aspectos positivos a Constituição também foi feita fora do Palácio de S. Bento.

CONSTITUIÇÃO GARANTE CONQUISTAS

Mas o texto constitucional em matérias como o controlo de produção, comissões de trabalhadores e de moradores e unidade sindical não o consagra os princípios que os trabalhadores portugueses puseram em prática ao longo dos últi-

ma). Terá de ser a Assembleia Constituinte a regular a matéria. Ai bater-nos-emos por impedir que a Constituição possa vir a ser posta em causa. Confiamos em impedir que isso aconteça.

Julgamos que iremos entrar francamente num regime parlamentar, ou o Pacto MFA/Partidos tem possibilidade de assegurar um mínimo de conquistas do 25 de Abril?

— Na Assembleia Constituinte o PS, o PPD e o CDS fizeram muitas vezes frente comum na luta por um puro regime parlamentar, «liberto» da intervenção do MFA e das organizações das massas populares. Não o conseguiram completamente. A Constituição irá consagrar não só a intervenção política das organizações populares — embora limitada aos órgãos de administração local — mas também, por força da Plataforma Constitucional, a intervenção política do MFA.

Mas para além das normas constitucionais existe a realidade política. E a realidade política não se reduz à competição partidária. O País político não é redutível a um somatório de votos. Existe um movimento popular organizado, um poderoso movimento sindical,

tuição mesmo a um eventual parlamento dominado por forças de direita, mas também para paralisar e vencer os eventuais golpes de força a que a direita reacçãoária não deixará de tentar recorrer.

AS ELEIÇÕES

Relativamente a um possível avanço da direita nas próximas eleições, o que lhe parece que deveria ser a estratégia da esquerda?

— Tirando partido da modificação da correlação de forças sociais e políticas resultante do 25 de Novembro, a direita reacçãoária, representada principalmente, a nível legal, pelo CDS e pelo PPD, empenha-se numa ofensiva geral contra as conquistas populares, contra os direitos dos trabalhadores, contra a Reforma Agrária e as nacionalizações, contra o controlo operário e as organizações populares. Luta pela recuperação do capitalismo monopolista e latifundiário, pelo total alinhamento com o imperialismo. Enfim, empenha-se na contra-revolução. Ocupa posições no aparelho de Estado, cria e aproveita as condições que lhe permitam em eleições pouco limpas obter uma maioria parlamentar. Man-

teressadas em não deixar perder as conquistas populares significará o insucesso de qualquer projecto político de direita. Para isso, seria extremamente favorável que todas as forças políticas definissem desde já a sua posição pós-eleitoral. A alternativa que se coloca é entre um governo de direita reacçãoária tendente a um regresso ao fascismo, ou um governo de esquerda, assente na garantia das conquistas populares e que mantenha aberto o caminho para o socialismo.

A LUTA DE CLASSES NA CONSTITUINTE

Os observadores têm notado, a partir das suas intervenções na Constituinte, a agitação da sua argumentação quando se trata de polemizar com representantes de outros partidos sobre as questões que aí se levantam. A questão que nós temos é a seguinte: sendo de formação marxista e defendendo posições vigiadas pelo rigor teórico do marxismo, como encara estas discussões com outros que se situam, por assim dizer, do outro lado?

A DIREITA AVANÇA

Ainda a marcha silenciosa convocada em Mirandela

PORTO, 23 — Conforme temos noticiado a vila transmontana de Mirandela tem sido, este mês, palco de intensa movimentação da direita que se traduziu em assaltos, ameaças e num incêndio de que resultaram mortos e feridos. Estes factos ocorreram em dias de feira, concretamente nos dias 3 e 13 do corrente, sendo precedidos de intensa propaganda oral e escrita, entremeada de boatos, em que se anunciava o ataque a pessoas e a organizações progressistas e que, como se viu, foi concretizado.

Dado que o ambiente naquela região é concretamente em Mirandela, actualmente centro das actividades de direita no distrito de Bragança, persiste no sentido de serem desencadeadas, novas acções deste tipo já se anunciam concretamente algumas «actividades» para a terceira edição da feira que terá lugar depois de amanhã dia 25. Assim, está marcada para o dia 24, às 17 horas, uma marcha silenciosa que toma como ponto de partida a morte lamentável de uma criança de 10 anos ocasionalmente atingida pelas explosões que se seguiram ao incêndio, em 13 do corrente, no edifício onde se encontrava a tipografia em autogestão Alê-Douro.

Em comunicados e em informações postas a correr em Mirandela as mulheres da vila e da região são convocadas para a marcha a fim de «reagir a este clima de ódio». Segundo informação que nos foi dada por pessoas ali residentes o espírito da convocação da marcha pretende também fazer crer que «é o amor de mãe que leva as mulheres a promover a marcha». Os nossos informadores, dão-nos conta desta iniciativa afirmando tratar-se de uma «miserável exploração da morte de uma criança que efectivamente foi vítima das explosões resultantes da escalada de violência desencadeada pelo fascismo em Mirandela».

E.L.P. COLABORA?

Soubemos também que se têm distinguido, na preparação e na convocação da referida marcha, as mulheres das famílias que sempre estiveram ligadas à A.N.P. e ao antigo regime. Acrescente-se que a infeliz criança agora chamada,

demagogicamente, de «pequeno herói» era filho de um conhecido militante da direita em Mirandela, funcionário da brigada técnica agrícola, e que no antigo regime, esteve sempre ligado às recepções feitas a individualidades fascistas que visitavam a localidade. Esteve igualmente detido algumas semanas por alturas do 11 de Março e é suspeito de ligações com o E.L.P.

A C.A.P. ESTARÁ PRESENTE

Depois da marcha silenciosa marcada para o dia 24 a C.A.P. (Confederação de Agricultores de Portugal) estará presente em Mirandela no dia 25 na sequência de uma série de reuniões a efectuar no país nomeadamente na Régua (hoje em Loulé, Algarve, (dia 29).

O ambiente em Mirandela em dia de feira e com «um piquete de Rio Maior», como lá se diz, também presente tem aumentado a preocupação de diversos sectores da região nomeadamente de elementos progressistas que têm já denunciado a passividade das autoridades para impedir os ataques e as violências ali cometidas. A campanha anticomunista e a perseguição aos elementos de esquerda em Mirandela é particularmente clara, como é também a ausência de um inquérito aos actos terroristas ali verificados. O ambiente de intimidação e de perseguição com as autoridades a dizer que proteger militantes de esquerda «é tomar uma posição partidária» e ainda mais, a aconselharem aos militantes de esquerda, «como único caminho, o recuar», faz pensar que a

próxima semana em Mirandela será particularmente difícil.

LINGUAGEM DE «ESQUERDA»

Quanto à reunião de agricultores convocada pela C.A.P. para aquela vila é particularmente curioso e significativo referir a linguagem utilizada. Assim numa espécie de linguagem «contestatária de esquerda» as convocações dirigem-se aos transmontanos perguntando-lhes porque não têm reforma, nem salários justos e os preços tão baixos para os seus produtos. As convocações dão também a «resposta» a estas perguntas dizendo aos transmontanos que isso acontece — porque eles não se organizam como os da cidade se organizam. É efectivamente fácil o recurso a carências reais e a dificuldades das populações para retirar proveitos políticos, como pequenos agricultores, rendeiros e elementos das ligas agrárias têm já denunciado.

Entretanto sucedem-se em Mirandela ameaças e ataques concretos a militantes progressistas. O caso mais chocante é o do combatente antifascista Gabriel Salazar, com cerca de 70 anos de idade, a quem chegam ao ponto de responsabilizar pela morte da criança nas explosões do incêndio do passado dia 13.

Teme-se por outro lado uma «caça às bruxas» para amanhã dia 25, com perseguições, casa por casa, a elementos progressistas e a democratas da vila. Espera-se entretanto que as autoridades tomem as providências necessárias para que, incidentes de extrema gravidade não venham a dificultar, ainda mais, o processo democrático português.



Continua a jogar-se em Trás-os-Montes com a falta de informação das populações. Agora é a marcha das «mulheres silenciosas».

Trata-se de saber no fundo como é que um marxista encara as relações de diálogo com aqueles que o não são?

Por razões de circunstância coube-me desempenhar uma grande parte do trabalho constituinte do PCP, quer no Plenário quer em comissões. Limitei-me a ser o porta-voz de uma tarefa colectiva.

Estamos armados de dois grandes instrumentos de luta: um projecto de Constituição adequado ao processo revolucionário, e a certeza de defendermos ali os interesses da classe operária e das massas populares em geral. A Assembleia Constituinte tem sido pa-



nas das principais conquistas

ra nós não uma arena onde se desenvolve um torneio de argumentos jurídicos ou político-formais, mas sim um terreno de confronto e de combate entre concepções e interesses de classe, antagónicos ou, pelo menos diversos, ou seja, uma frente de luta de classes.

Os deputados de um partido marxista-leninista defendem numa Assembleia Constituinte os mesmos interesses por que lutam a classe operária nas fábricas, nos campos ou nas ruas. Encontram na frente os mesmos aliados, adversários e inimigos. Só que as armas e as condições são diversas. Mas nas discussões e confrontos, há à partida a segurança de uma teoria que a história e a prática da luta de classes realizam e confirmam todos os dias. Temos connosco a classe operária e as massas populares. E isso dá confiança. Isso dá força. Isso desarma os adversários. Ser marxista facilita o diálogo e o debate, não os prejudica. A dialéctica pressupõe-os e exige-os.

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA está à venda no CAFÉ REMO

mti

MOVIMENTO UNITÁRIO DOS TRABALHADORES INTELLECTUAIS PARA A DEFESA DA REVOLUÇÃO

AMANHÃ

ASSEMBLEIA POPULAR

TEATRO VASCO SANTANA

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDUSTRIAS DE MADEIRA DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do art.º 34.º dos Estatutos e dando cumprimento ao disposto nos seus art.ºs 32.º, 64.º e 65.º, convoco todos os trabalhadores sócios deste Sindicato, no pleno gozo dos seus direitos sindicais, para a ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA a realizar no próximo dia 13/3/76, pelas 15 horas, no Salão de Festas da «VOZ DO OPERÁRIO», na Rua Voz do Operário, n.º 13, em Lisboa, com a seguinte:

ORDEN DE TRABALHOS

1. Discussão e aprovação do relatório e contas da Direcção relativo ao exercício de 1975

2. Apreciar e deliberar sobre o orçamento geral para o ano de 1976.

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1976.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Paulo Adelino Estêvão

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos

Direcção dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos

DIVISÃO DE OBRAS

ABASTECIMENTO DE AGUA A ÉVORA

EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DA ESTRADA DE ACESSO A BARRAGEM DE MONTE NOVO

Anuncia-se que se encontra aberto o concurso público para arrematação da empreitada acima referida, sendo de 30 (trinta) dias o prazo de apresentação das propostas, o qual será contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no DIÁRIO DO GOVERNO.

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 15 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo de trinta dias fixado neste anúncio, ou pelas 10 horas, se esse dia for um sábado, na Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, na Rua de São Mamede (ao Caldas) n.º 23.

PREÇO BASE 9 500 000\$00

CAUÇÃO PROVISÓRIA .. 237 500\$00

ALVARÁS EXIGIDOS :

IV categoria ou sua 1.ª subcategoria e classe correspondente ao valor da proposta.

O projecto, o programa de concurso e o caderno de encargos poderão ser examinados na Divisão de Obras da Direcção dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos desta Direcção-Geral, situada em Lisboa, na Rua de São Mamede (ao Caldas), n.º 23, em todos os dias úteis e nas horas de expediente.

Lisboa, em 17 de Fevereiro de 1976

O ENGENHEIRO SUBDIRECTOR-GERAL

Estêvão Mendonça Lamas de Oliveira

Estrangeiro

À cabeceira do Mediterrâneo

«Vivemos no ano I do Mediterrâneo». Foi deste modo que André Fosset, ministro francês da Qualidade da Vida, traduziu o sentimento dos participantes na segunda conferência de Barcelona. Esta terminou a 16 de Fevereiro com a adopção de três textos que consagram a vontade comum de os países mediterrânicos salvarem o seu «mare nostrum» ameaçado de morte biológica. Os doze signatários são: a França, a Espanha, a Itália, o Mónaco, Malta, a Grécia, a Turquia, Chipre, o Líbano, Israel, o Egipto e Marrocos.

O documento-chave que adoptaram é uma convenção através da qual os governos se empenham «em tomar todas as medidas apropriadas a fim de prever e reduzir a poluição de todas as espécies e de todas as origens».

Trata-se de uma verdadeira declaração de guerra à poluição, lançada por uma ampla coligação que serviu Estados pouco habituados a sentar-se à mesma mesa: a Grécia e a Turquia, Israel e os países árabes. Embora os seus representantes tenham participado nas duas semanas de trabalhos preparatórios, a Síria, a Líbia, a Jugoslávia e a Tunísia não assinaram a convenção. Houve também dois



Chipre, dividido por povos vindos da Grécia e da Turquia, senta-se à mesa das conversações para «salvar o Mediterrâneo» enquanto os seus habitantes, marcados pela guerra, esperam dias melhores

ausentes: a Albânia que sistematicamente mostra desinteressada por reuniões destegénero, e a Argélia. Mas esta explicou a sua ausência por «preocupações exteriores» — decerto o Sara Ocidental — e declarou que de modo algum se desinteressava do caso.

Com doze países signatários entre os dezoito mediterrânicos, a conferência de Barcelona constitui um êxito para as Nações Unidas, que a tinha organizado. Ela ilustra a tomada de consciência de uma certa comunidade de interesses entre os países mediter-

rânicos e também entre estes e a Europa.

Expressando-se em francês, Hamed Sutan, chefe da delegação egípcia, declarou perante os representantes da URSS, dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, que lá estiveram como observadores: «O Medi-

terrâneo deve deixar de ser um mar monopolizado por países não ribeirinhos, sejam eles do Leste ou do Oeste, mas um mar que não pertence a nenhum Estado em particular, e seja propriedade de todos os Estados que o cercam». Um tal desejo afirmou-se quando os jugoslavos, fazendo-se eco dos soviéticos — que se queixavam de não estar presentes na conferência — pretenderam excluir dos acordos a Comunidade Europeia. Não foram, porém, seguidos, e a Europa será o décimo terceiro signatário da convenção.

Como se chegou aí? Há, pelo menos seis anos, as Nações Unidas esforçavam-se por reunir os «irmãos inimigos» do Mediterrâneo à volta de uma mesa verde, a fim de julgar o perigo que os esgotos de cem milhões de habitantes fa-

zem correr a esse mar fechado.

Claro que ainda há muito a fazer será necessário que os governos ratifiquem a convenção, o que pode levar um ou dois anos; que os países que se abstiveram se juntem aos signatários; que estes últimos cumpram todos os seus compromissos.

Comprometer-se a purificar o Mediterrâneo é pôr em causa tarde ou cedo, as políticas de desenvolvimento urbano, industrial e agrícola de uma parte da Europa, do Próximo Oriente e da África setentrional. Mas a necessidade de preservar um capital natural e colectivo foi, pela primeira vez, mais forte do que os mais tenazes, os mais antigos e as mais ardentes oposições.

© LE MONDE

Tribunal Internacional para crimes contra as mulheres

BRUXELAS, 23 (F.P.) — Um tribunal internacional dos crimes contra as mulheres realizará a sua primeira sessão em Bruxelas de 4 a 8 de Março deste ano — anunciam as organizadoras, Lydia Horton, Lily Boeykens e Nicole Gandeven.

O tribunal terá como missão principal preparar uma «estratégia de luta contra estes crimes e elaborar uma Declaração Universal dos Direitos da Mulher».

Os crimes serão analisados em grandes categorias: a 4 de Março, os que se referem à maternidade e aos cuidados médicos; a 5, os qualificados de «crimes económicos», prin-

cipalmente o trabalho não remunerado das donas-de-casa, a mão-de-obra feminina recrutada entre menores ou a mão-de-obra estrangeira; nos dias seguintes, o tribunal examinará mais precisamente as violências cometidas contra as mulheres — violações, «feminicídio» praticamente autorizado em certos países, prostituição forçada, etc.

Os trabalhos do tribunal serão acompanhados por 1400 mulheres vindas de 24 países. Esta manifestação foi financiada unicamente por organizações feministas e não deve nada à ONU ou aos diferentes governos.

GRÉCIA E Balcãs

A grande aposta de Caramanlis

ATENAS (IPS) — A equipa de assessores do primeiro-ministro grego, Caramanlis, não esconde a sua euforia por aquilo que considera o êxito político de uma reunião na qual se não falou de política: a primeira Conferência Interbalcânica.

O Governo grego promoveu a primeira reunião formal de consulta interbalcânica realizada em Atenas na última semana de Janeiro e na primeira semana de Fevereiro, porque considera que assim se lhe oferece a possibilidade de começar a «tomar as suas distâncias» face aos Estados Unidos sem correr o risco de ficar isolado e cair, então, na poderosa esfera de influência dos seus vizinhos, a União Soviética.

Participaram 79 delegados da Grécia, Bulgária, Turquia, Roménia e Jugoslávia, que anali-

saram 154 propostas de carácter técnico, dado que não existem, por agora, condições para que os países balcânicos dêem imediatamente por encerrados os conflitos ancestrais e passem a «pensar» os Balcãs em termos estritamente políticos.

Mas o simples facto de se haverem encontrado favorece, por si só, a posição de Atenas em relação a Washington, assim como a de Belgrado face ao bloco soviético, visto a Jugoslávia estar sempre interessada em favorecer iniciativas diplomáticas que a independentizem, bem como a Roménia, a qual uma vez mais ratifica a sua política externa, que converteu a sua chancelaria numa ponte óptima para derimir conflitos Leste-Oeste.

Foi precisamente a Roménia que desejou para

a conferência a consideração de que ela fosse entendida como um primeiro passo para a criação de uma zona «balcânica» na qual será absolutamente excluída a presença de armas nucleares.

Mas um dos países participantes, a Bulgária, é um fiel aliado de Moscovo e, fazendo contraponto a esta posição, adiantou uma outra segundo a qual seria útil participarem na conferência países não rigorosamente balcânicos.

Os projectos técnicos de maior envergadura foram os seguintes: construção de um canal navegável de 700 quilómetros, no qual estão interessados a Grécia e Jugoslávia e que uniria o rio Danúbio ao Mar Egeu; oleoduto entre o porto grego de Salónica e Skopje, capital da Ma-

cedónia jugoslava; a Bulgária está interessada num acordo com a Grécia para obter uma «zona franca» no porto de Kavalla; a Turquia defendeu por sua vez junto da Roménia a necessidade de criar uma Câmara de Comércio Interbalcânica.

Nos Balcãs, segundo foco de gravíssimas tensões e de conflitos armados, não existe apenas o problema de Chipre, que coloca frente a frente Atenas e Ankara, mas estão também os «estreitos» turcos do Bósforo e dos Dardanelos, que são as portas do Mar Negro para o Mediterrâneo dos navios de guerra soviéticos.

Por isso foi razoável a palavra de ordem do Governo grego aos seus delegados na conferência: «Sica, Sica!» (devagar, devagar).



Frank Rutkowski, de 7 anos, foi a última criança a ser libertada pelos guerrilheiros da Frente de Libertação da Costa Somali que assaltaram, em Djibuti, um autocarro com alunos de uma escola. Em troca das crianças, retidas como reféns, os guerrilheiros pretendiam a independência incondicional daquele território, o último sob domínio da França em África. O incidente envolveu ainda a vizinha Somália e a situação na fronteira foi discutida pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas

MAO RECEBEU NIXON NA CAPITAL CHINESA

PEQUIM, 23 — (R.) — O antigo presidente Richard Nixon teve hoje uma reunião em Pequim com o presidente Mao Tsé-Tung, quatro anos após a sua visita a esta cidade como presidente ter assinalado o início de um novo capítulo nas relações sino-americanas.

Autoridades chinesas declararam que o encontro durou cerca de uma hora e 40 minutos, mas não forneceram outros pormenores. Foram apenas menos dez minutos do que a duração do encontro do presidente Ford com o dirigente chinês em Dezembro passado.

Os últimos visitantes estrangeiros a ver o presidente Mao, agora uma frágil figura de 82 anos de idade, foram a filha de Nixon, Julie, e seu marido, David Eisenhower, em 31 de Dezembro.

Algumas horas antes de se avistar com o presidente Mao, Nixon fez um eloquente e apaixonado apelo para relações sino-americanas mais íntimas, e manifestou aquilo que alguns observadores viram como uma crítica velada ao papel do presidente Ford e de Washington na Conferência de Segurança de Helsínquia.

Falando a noite passada num banquete de boas-vindas,

o antigo presidente declarou que as pessoas eram ingénuas se acreditavam que «o mero acto de assinar uma declaração de princípios numa conferência diplomática trará a paz».

Prosseguindo, afirmou: «Não pode nem haverá uma paz duradoura e segura até que todas as nações do mundo respeitem a segurança e a independência de todas as outras nações, grandes ou pequenas».

Citou seguidamente o comunicado de Xangai, emitido após a sua visita em 1972, que declarava que os Estados Unidos do e a China consideravam que seria contra os interesses dos povos do mundo qualquer país importante entrar em conflito com outro contra terceiros ou os grandes países dividirem o mundo em esferas de interesse.

Nixon, depois de classificar o comunicado de Xangai como um documento histórico, declarou que o futuro do Mundo dependia de «as nossas duas nações trabalharem em conjunto para a causa da paz com segurança para todas as nações».

Foi o primeiro discurso importante do antigo presidente desde que o escândalo Water-

gate forçou a sua demissão em 1974. Não continha quaisquer surpresas, mas observadores consideraram-no como uma das acções mais impressionantes por parte de um visitante neste país em muitos anos.

O seu anfitrião no banquete foi o primeiro-ministro interino Hua Kuo-Feng, que, no seu primeiro discurso público desde a sua nomeação, atacou a União Soviética pelo seu expansionismo «fanático».

Hua referiu-se também à intensa campanha antidireitista em curso na China, classificando-a de «uma continuação e intensificação da Grande Revolução Cultural Proletária da década de 60».

«É um debate revolucionário de massas que permitirá ao povo fazer uma melhor contribuição para a humanidade em conformidade com os ensinamentos do presidente Mao», disse.



O antigo presidente norte-americano Richard Nixon, presentemente numa visita particular à China, foi recebido pelo primeiro-ministro interino chinês, Hua Kuo-feng, logo após a chegada a Pequim, no sábado. (Telefoto UPI-Teleimprensa)

CHEGADA DE KISSINGER

A Polícia de prevenção na capital colombiana

BOGOTÁ, 23 (R) — O secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, chegou a noite passada a Bogotá quando toda a Polícia da capital da Colômbia, uma força de 30 000 homens, entrou de prevenção para o caso de se verificarem manifestações de estudantes contra a sua visita.

As autoridades revelaram que o dispositivo de segurança fora ordenado por causa de violentos recontros nas ruas de Medellín, a segunda maior cidade da Colômbia, na sexta-feira, após manifestações de protesto contra a visita de Kissinger.

Registaram-se incidentes semelhantes na Venezuela e no Peru, na semana passada, quando o chefe da diplomacia norte-americana chegou a esses países no decorrer da sua digressão por seis países da América Latina.

O seu avião aterrou ontem em Bogotá, após um voo desde o Rio de Janeiro, para uma visita de 22 horas. Kissinger seguiu imediatamente de automóvel para Hatogrande, a bem guardada residência no campo do presidente Alfonso Lopez Michelsen.

Funcionários norte-americanos disseram que o secretário de Estado acrescentara a Colômbia ao seu itinerário original, a fim de manifestar o apoio dos Estados Unidos a países democráticos da América Latina. A única democracia parlamentar visitada até agora foi a Venezuela, pois o Peru e o Brasil têm Governos apoiados pelos militares.

Dois temas deverão dominar as conversações de Kissinger em Bogotá: o Canal do Panamá e o tráfico ilegal de cocaína do Panamá para os Estados Unidos.

Entretanto, os Estados Unidos ofereceram-se a noite passada para elaborar um acordo internacional proibindo subornos por empresas multinacio-

nais norte-americanas.

A proposta feita pelo secretário de Estado Henry Kissinger numa inesperada conferência de imprensa em Bogotá, surge numa altura em que vários fabricantes de armas norte-americanos e outras empresas gigantes estão envolvidos em escândalos sobre pagamentos no estrangeiro.

O secretário de Estado, poderá adiar a sua planeada viagem à África até à segunda quinzena de Abril, segundo afirmaram a noite passada altos funcionários da comitiva que o acompanha na sua digressão pela América Latina.

A viagem fora projectada provisoriamente para começar por volta de Abril. Nenhuma razão foi fornecida para o possível adiamento.

Os mesmos funcionários, que chegaram a noite passada a Bogotá, vindos do Brasil, salientaram que Kissinger tencionava ainda efectuar a deslocação à África, a despeito dos acontecimentos em Angola.

O plano actual prevê a visita de Kissinger a vários Estados africanos de língua francesa, ao Zaire, Tanzânia, Zâmbia, Nigéria, Quênia e possivelmente outros países, numa viagem que poderia durar duas semanas.

DISCURSO «INSÓLITO»

CARACAS, 23 (ANOP) — A imprensa e sectores políticos venezuelanos classificaram de «insólito» o discurso proferido em Brasília pelo secretário de Estado norte-americano.

«El Nacional» considera «imprudente e prejudicial» o discurso de Kissinger na capital brasileira, sublinhando no seu editorial que as palavras do secretário de Estado «foram muito além dos limites da razão» e prejudicaram as relações entre os Estados Unidos e outras nações latino-americanas.

ADDIS-ABEBA, 23 — (R) — A República Popular de Angola assiste pela primeira vez a uma conferência de ministros dos Negócios Estrangeiros da Organização da Unidade Africana (O.U.A.), em Addis-Abeba — justamente seis semanas depois de um debate a alto nível sobre Angola ter provocado um impasse na O.U.A.

Angola, agora o 47.º membro da O.U.A., participa na reunião ministerial em Addis-Abeba mas não será objecto de discussão neste foro de Estados africanos.

O Governo do Movimento Popular de Libertação de Angola (M.P.L.A.), que ganhou uma guerra civil contra facções pró-ocidentais, já foi reconhecido por 40 Estados membros da O.U.A. e por muitos países fora de África, incluindo a antiga potência colonial, Portugal.

Mas a contínua presença de tropas sul-africanas no Sul de Angola e na vizinha Namíbia (Sudoeste Africano) poderá ser o assunto de um relatório pela comissão de libertação da organização.

Ideologicamente dividida, a África Negra está unida pelo menos num ponto — a oposição à África do Sul e ao «apartheid», a sua política de segregação racial.

Quando a África do Sul inter-

veio no conflito angolano, era claro que esperava receber o apoio do Ocidente e cometeu um erro de cálculo ao enviar as suas tropas mais para o norte quando não o obteve.

Espera-se que a Rodésia seja um dos principais pontos da agenda na reunião de uma semana, encontrando-se a O.U.A. sob pressão para definir a sua atitude acerca da colónia britânica rebelde.

A ala de Joshua Nkomo no Conselho Nacional Africano (C.N.A.) está a travar conversações constitucionais com o primeiro-ministro rodésiano Ian Smith, mas o grupo do bispo Abel Muzorewa ameaça desencadear imediatamente luta armada para impor um regime de maioria negra.

Espera-se que a Argélia levante a questão do Sara Ocidental onde Marrocos e a Mauritânia deverão instalar uma administração conjunta em 29 de Fevereiro, dia em que termina a conferência da O.U.A.

A Argélia tem preconizado a autodeterminação para os habitantes da região, e apoia o movimento de libertação Polisaria contra Marrocos e a Mauritânia.

Outros tópicos para discussão serão o território francês dos Afáres e Issas e a ilha pró-francesa de Mayotte no arquipélago das Comores, recentemente independente.

temente independente.

O presidente Idi Amin, do Uganda, actual presidente da O.U.A., deverá discursar na conferência.

«DECLARAÇÃO DE GUERRA»

DAR-ES-SALAM, 23 — (ANOP) — A nova lei sul-africana que permite às tropas deste país intervirem em Estados africanos independentes é «uma declaração de guerra» — declarou numa entrevista um funcionário da Organização da Unidade Africana.

«A nova lei aprovada pela África do Sul dando-lhe direitos legais para intervir militarmente em Estados independentes de África a sul do Equador é encarada... com grande preocupação» — declarou o coronel Hashim Mbita, secretário executivo da Comissão de Libertação da O.U.A., numa entrevista para o jornal governamental «Sunday News», de Dar-Es-Salaam.

TIRETEIO NA FRONTEIRA ENTRE A RODÉSIA E MOÇAMBIQUE

SALISBURY, 23 — (FP) — Um comunicado oficial anunciou no sábado em Salisbury que houve na sexta-feira tiro-

teio durante três horas entre forças de segurança rodésianas e elementos indeterminados que, de território moçambicano disparavam através da fronteira.

O incidente começou quando uma brigada procedia a delimitação desta e foi alvejada a tiro.

Seguiu então para o local um destacamento das forças de segurança, que montou um dispositivo ao longo da linha fronteiriça. Em dado momento, um avião rodésiano foi alvejado, e as forças de segurança replicaram.

Não houve vítimas do lado rodésiano conclui o comunicado.

GUERRILHA URBANA EM PERSPECTIVA

LONDRES, 23 — (FP) — Uma guerrilha urbana generalizada começará na Rodésia em Agosto de não se conseguir um acordo entre as comunidades branca e negra ou se o primeiro-ministro rodésiano, Ian Smith, não se demitir, afirma hoje o diário britânico «Guardian» (liberal).

Segundo o jornal, esta informação foi fornecida em Whitehall por fontes próximas dos governos africanos e dos meios nacionalistas rodésianos.

Caleidoscópio

■ CONCORD (Novo Hampshire), 23 — (R.) — A campanha para as eleições primárias presidenciais do Novo Hampshire termina hoje com as sondagens a mostrar o presidente Gerald Ford e o antigo governador da Califórnia, Ronald Reagan, muito próximos um do outro na corrida para os votos republicanos.

Reagan concluiu um fim-de-semana de discursos e cumprimentos em Concord sem prever uma vitória no escrutínio de amanhã, a primeira de 31 provas de popularidade para os candidatos às eleições de Novembro.

Em Washington, porém, o presidente Ford afirmou que ganharia no Novo Hampshire.

■ RIAD, 23 — (ANOP) — O presidente egípcio Anwar Sadat e o rei Khaled da Arábia Saudita efectuaram ontem conversações, as quais, segundo um informador do Governo de Riad, foram coroadas de êxito.

Sadat chegou no sábado à Arábia Saudita para uma visita oficial de cinco dias, a que se seguirá uma viagem ao Omã, Bahrein, aos Emiratos Árabes Unidos, ao Qatar e ao Kuwait.

Círculos políticos sauditas revelaram que Sadat e Khaled discutiram, entre outros pontos, a questão do financiamento saudita ao desenvolvimento da economia egípcia, as formas de resolver as divergências políticas entre Estados árabes, especialmente o diferendo espiro-sírio sobre a situação no Médio Oriente e ainda o eventual reinício das conversações de paz de Genebra.

■ ESTOCOLMO, 23 — (ANOP) — Nelson Gutierrez, um dos dirigentes do Movimento de Esquerda Revolucionário do Chile (MIR), chegou ontem a Estocolmo, afirmando que foi obrigado a abandonar o Chile, mas pensa regressar logo que seja possível.

Gutierrez, que é segundo comandante do MIR, fazia-se acompanhar de Maria Elena Bachman e do filho de ambos, aos quais foi concedido asilo político pelas autoridades suecas.

■ BALI (Indonésia), 23 — (R.) — O presidente Suharto da Indonésia declarou hoje aberta a primeira cimeiras das cinco nações não comunistas do Sueste da Ásia, que se realiza tendo como pano de fundo no-

vas insurreições comunistas na Tailândia e na Malásia.

■ MADRID, 23 — (ANOP) — Cerca de trinta mil pessoas participaram ontem numa manifestação na cidade de Pamplona, no Norte da Espanha, a maior manifestação autorizada até agora desde que uma vaga de instabilidade política e greves eclodiram em Espanha em Janeiro.

Os manifestantes transportavam cartazes protestando contra o aumento do custo de vida e muitos deles exigiam uma amnistia para os mil prisioneiros políticos existentes no país.

■ NOVA IORQUE, 23 — (R.) — Uma explosão abalou a noite passada a sede da Hearst Corporation, em Nova Iorque, segundo informou a Polícia.

Espectáculos

T.U.P. quer ir à Jugoslávia

«Pela quarta vez o Teatro Universitário do Porto (TUP) recebe um convite para participar num festival internacional». Em comunicado daquele organismo entregue nas redacções afirma-se que «os convites anteriores não puderam ser aceites por falta de apoio financeiro», embora o agrupamento estivesse interessado em representar Portugal e a nossa cultura popular em festivais de teatro.

O novo convite vem da Jugoslávia, onde o TUP pretende levar a peça «18 de Janeiro de 1934», escolhida por ser «o relato de uma importante luta antifascista do Povo Português contra o salazarismo, e por, literalmente, ser uma obra de cunho popular, quer pelo conteúdo, quer pela forma».

O TUP está a fazer contactos com organismos oficiais, com vista a tornar possível a deslocação à Jugoslávia.

Campolide promete "O Grande Cidadão"

O Grupo de Teatro de Campolide prepara a apresentação de peça inédita de Virgílio Marinho «O Grande Cidadão» que, no dizer do autor, é «uma fábula de aviso e prevenção contra males que nos podem acontecer».

Trata-se de uma adaptação

cénica a partir de um romance com o mesmo título e que coloca o problema da degenerescência humana do fascismo e do carácter humanista da resistência que lhe é oposta.

A estreia está para breve — anuncia o Grupo de Teatro de Campolide.

Música barroca na Igreja da Madre de Deus

A Orquestra Gulbenkian apresenta-se na noite de amanhã, pelas 21.30 h. na igreja da Madre de Deus, em Lisboa,

com um concerto de música barroca, dirigido pelo maestro Michel Corboz.

Como solista, colaboram os trompetistas António Reis Gomes e Michel Schneuwly, e o trombonista Emídio Coutinho.

O programa abrange cerca de dois séculos de música barroca, desde o seu início ao apogeu, mediante a audição de obras de três compositores que foram expoentes máximos daquele período: Giovanni Gabrieli (1557-1612), António Vivaldi (1678-1741) e João Sebastião Bach (1685-1750). Foram escolhidas as obras «Concerto para trombone e orquestra», «Concerto para dois trompetes e orquestra», três «Canzone» e a «Suite n.º 1 em dó maior».

Os bilhetes encontram-se à venda na sede da Fundação Gulbenkian, ao preço único de dez escudos.

Saíram do Lumiar oito canções para a Europa

Começam hoje a recolher votos as oito canções que Carlos do Carmo interpretou num espectáculo que foi transmitido na RTP na noite de ontem, com o título «Uma canção para a Europa» das quais uma sairá vencedora e representará Portugal no Festival Internacional da Canção, em Haia, a 7 de Março.

O concurso «Uma canção para a Europa» terá a participação do público, a partir de agora, que poderá votar através do preenchimento e envio dos cupões que tem publicado.

As canções seleccionadas pelo júri foram apresentadas pela seguinte ordem: «Onde é que tu moras?», letra de

Joaquim Pessoa e música de Paulo de Carvalho, «Estrela da tarde», letra e música de Tó Zé Brito, «Os Lobos e Ninguém», letra de Joaquim Pessoa e música de Carlos Paredes, «Novo fado alegre», letra de Manuel Alegre e música de José Niza, e «Maria-Criada, Maria-Senhora», letra de Ary dos Santos e música de Fernando Tordo, «Cantiga de Maio», e «Uma flor de verde pinho», letra e música de José Luís Tinoco.

Despido de quanto, em concursos anteriores, tornavam a escolha da canção portuguesa num verdadeiro acontecimento no mundo do espectáculo, a apresentação de «Uma canção para a Europa» foi feita em gra-



vação, com um único intérprete, cabendo agora ao público expressar a sua opinião através do voto, ou pelo simples alheamento.

Os cupões de voto de-

vem dar entrada na RTP até às 24 horas do próximo dia 28, sábado. Entretanto, hoje, no segundo programa, será repetida a transmissão do espectáculo.

"Ah Q" — a China no palco



Rui Furtado e Luis Lima Barreto ensaiam «Ah Q»

Recorda-se que «A verdadeira história de Ah Q» de Lu Sun saiu como folhetim num jornal de Pequim em 1921 e, cinquenta anos mais tarde, Jean Jourdeuil e Bernard Chartreux, procurando fazer um trabalho sobre um autor do passado, foram buscar esta novela. Juntamente com outras obras de Lu Sun, escreveram o texto de «Ah Q» (pronunciar Ah Kiu), espectáculo apresentado no ano passado na Cartoucherie de Vincennes pelo grupo Théâtre de L'Aquarium.

A encenação é um trabalho de Luis Miguel Cintra, já anteriormente responsável por alguns trabalhos da Cornucópia, nomeadamente «O Misanthropo» de Molière e «Terror e Miséria no II Reich» de Brecht, juntamente com Jorge Silva Melo, o qual é Ah Q no espectáculo de Chartreux e Jourdeuil.

Fazem ainda parte do elenco da Cornucópia, Augusto de Figueiredo, Alexandre Passos, Gilberto Gonçalves, Glicinia, Quartim, Jorge Nascimento, Jorge Silva Melo, Lia Gama, Luis Lima Barreto, Luis Miguel Cintra, Márcia Breia, Orlando Costa, Raquel Maria e Rui Furtado.

A tragédia de Ah Q, um jornalista sem nome, sem dinheiro, sem morada, sem qualquer tipo de consciência, história de um homem sem história, deverá agora ser apresentada em Lisboa pela companhia de Teatro da Cornucópia, conforme temos noticiado.

Centésima apresentação de "As Espingardas da Mãe Carrar"

O Grupo de Teatro de Mem Martins apresentou no sábado pela 100.ª vez a peça «As espingardas da Mãe Carrar».

Para assinalar o facto, a peça foi levada à cena em Alpiarça. O grupo explica: «Escolhemos uma terra de tradições antifascistas, para o nosso 100.º espectáculo».

Por outro lado, o Grupo promoveu, conforme noticiámos, um Encontro de Cultura Popular na segunda quinzena de Fevereiro, com a participação de outros agrupamentos teatrais e organizações recreativas.

O Encontro, que terá a sua última fase no próximo fim-de-semana, será encerrado com uma nova apresentação

de «As espingardas da Mãe Carrar», no domingo, nos Recreios Desportivos do Algueirão.

HOMENAGEM A PUCCINI

Integrado no ciclo audiovisual sobre «Música e Músicos italianos», que decorre na Fundação Gulbenkian, será hoje apresentado o tema «Homenagem a Puccini».

O embaixador de Itália no nosso país, dr. Pier Luigi Alverá, apresentará o tema, acompanhado de ilustrações de música gravada e diapositivos, pelas 18.30 h, no Auditório Dois da Fundação.

CARNAVAL TORRALTA 1976

ALVOR

ADEGA 28, 29 de Fevereiro 1 e 2 de Março	NIGHT CLUBE 666 28, 29 de Fevereiro e 1 de Março
---	---

CONJUNTOS

ARIA JOÃO CARLOS	OS FABULOSOS MACK EDWARD'S
----------------------------	--------------------------------------

VARIEDADES

MARIA JOÃO QUADROS — GERON — JOSÉ DE PORTUGAL — DUO OS PENINSULARES
MARIA JOSÉ VALÉRIO

PREÇOS
Por Pessoa/Por Noite

C/Jantar 350\$00	Entrada 200\$00
S/Jantar (entrada a partir das 23 horas 200\$00)	

Apoio nos Hotéis:
D. JOÃO II Tel. 20135/6 Telex 18121
Preços desde 170\$00, p/dia e p/pessoa
TARIK Tel. 22161/2 Telex 13185
Preços desde 100\$00, p/dia e p/pessoa
APARTHOTEL DE ALVOR Tel. 20211/2 Telex 18292
Preços desde 180\$00, p/dia para 2 pessoas

INFORMAÇÕES E RESERVAS:
LISBOA Av. Duque Loulé, 24 T. 571748 Telex 16465
Nos Hotéis ou nas Delegações Torralta
PORTO T. 22749 BRAGA T. 26765 V. REAL T. 23521
COIMBRA Tel. 24950 COVILHÃ Tel. 24871 LEIRIA T. 25143 C. RAINHA T. 23433 SETÚBAL T. 26177
ÉVORA Tel. 25718

ANIMADÍSSIMO & MUSICALÍSSIMO

taran tan-tan NÃO ENCHE BARRIGA!

MUITO MAIS QUE UMA REVISTA!
Para agradar a gregos e lusitanos

ERMELINDA QUARTE NICHOLSON MONTEZ	com HENRIQUE VIANA MAGDA CARDOSO MARIA TAVARES	MARIA JOSÉ FERNANDO OLIVEIRA e outros
---	---	---

Caso encontrem semelhanças entre TITNEB! e pessoas ou factos da actualidade nacional, vão-se queixar ao Aristófanes!

TODAS AS NOITES
2 SESSÕES
20.30 h e 22.30 h
Domingos Matinees
as 16 horas

ADOQUE teatro
NO MARTIM MONIZ - TEL. 87 42 80

Int. men. 18 anos
Contém cenas
chocantes
(eventualmente)
Bilhetes desde 40\$00

Canal da Crítica

LUTAR ATÉ DE MADRUGADA

Foi de madrugada. As seis da madrugada. Ainda noite. Teríamos ainda de esperar duas horas para que o Sol nascesse. O Sol custa sempre a nascer. Todos os dias, o dia é um parto difícil. Às vezes, porém, as trevas oferecem ainda mais resistência. É preciso alegar, pesar, medir, argumentar, razeir, convencer, sugerir, pedir, negociar, avaliar, atacar, defender, ladear, falar, silenciar, propor, sorrir, acalmar, ameaçar, serenar, comparar.

E assumir. O Sol, desta vez, não levou mais duas horas a nascer. Levou dias, semanas, meses. Os vinhos de cansaço, no rosto de Melo Antunes, provam como foi duro o combate.

Que terminou. De madrugada. Precisamente às seis horas da manhã. Da manhã ainda sem sol.

Finalmente, reconheceu-se a República Popular de Angola. A brevidade do comunicado explica tudo no plano do realismo político: nem simpatias políticas, nem afinidades, nem compadrio, nem conclusão, nada que se pareça com isto. Apenas porque estão criadas condições de ordem jurídica para o reconhecimento. O não reconhecimento, o a obstrução a ele, é que representava, isso sim, é que implicava opção de ordem política.

Talvez a uma grande parte dos portugueses — principalmente daqueles que vêem os interesses imediatos mas também atendem às raízes e a um projecto de futuro — fosse grato o reconhecimento do Governo do M. P. L. A. por razões de ordem superior — se não políticas, ao menos morais e patrióticas.

Quem esteve sempre ligado à luta do nosso povo contra a ditadura? Foi o Holden, o Savimbi ou foi Agostinho Neto?

Quem dá garantias de mais ampla defesa e manutenção e desenvolvimento de valores materiais, espirituais e culturais do nosso povo, como coadjuvantes da civilização africana? É o Savimbi, o Roberto, é Agostinho Neto?

Quem ficará na história da cultura portuguesa, da sua literatura, no engrandecimento da sua língua: é Agostinho Neto ou o Holden ou o Savimbi?

Quem, através de uma política e de uma prática anti-racista melhor assegura e mais deseja a presença dos portugueses em Angola: são os fantoches da U. N. I. T. A. e da F. N. L. A. ou os nossos amigos do M. P. L. A.?

As respostas estão à vista. A realidade não pode desmentir-se. Por isso espanta e dói como em Rortugal se demorou tanto tempo para confirmar uma realidade.

Terminou o longo combate. As seis da madrugada. Oxalá possa o dia remediar os estragos de uma noite tão longa.

O P. P. D. ESTÁ DOIDO OU QUÊ?

Do que foi a actuação da RTP relativamente ao processo angolano, falaremos um dia com mais vagar. Agora, apontei-se que a Televisão quis saber a opinião dos partidos portugueses sobre o reconhecimento.

Para já, desconhecemos qual foi o critério utilizado. Costuma ser o que privilegia os partidos representados na Constituinte. Tal não aconteceu. A Televisão ouviu o P. C. P., o P. S., o P. P. D. e também o C. D. S., na pessoa do Galvão de Melo.

Pelo P. C. P. ouvimos Carlos Aboim Inglês: o seu Partido aprova inteiramente e sem reservas: «Finalmente venceu o

bom-senso e o interesse nacional». Uma frase incisiva: **Pena é que tenha sido tão tarde, Portugal devia ser o primeiro país a reconhecer a República Popular de Angola.**

Pelo P. S. falou Sottomayor Cardia: que o seu Partido apresentara sobre a questão uma proposta bem clara (referia-se certamente à utópica realização de uma cimeira entre os três movimentos...) e que Sua Excelência o Presidente da República procedera ao reconhecimento no exercício das suas atribuições. Seguem-se votos de felicidade para a «nação mártir».

Foi então que veio Sá Carneiro. Uma expressão dura, implacável, talhada em gelo. A boca é uma lâmina, os olhos duas balas. O mãe, ó mãe, tenho medo deste homem, canta-me o papão vai-te embora, de cima deste telhado...

Que disparou ele? Que não foi o Governo que reconheceu; que portanto não está posta em causa a participação do seu Partido no dito Governo. No entanto, que este reconhecimento mostra como é indispensável que haja até 25 de Abril eleições para a Assembleia Legislativa e para Presidente da República porque (e passo a citar) **o povo mais do que nunca, depois desta decisão do Presidente da República, quer eleger o seu Presidente. E tem o direito de o fazer. É assim que se ultrapassa a crise.**

Ou seja: por um lado, o P. P. D. não desencadeia uma crise governamental — mas não recusa abrir uma crise na ordem democrática ao utilizar tais termos em relação ao Presidente da República. O povo quer eleger o seu Presidente, particularmente depois do reconhecimento de Angola, ou seja, nada disto teria acontecido se lá estivesse um Presidente da República que fosse realmente o Presidente do povo português...

O ataque ao Presidente da

Por MÁRIO CASTRIM

República insere-se numa campanha tendente a reforçar os factores de crise, de instabilidade, a que assistimos nos últimos tempos. Se o processo é grave quando parte de um reaccionário de meia-tijela, que deveremos pensar quando utilizado pelo dirigente de um partido com tão forte implantação governamental?

Outro aspecto a sublinhar é a forma como Carneiro ataca a jovem república africana e o seu Governo.

Segundo ele, o P. P. D. não reconhece a colonização soviético-cubana de Angola. O Governo de Luanda não é só o Governo do M.P.L.A.: é o Governo soviético-cubano que tem o apoio das forças invasoras e ocupantes de Angola.

Assim. Tal qual. Na Televisão Portuguesa, um vergonhoso ataque a um Governo amigo de um país, amigo, um país a que nos ligam grandes responsabilidades de vária ordem. Na Televisão Portuguesa, o órgão mais estatizado que há. Na Televisão Portuguesa, bomba atómica dos meios de Informação...

Nem todos compreenderão onde quero chegar. Alguém compreenderá! Isso me basta. Apenas me faltando agora saber se a justiça tem, como a pintam, os olhos suficientemente vendados.

FESTIVAL

Realizou-se ontem a primeira audição das canções para o Concurso da Euro. O público vai votar, vai escolher. Tenho a meu respeito absoluta confiança na boa-fé do meu julgamento. Temo, porém, poder influenciar alguns leitores no julgamento deles, pelo que me abstenho da respectiva crítica hoje.

Dado que a recepção dos cupões termina no dia 28, inclusive, publicarei a crítica no dia 29.

Para já, não quero deixar de apontar o primeiro grande ven-

Continua na pág. 18

COMARCA DE CUBA ANUNCIO

No dia 31 de Março próximo, pelas 9.30 horas, no Tribunal desta comarca, no processo de Execução de sentença que o exequente José Pinto Caeiro, Limitada, sociedade por contas com sede em Beja, move contra os executados Manuel Joaquim Cardoso e mulher Maria Isabel Candeias Zorinho Cardoso, de Faro do Alentejo não-de ser postos em praça para serem arrematados ao maior lance oferecido, acima dos respectivos preços anunciados os seguintes:

PRÉDIOS

1.º

Prédio urbano, sito aos Coitos, freguesia de Faro do Alentejo, inscrito na matriz sob o art.º 175. Vai pela primeira vez à praça no valor de 11.880\$00

2.º

Prédio urbano, sito na Rua Nova, freguesia de Faro do Alentejo, inscrito na matriz sob o art.º 118. Vai pela primeira vez à praça no valor de 2.100\$00.

Cuba, 30 de Janeiro de 1976

O Juiz de Direito, 3.º Subst.º

a) José Francisco Costa

O Escrivão de Direito

a) José Ferreira Garcia

«Este é o incitamento a um acto nunca visto. Um livro destinado a que nós, os poetas antigos e modernos, e todos os presentes, ponhamos frente ao paredão da história um frio e delirante genocídio»

o testamento poético de PABLO NERUDA



INCITAMENTO AO NIXONICÍDIO E LOUVOR DA REVOLUÇÃO CHILENA

APENAS POR 50\$00

ENVIE ESTA IMPORTÂNCIA EM CHEQUE. NOTA DE BANCO OU VALE DO CORREIO A EDITORA E DISTRIBUIDORA AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS, LISBOA 3 E TE-LO-A EM SUA CASA NA VOLTA DO CORREIO

Televisão

Hoje



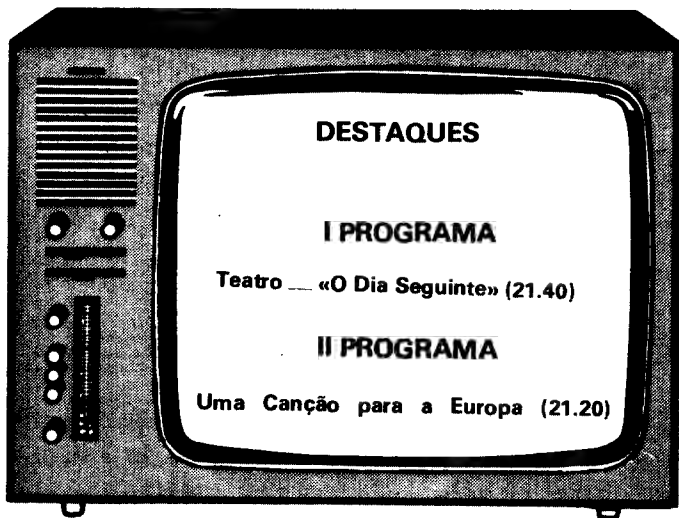
Luís Francisco Rebelo autor da peça «O Dia seguinte»

I PROGRAMA

- 19.00 Abertura e Os Homens, os Livros e as Coisas
- 19.25 Teledesperto — rubrica dedicada às actividades desportivas.
- 19.55 Da Saúde e da Vida — a imaginação da criança.
- 20.15 Vivendo o Futuro — automatização de técnicas.
- 20.30 Telejornal — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
- 21.05 Momento Político
- 21.40 Teatro — «O Dia Seguinte» — de Luiz Francisco Rebelo. Cenários de A. Baganha. Realização de Correia Alves. Intérpretes: Estrela Novais, João Guedes, António Reis, Branca Silva e Castro Guedes.
- 22.35 Telejornal — 3.ª edição
- 23.00 Fecho

II PROGRAMA

- 20.00 Abertura e «Omer Pascha»
- 20.25 Cinema de Animação
- 20.50 Das Artes e Ofícios — caldeireiros em Catraia de S. Pedro.
- 21.20 Uma Canção para a Europa — apresentação das oito canções seleccionadas pelo júri, para votação pública que escolherá a canção que irá representar a RTP no Concurso Eurovisão-76 que este ano se realiza em Haia. Intérprete: Carlos do Carmo. Orquestra da Radiodifusão Portuguesa dirigida por Thilo Krassman. Apresentação de Ana Zanatti e Eládio Climaco. Realização de Herlander Peyroteo. Cenários de Eduardo Lemos.
- 22.00 Telejornal — em diferido do I Programa.
- 22.30 Fecho



DESTAQUES

I PROGRAMA

Teatro — «O Dia Seguinte» (21.40)

II PROGRAMA

Uma Canção para a Europa (21.20)

Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período — 13.15: Abertura e Telejornal — 1.ª edição: 13.30: «Dois Anos de Férias» — série filmada: 13.55: Logo à Noite. Ciclo Preparatório TV — 14.10: Língua Portuguesa (2.º ano): 14.35: Matemática (1.º ano): 15.00: Francês (2.º ano): 15.25: Ciências da Natureza (1.º ano): 15.50: Educação Visual (2.º ano): 17.10: Matemática (2.º ano): 17.35: Língua Portuguesa (1.º ano): 18.00: Trabalhos Manuais (2.º ano): 18.25: Francês (1.º ano). 2.º Período — 19.00: «O Segredo dos Flamengos» — série filmada: 19.25: Há Só uma Terra: 20.00: Com Todas as Letras: 20.30: Telejornal — 2.ª edição: 21.05: «Jennie» — episódio com Lee Remick e Christopher Cazenave: 22.00: O Mundo que Nós Somos: 22.45: Telejornal — 3.ª edição: 23.00: Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e «Dois Anos de Férias»: 20.30: Ensaio — a Sociedade Rosa Cruz: 21.15: «Ann Margret» — programa musical com Tina Turner, o grupo The Osmonds e Ann Margret Olsson: 22.15: Telejornal: 22.45: Fecho.

PUB

Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa

Avenida Visconde Valmor, 34-1.ª — Lisboa-1

Telefones: 77 02 74 — 76 32 76 — 77 00 66

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os Delegados Sindicais para uma reunião a realizar no próximo dia 24/2/76, pelas 21.00 horas, na Sede do Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa, sita na Avenida Visconde Valmor, 34-2.ª, em Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

- 1 — Discussão de problemas salariais e contratação colectiva;
- 2 — Ratificação das conclusões do I Encontro Nacional de Hotelaria e Turismo.

Dada a importância da Ordem de Trabalhos e urgência nas posições a tomar, se apela a todos os Delegados no sentido de não faltarem a esta reunião.

Saudações sindicais!

SECÇÃO DE APOIO A DELEGADOS SINDICAIS

- CONTRA O CONGELAMENTO DA CONTRATAÇÃO COLECTIVA!
- CONTRA O TERRORISMO!
- UNIDOS LUTEMOS CONTRA AS MEDIDAS ANTIOPERÁRIAS!
- NA UNIDADE SE ENCONTRA A BASE DA VITÓRIA!

Lisboa, 17 de Fevereiro de 1976.

Desporto

ATLÉTICO NÃO SEGURA O BENFICA

Wilson ganha e perde

Foi um jogo frio, triste, enjoativo. Insipido e inodoro: sem sabor, nem paladar. Ausente de qualquer colorido: uma espécie de frete que os jogadores (25 no total) cumpriram como calhou, perante uma arbitragem sem tom nem som. Ao acaso, como falhas, a perturbar os clubes em equação, erros a tornarem um valor negativo a interferência do apitador na tarde de sol bonito na Tapadinha.

Uma enchente a romper as costuras: 680 e tal contos juntinhos, nas bilheteiras. O mais que indesejável «espectáculo» de uns cães a desfilar, puxando por polícias, nem uns nem outros a impedirem o já clássico «show» no Parque da Ajuda: a «maralha» a saltar dos lugares baratucho para poisos caros, sem ligar a bilheteiros perante uma pasmosa passividade dos P. S. P. que (pelos vistos) recebem «cachet» para ainda verem generosamente o seu clube favorito. Um caso a necessitar, urgentemente o seu clube favorito.

Um caso a necessitar, urgentemente, da atenção dos superiores da corporação para evitar os dichotes e o gáudio que alguns pobres sujeitos estão a ganhar dia-a-dia. Das duas, uma: ou (como acontece agora) não servem para nada nos campos desportivos e são bem dispensados de um serviço «gratificado» quase principescamente ou (que diabo?) há que justificar o «cachet» e, ao menos, fingir que são uma autoridadezinha. A menos que somente sejam capazes de fazer cumprir uma determinação a poder de chanfalo e G3 nas unhas.

Adiante. A moldura humana era, na Tapadinha, uma coisa impressionante, com os pagantes a interrogarem-se sobre se teria valido a pena esportular larga quantia e ficarem assim, abafados entre «penduras» da última hora. Cremos que, também neste aspecto (das lotações que se desrespeitam) a Federação, a Associação (eu sei lá!) têm uma palavra decisiva. Antes que seja tarde e haja para aí, uma catástrofe a obrigar tarjas negras.

DESPLANTE

O duelo Atlético-Benfica, teve pouco que lembrar para

Atlético: Barbosa; Coelho, Luis Horta, Candeias e Franque; Mário Wilson, José Eduardo e Baltasar; Prieto, Martins (Costa) e Avelar.

Benfica: José Henrique; Artur, Barros, Messias e Bastos Lopes; (Eurico) Toni, Vitor Martins e Sheu; Nenê, Jordão e Moinhos (Diamantino).

Árbitro: I. de Almeida (Setúbal).

Golos: Toni (20 minutos) e Nenê (69).

além da deficiente arbitragem e da vantagem em «cantos» (8-4) e em golos (dois a nada) que pendeu para os encarnados. Sobre tudo a respeito de emoção, que foi nula e inquerbrantável no seu zero.

Os pupilos de Mário Wilson jogaram como de costume: Sheu à esquerda e Toni à direita, um e outro encostados às laterais, para facilitarem a entrada dos colegas na zona frontal de sinal contrário. O Atlético, mau grado o excelente toque de bola por banda do seu jovem Mário Wilson, mais não conseguia que ir sacudindo a pressão à espera um milagre vindos dos céus, porque não conseguia segurar os avanços contrários, embora tanto Nenê

(sem o conseguir) aquilo que seria tarefa mútua.

Pois, veio o tento de Toni: o pontapé entre a floresta, para o qual Barbosa nem se moveu. Aliás a cabeça amortecedora (por Nenê) colocara a bola mesmo a pé de semear: Toni, nada rogado, explodiu. O Benfica tomava o pulso ao Atlético e os rapazes de Alcantara, inconformados mas aparentemente impotentes para a resposta nos mesmos termos, dobravam passes sobre passes, sem avançarem um só centímetro na relva.

Houve então, um sururu junto ao péo lateral, com o defensor Barros no centro de um pequeno enigma. Confusão, muitos assobios, nomes feios e impassividade do julgador mor, que nada viu de censurável naquele vendaval de pontapés nas canelas. Já então Messias e Martins, mais Barros e Avelar, andavam pegados em questões muitos deles. E, Bar-



Messias ao ataque: Franque na defensiva. Baltasar espreita

como Jordão não acertassem o remate em termos.

Foi então que veio à tona de água o magnífico toque de bola assinado pelo descendente do treinador benfiquista que, ante papá-juiz, caprichava em mostrar as habilidades que já o tornam cobiçado por vários emblemas. Mas, o primeiro grande «frisson» seria dado pelo estouro de Barros na madeira superior da rede de Barbosa: um pontapé que merecia 20 valores, tal a potência e colocação. Do outro lado, rapidamente se notando que Baltasar estava na mó de baixo, e Prieto, à esquerda, nem por sombras evitava as descidas do irrequitado Artur ficou-se a ver o golo de abertura, já de braços pendentes, alguns moços alcantarenses a atabalhoarem o trabalho dos colegas, cada um a querer fazer minutos antes, apanhou com o

ros, que escapara ao censor «amarelo» por simples empurrãozinho em Baltasar. Demorara cinco minutos a chegar a justiça.

Assistiu-se, daí a instantes, a uma cena anedótica: o setubalense do apito (Almeida, de apelido) não viu um canto consentido por Barbosa e de repente, o «capitão» da «água» vem lá do fundo, sacode-o, empurra-o, abana-o, diz-lhe o que quer, face a uma inapta capacidade de se impor que define a fraca craveira técnica do apitador. Mostra a Toni o caratão amarelo quando a verdade manda que se diga: só Almeida, entre todos os árbitros do Mundo, permitiria a Toni um desplante daquele jaez. Que (inclusive) foi asperamente comentado por bons benfiquistas que estavam nos camarotes, admirados com a passividade do chamado «diretor de turno», alvejado por largo sector da plateia com um nome que fica mal até a quem o justifica...

BARRACA

A cedência da juventude alcantarense à técnica e força dos profissionais da Luz estava à vista, mal surgiu o segundo tempo: um ingénio pontapé de Avelar foi para as nuvens. Logo, no lance de réplica, os micro Vomitam esta:

No Bessa, Mário Lino defende a superioridade de uma bola a uma!

Não caiu o Carmo, nem a Trindade, porque o primeiro já varrerá o pó a 25 de Abril e outra está armada até aos dentes. Mas, riu-se, em gargalhadas pegadas, por tudo o que era Tapadinha. Falara um dos Zaratrutas do Quelhas: estava tudo dito. Era o mesmo Quelhas do obrigado, Fulano; obrigado, Cicrano. Do exactamente, exactamente. Dos profissionais na bancada e dos inaptos ao volante. Da era dos incompetentes: dos que dizem (por exemplo) babuseiras destas:

Costa entrou, bem-visto pelo técnico...

Olha se ele estava mal visto! Nem suplente era... bradou imediatamente um espectador (bem conhecido) mirando de gozo requintado o poiso onde se escondia o autor do desplante.

Sigamos com a bola, desprezando a citação ao jogador mais falado nas ondas radiodifusivas: um tal de «aliás» que deve ser sujeito, importante, pois está sempre nas bocas palradoras. Esqueçamos (igualmente) a palermice escrita no papelinho que uma menina leu, às 17 no Quelhas, quando se descobriu um naco de prosa que rezava assim...

recenseamento eleitoral para a eleição... Ou aquela outra (já na Tapadinha) quando o manco da voz no éter proclamou:

Entra o nº 13 do Atlético. Não descortinamos o nome do jogador...

Saltemos todas estas diatribes contra a língua pátria, estes atentados ao que deve entender-se por um minimozinho de cultura geral e digamos, somente e para culminar, que o grande espectáculo do chuto já não se vive nos relvados: agora, o que não deve perder-se são os «relatos». Nunca o Vasco Morgado apresentou uma peça tão alienante. Nunca qualquer «tide» arrancou tantas lágrimas... de riso triste.

Enfim, porobrigação, falemos mais um pouquinho do jogo. O dois-zero foi muito controverso e aconteceu de modo insólito. A bola vem do meio-campo para um pé de Nenê, ressaltando para a sua mão direita, dando a certos espectadores a sugestão de que foi aí acariciada: o remate parte e (então, sim) vê-se perfeitamente que o dianteiro benfiquista está uns palmos adiantado em relação ao mais atrasado defensor alcantarense. (Candeias). O golo tem benedictão arbitral: só o homem do marcador continuou a ignorá-lo e a deixar (hinto e friol) o 0-0 no «placard» da Tapadinha.

O dois zero era o lógico corolário para o que se passara em campo? Duvidamos: 2-1 estaria melhor, como prêmio para a muita vontade dos alunos de Carlos Silva, os atléticos como foram baptizados nas ondas morenas do Quelhas...

O silvo final, para alívio de quantos viam ou escutavam os dois paupérrimos exemplos de fastio e tédio, surgiu pouco depois de Luís Horta vir converter-se até à lateral, e apanhado longe de uma avançada por Diamantino, vem à galopada e avia as canelas do marido da campeã de patinagem artística. Ainda houve um «livre», mas, realmente, aquilo estava tudo a pedir banho. Só não sabemos se os radiodifusivos aproveitaram o ensejo e foram também dar água ao interior das cabeças.

A respeito de futebol: acção curiosa de dois ou três mocetões (Artur, Candeias, Vitor Martins e, especialmente, Mário Wilson). Dois pontos para um pai baboso: um Wilson perdera, outro embolsara. E a malta gozara, como lhe apetecia: só carteiras vazias, ficaram dez no arquivo da porta grande. Em contrapartida, não consta, por lá, nenhum transistor: desde que os radiodifusivos estão tão divertidos, ninguém (por dinheiro nenhum) deixará de andar com o garrafão da música colado aos ouvidos. O leitor faça como eu: não perca uma. É conselho de quem gosta, para quem tem bilis a expelir.

NEVES DE SOUSA



Faro: o guarda-redes Melo segura a vitória dos benenenses, novo empurrão dos farenses para um poiso nada cobiçado

FUTEBOL NO ESCALÃO MAIOR

Quatro com a última palavra

Vinte e duas fornadas despaçadas do lume do campeonato maior do chuto destas áreas. O panorama a seguir, inalterável: Benfica e Boavista galgando todos os arames-farpados, o Sporting mais o Belenenses mais o Guimarães a procurar uma porta aberta para a Europa, o Futebol Clube do Porto cada vez mais na mesma, numa confrangedora vergastada aos milhares de amigos de um emblema anos a fio à espera de Godot.

Saltou o Benfica (2-0) sobre um Atlético que é de outra craveira menos endinheirada e se contenta em ficar como convém, satisfeito e tranquilo por meter uns sustos e continuar a vidinha. Amarinhou o Boavista à custa de certa sorte e de alguma veteranaria setubalense. Embora o Vitória tivesse usufruído vantagem (Lito, no golo de abertura) a verdade manda que se diga que, após o penal-tie certamente apontado por Acácio (a dar a igualdade) ficou no ar somente uma questão: até onde poderia o «team» de Mário Lino (onde os muito jovens estão mesclados com os demasiado gastos) sustentar o nulo? Alves (o trivial...) tirou a derradeira dúvida: 2-1 ficava como nota positiva para o modo como Pedroto fora contrariado, mas garantia a continuidade da perseguição, ombro-a-ombro com o Benfica, ao título mais apetecido.

Quem disse (em definitivo) adeus aos sonhos foi o F. C. Porto, a quem o Sporting bateu por um resultado que apenas peca por exiguo: e, mesmo assim, se cifrou em robusto 5-1. É que foi de tão grande instabilidade e estrutura portista que pairou no ar, por todo o Alvalade, a sombra de um colapso astronómico para os fracos defensores do emblema das antas. Porto calçado e Sporting a superlar-se: eis o retrato da hora e meia de um «clássico», em que os golos foram como cerejas.

O grupo da Amoreira poisou em terra aveirense: um penal-tie cheio de incertezas (teatralidade a mais de Clésio) deu um golo aos comandados por António Medeiros, no pontapé certo e firme de Eurico, mas a reposição do empate veio num livre bombeado por Sousa, que Ferro deixou entrar nas malhas dos amarelos da Costa do Sol. E, quando se imaginava que os pontos seriam devidos como no Tratado de Tordesilhas, eis que Inguila, numa entrada fulgurante, de rajada, faz o concludente 2-1. A bola bateu na trave superior e saltou para o covil a um minuto do adeus. Beira-Mar (leia-se Fernando Vaz) num vale-tudo para a fuga aos arrepios na espinha. António Medeiros (entenda-se Estoril Praia) a fazer um percurso sossegado, guardando para o lar a recolha de proventos.

Foi preciso um auto golo comimbricense (infelicidade de Vitor Campos) para o Sporting de Braga esbater o opositor. O Académico teve a sorte de

ver uma grande penalidade mal apontada pelo louro Marinho: mas destino tinha traçado a sua derrota. Um-zero: Braga um nadinha mais aliviado, Coimbra outra vez no rodapé.

O Desportivo da Companhia União Fabril e o União de Tomar empataram em branco. Noventa minutos de corrida e chutos ao acaso: o Lavradio em maus lençóis, Tomar poucoquinho melhor.

Leixões bateu o pé ao Guimarães: 1-1 foi o desfecho do confronto. Duelo de táticas rubricado por quem tem formação para alinhar na parada: Hrotko com meio-campo ediantear enleantes, Caiado a viver de contra-ataques e de golpes de astúcia pura.

Concluiu-se a festa dominical com o triunfo dos restelianos na cidade farenses. Peres Bandeira, calmo e seguro, a levar de vencida o nervosismo de Assis e companheiros. Benenenses na rota da U. E. F. A.: Farenses em cada hora mais apeado. Três-um como epílogo de uma conversa quase feita a solo.

Como se nota, tudo como dantes, fora o vendaval que desfez o Porto. À frente, a mesma procissão. Cá atrás, a caruagem apinhada. Entre as duas fronteiras, um pequeno mundo: 23 pontos de intervalo. Exactamente o mesmo quantitativo que o Estoril Praia já embolsou: ele que é, para certa boa gente, a última possibilidade de um tropeção para os donos da defesa mais competente e do pontapé mais bem calibrado. Mas, isso será história a viver-se depois do Carnaval.

"Correcção"

Para além de uma profusão de «cartões amarelos» que premiaram diversas infracções nos campos futebolísticos, este fim-de-semana foi profuso em incidentes. Veja-se:

O árbitro Manuel Veiga (de Coimbra) apenas conseguiu sair do Estádio do Mar (Leixões-Guimarães) após duas horas de espera. Houve cargas pela G. N. R., feridos e atropelamentos...

No pavilhão da Luz, quando as «esperanças» de luta estavam em acção, o sportinguista Carlos Gaspar pegou numa cadeira e quis brindar o juiz Quintas Ferreira.

Em Coimbra, um festival de natação terminou a muro e bofetada, tudo por causa do desencontro de horários.

Terminando outra vez em terreno de chuto na bola: em Faro, o árbitro setubalense Ismael Baltasar retirou a penates a escorrer sangue da nuca, enquanto que em Aveiro choveram objectos estranhos no terreno.

Uma maravilha de correcção, este Desporto português.

TAÇA DOS CAMPEÕES EUROPEUS

BAYERN-BENFICA

17 DE MARÇO DE 1976, em MUNICH

(uma das mais antigas, formosas e folclóricas cidades da Alemanha)

POR ESC. 5950\$00

INCLUIMOS: — Ida e volta de avião — Hotel de 1.^a — Transportes em autocarros privativos Aeroporto-Hotel-Estádio

EXCLUIMOS: — A famosa cerveja bávara — Os muitos divertimentos que a cidade oferece — As compras para a família — Bilhete para o jogo (cuja reserva asseguramos)

Aplauda o BENFICA!

E INSCREVA-SE QUANTO ANTES EM

Viagens-MERCURY-Turismo

LISBOA — Avenida da Liberdade, 161-163

Telefones 56 10 81 - 56 10 86

BRAGA — Avenida da Liberdade, 728

Telefone 2 29 44

ALVALADE: SPORTING, 5-PORTO, 1

O BOMBO E A FESTA

Não há dúvida: este Portozinho titubeante, que foi ontem *passado a ferro* em Alvalade, trouxe antecipado Carnaval às hostes do Sporting. Os *leões* fizeram a festa, deitaram foguetes e transformaram um poderosíssimo grupo de milionários jogadores em pouco mais que bombos: cinco golos contra um, fora um *penalty* estranhamente obliterado pelo até então sapiente árbitro. Porém Luis, fora seis lances de baliza aberta que os sportinguistas desperdiçaram (talvez perturbados por tão grande fragilidade contrária) ficam a marcar uma das mais severas derrotas de sempre de um «plantel» que tem tudo para ser campeão e fazer alta figura internacional, excepto três ou quatro *pequenas* coisas. Que se chamam humildade, trabalho, companheirismo, vontade. Este F. C. Porto em que há unidades que sacam mensalmente fortunas astronómicas, onde até existe um mancebo que recebe tanto como cinco ministros, tem de apanhar uma barreira de todo o tamanho. Numa celha de onde não podem ser excluídos alguns «dirigentes» que apenas perturbam e so avivam a confusão que anda paredes meias com muitas notas de conto.

Houve golos para todos os paladares. Um com sabor a picante: por Cubillas (o único portista que se diga *benza-o*, Deus mal o pague se sentara para deitar contas à vida. Outro, com trau de sal: o empate, obra de Chico consentida pela pasmada dupla Ronaldo-Tibi, mal os aplausos portistas partiam em direcção ao Norte. Depois o 2-1, ainda pela cabecinha de Chico e novamente face ao desapego de uma defesa amantegada e junior.

Este, o desfecho incontestado ao virar da página, com o Sporting a lamentar-se de um falanço de Manuel Fernandes a primoroso centro por Mári-

nho e de um lance em que Tomé atirou a beijar o poste.

No complemento do orquestração, o bombo continuou a ressoar mal entre os mestres da partitura. Um «arco» de Fraguito entra docemente sobre as cabeças de cinco portuenses a mirarem os astros, Manuel Fernandes logra o 4-1 num instante em que Tibi estava a dialogar com os atilhos das meias e o 5-1 aparece, paulatinamente, quando o isolado Baltasar empurra a esfera para um castelo sem ameias nem travão. No meio disto tudo, assim contado com a facilidade que o «placard» espelha, ainda se viu isto: Tibi a socar o ar, Ronaldo a pontapear em

seco, Murça à procura ninguém sabia do que (ou de quem) e os *durões* Simões e Gabriel em busca de pernas que desapareciam logo que ficavam nas linhas de mira. Mais: uma *sanduche* feita por Gabriel e Simões a Márinho (que só podia ser punida com grande penalidade e Porém Luis *virou* para inacreditável livre indirecto...), um remate de Fraguito que se escoou rentinho ao poste esquerdo, uma bola salva por Octávio e outra por Cubillas (mesmo à bica do risco fatal), um disparo de Chico que obrigou Tibi a andar aos papéis, um serpentear de Nelson que culminou em pontapé seco mas errado, uma *ca-beça* de Baltasar a rasar a trave, uma espantosa *perdida* pelo verde Libânio e um corte por Seninho, quando Manuel Fernandes ia entrar com a bola pelas redes, colada a pés que pareciam imanes.

Como se pode notar: um farto prós «leões», uma apatia portuense que nem os esforços de Cubillas ou do pobre Seninho impediam de fugir a um *dolce* *farniente* que arrepiava. Enfim e numa síntese: pior do que este Porto, só o festival dos cantos à fado.

Comentário por NEVES DE SOUSA

É claro que, perante este relato das operações, verificada a realidade deste resumo de proezas, não fica migalha de ouro para atribuir ao Porto, que tem três ou quatro jogadores no banco sem se descortinar a razão da sua colocação como suplentes, enquanto outros companheiros de trabalho mal podendo arrastar-se, entram em campo e fazem figura de incontestáveis. Para além disso, dois homens em plano razoável (Cubillas e Seninho), um que é *ceguinho* do pé esquerdo (Gomes), alguns que estão a léguas da real valia (Murça, Octávio, Oliveira, Tibi) e ainda outros que não se conseguem entender como foram aterrados nas Antas.

Quanto ao Sporting, excluir quem quer que seja seria mal-doso. Todos por um e um por todos, foi lema perfilhado de fio a pavio. Houve actuações de excepção (Tomé, Chico, Márinho, Mendes, Inácio, Nelson, Fraguito), outras em plano muitíssimo bom (Damas, Baltasar, Laranjeira, Manuel Fernandes) e duas que estiveram dentro do que sabem (Libânio e Gomes). Mas, o que valeu foi o bloco construído no Jirica, que reduziu a pó os derradeiros sonhos de Monteiro da Costa e fez com ovos de pomba, a omeleta que o Porto não conseguiu com um aviário inteiro à disposição.

É isso: às vezes, a fatura cai na fraqueza. Empaterra. Dá congestão...

Sporting: Damas; Tomé, Laranjeira, Mendes e Inácio; Nelson, Baltasar e Fraguito; Márinho (Libânio), Manuel Fernandes e Chico (Vitor Gomes).

F. C. Porto: Tibi; Murça, Ronaldo, Simões e Gabriel; Octávio Rodolfo (Oliveira) e Cubillas; Ademir (Alton), Gomes e Seninho.

Árbitro: Porém Luis (Leiria)

Golos: Cubillas (6m.); Chico 6 m. 30 s. e 28 m), Fraguito (49), Manuel Fernandes (61) e Baltasar (82).

SEGUNDA DIVISÃO FUTEBOLÍSTICA

Viagem entre dois pólos

Na divisão número dois do futebol português, há sectores ordenados e horizontes nebulosos. Em cima, lá para o Norte, o Varzim continua o desfile, com muitos pontinhos de vantagem sobre a única formação imbatida esta temporada: o Salgueiros, a quem Joaquim Meirim deu inusitada confiança, inoculando-lhe uma tremenda força de vontade e um sentido táctico que estão patentes no «palmarés» dos z«encarnados» do Porto. Cá para baixo, o triunfo do Montijo, somado ao empate nas Caldas e ao fracasso do Portimonense, novamente perturbou a tabela pontual, criando todas as hipóteses para o futuro mais imediato.

Vejam-se, agora, os desfechos registados nos cotejos nortenhos e como ficou ordenada a respectiva classificação:

Alba-Regua, 3-0; Riopele-Salgueiros, 1-2; Fafe-Paços de Ferreira, 2-0; Feirense-Sanjoanense, 3-4; União de Lamas-Lourosa, 1-1; Sp. Espinho-Marinhense, 4-2; Paredes-Covilhã, 1-0; Varzim-Famalicão, 1-0; Vilanovense-Gil Vicente, 2-1 e Chaves-Penafiel, 2-1.

	J	V	E	D	P
VARZIM	22	18	3	1	48-7 39
Salgueiros	22	9	13	2	25-11 31
Desportivo de Chaves	22	12	6	4	37-18 30
Paços de Ferreira	22	11	6	5	36-27 28
Famalicão	21	9	6	6	26-16 24
Lousada de Lourosa	22	8	6	8	32-31 24
Sporting de Espinho	21	10	4	7	36-21 24
Riopele	22	10	3	9	28-25 23
União de Lamas	22	9	5	8	22-14 23
Sanjoanense	22	9	2	11	17-27 20
Sporting de Covilhã	22	7	5	10	21-31 19
Penafiel	21	8	3	10	21-19 19
Vilanovense	22	7	5	10	20-28 19
Gil Vicente	21	7	4	10	32-30 18
Feirense	22	5	8	9	23-34 18
Marinhense	22	6	4	12	21-40 15
Paredes	22	7	2	13	23-27 16
A. D. Fafe	22	4	8	10	13-23 16
Alba	22	4	7	11	22-36 15
Régua	22	5	4	13	25-44 14

Próxima Jornada, a 7 de Março: Penafiel-Alba; Régua-Riopele; Salgueiros-Fafe; P. Ferreira-Feirense; Sanjoanense-U. Lamas; Lourosa-Sp. Espinho; Marinhense-Paredes; Covilhã-Varzim; Famalicão-Vilanovense; Gil-Vicente-Chaves.

«Placard» sulista e ordem dos concorrentes: Esp. Lagos-U. Santarém, 3-0; Juventude-U. Montemor, 1-0; Sintrense-Peniche, 2-1; U. Leiria-Marítimo, 2-5; Montijo-Barreirense, 3-0; Oriental-Sesimbra, 2-0; Torriense-Olhansen, 1-1; Caldas-Lusitano, 0-0; Estrela-Portimonense, 2-0 e Torres Novas-Almada, 2-1.

	J	V	E	D	P
MONTIJO	22	13	7	2	45-15 29
Portimonense	22	11	6	5	49-31 28
Caldas	22	11	5	6	35-27 27
Peniche	22	10	6	6	27-27 26
Marítimo	22	9	8	5	28-19 25
E. Portalegre	22	9	3	8	31-18 25
Esperança de Lagos	22	10	5	7	32-20 25
Torriense	22	7	10	5	26-23 24
Juventude	22	9	6	7	20-16 24
Olhanense	22	7	9	6	17-17 23
Sintrense	22	6	11	5	23-21 23
Almada	22	10	2	10	28-21 22
Oriental	22	5	9	7	23-19 21
Sesimbra	22	7	6	9	19-22 20
Barreirense	22	6	8	8	22-23 20
União de Leiria	22	5	9	8	19-29 19
União de Santarém	22	7	4	11	17-34 18
Lusitano	22	6	4	12	16-33 16
União Sport	22	3	6	13	9-32 12
Torres Novas	22	4	4	14	17-17 12

Próxima Jornada, (a 7 de Março) Almada-Esp. Lagos; U. Santarém-Juventude; U. Montemor-Sintrense; Peniche-U. Leiria; Marítimo-Montijo; Barreirense-Oriental; Sesimbra-Torriense; Olhanense-Caldas; Lusitano-Estrela; Torriense-Torres Novas.

A saliência mais para lamentar diz respeito aos incidentes ocorridos em Pousada de Saramagos, onde o bandeirinha Monteiro da Cunha foi agredido claramente, com o jogo somente a retomar o seu curso quando um assistente (Eduardo Gonçalves, da Comissão Distrital de Árbitros, de Braga) se prontificou a ocupar o lugar do fiscal atingido. Um caso que, infelizmente, começa a ser corriqueiro no futebol português. Mas que, nem por isso deixa de valer uma severa exigência de castigo para quem não tem condição para ombrear com desportistas: Riopele, sob alçada disciplinar, será (em derradeira análise) o grande prejudicado pela insensatez de quem se julgava seu amigo.

CLASSIFICAÇÃO DA 1.ª DIVISÃO

	V	E	D	C	P
BENFICA	16	4	2	63-15	36
Boavista	15	6	1	52-17	36
Sporting	13	5	4	43-18	31
Belenenses	12	5	5	34-24	29
F. C. Porto	11	5	6	56-27	27
V. Guimarães	9	9	4	38-19	27
Estoril	9	5	8	24-32	23
Sp. Braga	6	7	9	22-30	19
Leixões	7	5	10	26-45	18
V. Setúbal	5	8	9	26-28	18
Atlético	7	4	11	22-37	18
CUF	4	8	10	9-32	16
Beira-Mar	4	6	12	16-35	14
Académico	4	5	13	19-38	13
Farense	5	3	14	25-49	13
U. Tomar	4	5	13	23-52	13

Ronda próxima, a 7 de Março: Benfica-Farense (4-1 na 1.ª v.); Belenenses-Sp. Braga (1-), Académico-Cuf, (0-0), U. Tomar-Sporting (1-4), F. C. Porto-Boavista (0-1), V. Setúbal-Leixões (1-1), V. Guimarães-Beira-Mar (0-0) e Estoril-Atlético (2-0).

TOTOBOLA BOLETIM COM 13

Farense - Belenenses	2
Braga - Académico	4
CUF - União Tomar	X
Sporting - Porto	4
Boavista - Setúbal	4
Leixões - Guimarães	X
Beira-Mar - Estoril	4
Atlético - Benfica	1
Riopele - Salgueiros	2
Fafe - Paços Ferreira	4
Sintrense - Peniche	1
U. Leiria - Marítimo	2
E. Portalegre - Portim.	4

Portugal

O Feirense parece disposto a rescindir contrato com o treinador Guilherme, constando que o comando técnico da sua turma futebolística será entregue a Pedro Gomes, recém-despedido do Farense...

Paris St. Germain-Boavista: espectáculo de futebol previsto para 19 de Abril, em Fátima.

A saída de António Rodrigues Guimarães, da presidência do Vitória de Guimarães, coloca em ponto morto a garantia da indemnização dada (pela sua palavra) ao árbitro António Garrido, de que lhe seriam pagos os 150 contos referentes ao automóvel (e diversos utensílios que estavam na viatura incendiada) quando do famigerado «caso Guimarães». O sucessor indigitado para o comando da gerência vimaranense (Gil Mesquita Vieira de Andrade) completará a determinação do colega anterior? Para já, a única entidade que está desembolsada é a Comissão Central de Árbitros.

A taça «Diário de Lisboa», em ténis de mesa, pertence ao Águia (turma de infantis) que, apresentando Armando Torres e João Guerra, bateu, na final da competição, o bloco do Belenenses (Paulo Dionísio, José Gil, Carlos Barroso e José Dias).

Sensacional recuperação do Oeiras, na «Taça de Portugal» qualificando-se para a final da prova, após ter resgatado o 4-5 no seu ringue (face ao Valongo) com um belo êxito no terreno norteño (4-2). No outro jogo, naturalmente, o F. C. do Porto ainda conseguiu um triunfo (6-4) sobre o Sporting, mas não conseguiu rectificar a desvanta-

gem trazida do Estoril, do embate da primeira «mão» (1-9). Assim, o Oeiras e o Sporting disputarão a *decisiva* da prova, em Coimbra, no próximo sábado. Linhas e goleadores, da segunda «mão» das meias finais:

Valongo: Queirós, Aguiar, Pires (1), Vale (1), Camões, Armindo, Gomes e Neves.

Oeiras: Piteira, Cristóvão, Rosado I, Carvalho (1), Rosado II (3), Paulo Almeida e Russo.

F. C. do Porto: Castro, Prezas, David Reis, José Fernandes (5), Cristiano (1), Carlos Reis, Domingos e Amarante.

Sporting: Ramalheira, Rendeiro, Sobrinho (2), Chana (1), Salema, Saraiva, Basílio e Carlos Alberto.

Campeonato nacional de basquetebol, da 1.ª divisão: CDUP, 68-Vasco da Gama, 62; Sangalhos, 107-Académico do Porto, 65; CUF, 81-Benfica, 89. Os «leaders» são F. C. Porto e Sangalhos (Norte) e Sporting (Sul).

Luta, nacional de «esperanças», por equipas: Ateneu, 5-Oueluz, 3; Benfica, 5-Baixa da Banheira, 2; Sporting, 5-Runa, 3. Sporting e Benfica comandam a tabela pontual.

Os seniores do ténis de mesa lisboeta venceram os colegas do Porto, por marca concludente: 3-0. Os portistas (Carlos Leitão, Alexandre Cruz e Fernando Paulo) baquearam frente ao belenense Jerónimo Pina, ao sportinguista José Marquês e a a Ivanoel Moreira, do Palmeiras.

Voleibol internacional: o F. C. Porto derrotado irremediavelmente (0-3) pelos italianos do Ariccia, na segunda

«mão» da ronda inicial da «Taça dos Campeões Europeus». Repetido o desfecho do primeiro duelo, os portistas retiraram da prova. Eis a sua formação: Eduardo Monteroso, José Moreira, Álvaro Martins, Sávio Nora, Mário Cruz, Luís Silva, Rui Moreira, José Lima, Artur Gomes, Ernesto Costa, Fernando Carvalho e Francisco Costa.

O Ateneu Comercial e o atirador Eduardo Mendes (Colégio Militar) foram os melhores esgrimistas na prova de florete organizada na sala de armas do Colégio Militar.

Na noite da próxima 5.ª feira será eleita a nova gerência do Grupo Desportivo da Companhia União Fabril.

O campeonato internacional da Alemanha, em ténis de mesa, terá a presença de uma selecção portuguesa: Madalena Gentil (Sporting), Anabela Silva, Ivanoel Moreira e José Alvoeiro (os três do Palmeiras) que, seleccionados por Vladimir Abreu e treinados por Humberto Gaspar, partem na 5.ª feira para Hannover.

Hóquei em campo: Futebol Benfica, 3-Cascais, 0; Atlético, 2-Hóquei, 0 e Benfica, 2-Belenenses, 1.

Ainda desta modalidade: batendo o F. Benfica (2-1), o Benfica venceu o «Torneio da Juventude».

A 18 de Março deve partir para os E. U. A. o futebolista João Pedro, do Desportivo da Companhia União Fabril, que vai ser colega do famoso Bobby Moore, com o emblema do Rochestess.

Logo, pelas 21 horas, será eleita a futura direcção do Vitória de Setúbal, que ostenta como figuras-base o dr. Aníbal Pescadinha (assembleia geral), Silvério Jones (directão) e Sérgio Pintado (conselho fiscal).

Nos «europeus» em pista coberta, desenhados em Munike, a lançadora portuguesa Adília Silvério arremessou o peso a 14,28 m, a sua marca pior de há longo tempo a esta parte. Logicamente, não foi qualificada para a final.

Depois da «cilindrada» em Alvalade, o F.C. Porto declara, publicamente, que vai conseguir um guarda-redes e reforçar em outros pontos o seu já óptimo «plantel». Conhê, guardião da Companhia União Fabril, foi o primeiro contratado.

Nacional de futebolistas juniores, zona norteña: Varzim, 1-Nelas, 0; F. C. Porto, 3-Lusitano, 0; Braga, 4-Sanjoanense, 0; Boavista, 0-Guimarães, 1; Leixões, 4-Académico, 0; Amarante, 3-Marco, 1. A pontuação é comandada pelo Sporting de Braga. Zona Sul: União de Coimbra, 0-Sporting, 2; Cuf, 0-Belenenses, 1; Setúbal, 5-Farense, 1; Atlético, 0-Peniche, 0; Sesimbra, 5-Portalegre, 0 e S. Luis, 0-Benfica, 0. O Benfica é «leader» destacadíssimo.

Esta noite (22 horas) distribuição dos prémios referentes ao 2.º Rallie do Sul e ao 25.º Volta a Portugal, na sede do Clube 100 à Hora (Lisboa).

Vitória benfiquista na estafeta Louisa-Coimbra. Formação vermelha: Carlos Tavares, Cidália Caetano, José Abreu, Celso Pinto e Tavares da Silva.

Na final da «Prova nacional para juniores», em raguebi, Agronomia bateu o C.D.U.L., por 11-10.

Comportamento modestíssimo dos dois portugueses que estiveram presentes na «Volta Ciclista à Andaluzia»: Agostinho foi 22.º e Mendes 47.º enquanto equipa que representavam foi a última na tabela. O êxito maior sorriu ao holandês Karstens.

António Vermelho (Belenenses) saltou em altura 2 metros e 6 centímetros, batendo o máximo português. Ao mesmo tempo, Maria João Lopes (Sporting) com 42,7 s. nos 300 metros, obteve novo «record» para a categoria de iniciados.

O «seis» de voleibol do Sporting de Espinho foi batido (1-3) em Belgrado, pelo Estrela Vermelha, ficando eliminado da «Taça dos Vencedores das Taças».

Resultados de embates raguebistas: Benfica, 12-Académico, 3; C.D.U.L., 48-C.D.U.P., 0; Barreiro, 16-Técnico A, 38; Centro-Norte, 4-Juniões do Leeds, 48 e Sacavenense, 0-Regentes de Évora, 40.

Geral

Vasco Lourenço
no R.P.E. (ex-R.P.M.)

O brigadeiro Vasco Lourenço, comandante da Região Militar de Lisboa visita amanhã à tarde o Regimento de Polícia do Exército (ex-Regimento de Polícia Militar).

A visita de Vasco Lourenço insere-se numa série que o comandante da RML tem vindo a realizar junto das várias unidades sob o seu comando.

Actualizadas pensões
dos militares na reserva

O Conselho da Revolução estabeleceu novas medidas relativas às pensões de reserva dos militares dos três ramos das Forças Armadas. Assim, e por força do novo Decreto-Lei n.º 150/76, agora aprovado, aos militares na situação de reserva, com 36 ou mais anos de serviço, será actualizada a pensão sempre que se verificar alteração nas re-

munerações dos militares do activo. Esta medida visa, de acordo com considerações no preâmbulo do decreto, minorar os inconvenientes dos militares que se encontram na situação de reserva. O decreto tomou em consideração que a reestruturação em curso nas Forças Armadas impõe a retracção dos efectivos militares e a redução dos seus quadros permanentes, e que a situação de reserva é específica dos militares, os quais, até transitarem para a situação de reforma, ficam definitivamente afas-

tados da possibilidade de acesso aos postos superiores e permanentemente disponíveis para a prestação de serviço efectivo. Tais disposições, que regulavam a situação dos militares na reserva, colocavam-nos em desigualdade com o restante funcionalismo, por atingirem muito mais cedo o termo da sua carreira profissional, e pela impossibilidade de actualização das suas pensões de reserva. A alteração agora aprovada introduz um ajustamento entre a situação dos militares na reserva e no activo.

Este ano
não teremos
novos capitães

Não se realizarão, no ano lectivo 75/76, os cursos de promoção a capitão e a oficial superior, medida que se integra no plano geral de reorganização do Exército, que pretende «estruturar em novos moldes a carreira dos oficiais dos quadros permanentes». Entretanto, para que os oficiais a quem competir tal promoção não fiquem prejudicados, o Conselho da Revolução aprovou um decreto (n.º 151/76) pelo qual ficam suspensas as condições de promoção em vigor pelo Decreto-Lei n.º 176/71, até à data em que venham a terminar os próximos cursos de promoção a capitão e a oficial superior.

Director da Arma
de Infantaria

O coronel Jasmim de Freitas é o novo director da Arma de Infantaria, segundo anunciou à ANOP um informador do Estado Maior do Exército. Para além do actual comandante da Escola Prática de Infantaria, que brevemente deve ser promovido a brigadeiro, também foi eleito para membro do Conselho da Arma o antigo ministro da Defesa Nacional (ao tempo do I Governo Provisório) tenente-coronel Firmino Miguel.

Canal
da Crítica

Continuação da pág. 15
cedor deste concurso: Carlos do Carmo. Não lhe é possível apontar a mínima falha, seja qual for o ângulo porque se observe a sua actuação. Estudando oito canções em quinze dias, não é para todos os profissionais; defendê-las a todas com o melhor da sua inteligência e qualidades de artista, prova a força de um carácter. Merecia já a nossa admiração; merece agora também o nosso respeito. Como eu pensaria milhões de telespectadores. Carlos do Carmo, como cancionista, pode estar satisfeito; como homem, deve sentir-se feliz. A consciência tranquila é o melhor travesseiro depois de um dia de trabalho.



tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral muito nublado nas regiões a Norte do Tejo e o vento era fraco predominando de Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR
09.00 H.

PORTO	8°
P. DOURADAS	9°
COIMBRA	9°
PORTALEGRE	13°
LISBOA	9°
FARO	15°
FUNCHAL	15°

TEMPERATURAS EXTREMAS
LISBOA

Máxima 16,8°

PENHAS DA SAÚDE
Mínima 0,8°

TEMPERATURAS NO ESTORIL
Água do mar 13,5°
Atmosfera 8°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
10.29 3,3 m	3.44 1,5 m
23.06 3,4 m	16.20 1,7 m
Dia 24	
11.53 3,3 m	5.10 1,6 m
	17.42 1,7 m
Dia 25	
0.24 3,5 m	6.30 1,5 m
13.07 3,3 m	18.53 1,6 m

PREVISÃO GERAL ATÉ
ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu em geral pouco nublado com excepção no Litoral Norte onde é possível um agravamento do estado do tempo, para o final do período; vento fraco do Quadrante Leste.

AMANHÃ

NAScer ÀS 8.17
OCASO ÀS 19.23

DIA 1 DIA 9 DIA 16 DIA 22

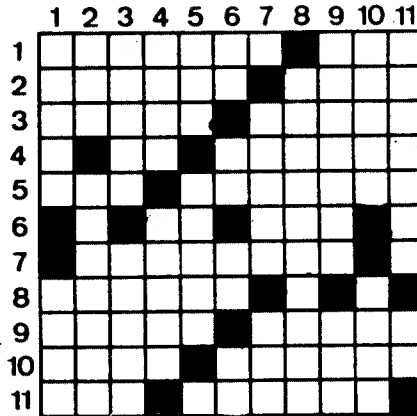
palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 11303

HORIZONTAIS:

- 1 Mortandade. Frase demonstrativa.
- 2 Poísem no mar (o avião). Disfarce (fig.).
- 3 Estaquem. Calhaus.
- 4 Preposição. Poesia narrativa de lendas e tradições.
- 5 Preposição. Unim por casamento.
- 6 Utensílio doméstico. Istmo montanhoso que liga a Índia à península de Malaca.
- 7 Acorrentais.
- 8 Acarreto.
- 9 Canção de barqueiros. Aliado.
- 10 Superfície plana delimitada. Cantigas.
- 11 Chefe etíope. O mesmo que lousas.



VERTICAIS:

- 1 Cartas geográficas. Prover de abas.
- 2 Gosta muito de. Reunira em maço.
- 3 Marquem o peso da tara em. Oportunidades.
- 4 Lavrem. A morte.
- 5 Também não. Missiva.
- 6 Centímetro. Bário (s.q.) Letra grega. Porco.
- 7 Mulher elegante e bonita (Gir.). Apellido.
- 8 Ocultaríamos.
- 9 Chegaram. Czar da Rússia cognominado «O Terrível».
- 10 Rio de Portugal também conhecido por rio Portimão. Escudeiro de D. Afonso Henriques.
- 11 Molestamos. Artigo definido.

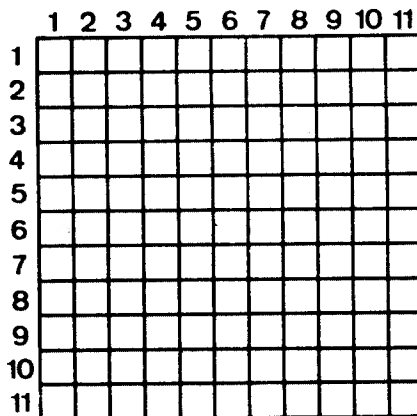
Resolheu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7463

HORIZONTAIS:

- 1 Lente. Atara.
- 2 Repençarem.
- 3 Rente. Suco narcótico obtido de algumas espécies de papoilas.
- 4 Acredita. Prefixo de privação.
- 5 Cidade e porto da Austrália. Actínio (s.q.).
- 6 Vara muito flexível. Cobrira de iodo.
- 7 Adicionasses.
- 8 Acaricia.
- 9 Preposição. Botequim. Autóres.
- 10 Cidade de Itália. Quinto filho de Jacob.
- 11 Queima. Rio da Rússia.



VERTICAIS:

- 1 O lado do vento. Novecentos e cinco em romano. Rio de França.
- 2 Rezeis. Ruins.
- 3 Prasidímio (s.q.). Armaduras para a cabeça. Post scriptum.
- 4 Prefixo que designa ar. Felicidade. Bondosa.
- 5 República da América meridional, à beira do oceano Pacífico. Terra nova e arroçada de fresco.
- 6 Lírio. Zombas. Criminoso.
- 7 Antes de Cristo. Que tem muitos anos. Senhor.
- 8 Animal doméstico. Infiltração de sorosidade no tecido conjuntivo difuso ou num órgão.
- 9 Arpoa. Uma das partes do Mundo.
- 10 Governar.
- 11 Patrão. Cor avermelhada.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11302

HORIZONTAIS:

- 1 Arrepelaria.
- 2 Eros. Matare.
- 3 Anotais. Ar.
- 4 Rasara. Cana.
- 5 Cam. Temes.
- 6 Mós. Rol.
- 7 Id. Riade. NO.
- 8 Noira. Araós.
- 9 Haver. Darma.
- 11 Orara. Estas.

VERTICAIS:

- 1 Amar. VINHO.
- 2 Rana. Doar.
- 3 Rios. Am. Ivá.
- 4 ESTÁ. Morrer.
- 5 Arm. Siara.
- 6 la. A.
- 7 Lás. VERDADE.
- 8 Am. Moeras.
- 9 Rã. Anel. Art.
- 10 Ivan. Noma.
- 11 Aarão. Rosas.

PROVERBIO: NO VINHO ESTÁ A VERDADE

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7462

HORIZONTAIS:

- 1 Revê. Açor.
- 2 Ru. Dar. Aba.
- 3 Unta. Lai.
- 4 Calão. Ama.
- 5 Ada. Oprimir.
- 6 Lara. Sa.
- 7 Privativas.
- 8 Airar. Tal.
- 9 Ca. Sa. Ado.
- 10 Abram. Orlar.
- 11 Raeras. Aaro.

VERTICAIS:

- 1 Me. Salpicar.
- 2 Ru. Dar. Aba.
- 3 Roncaria. Re.
- 4 Esta. Avisar.
- 5 Alo. Aramã.
- 6 Em. Apita.
- 7 Alor. Irão.
- 8 Ata. Dra.
- 9 Caiam. Atola.
- 10 Or. Missa. Ar.
- 11 Rapara. Liró.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO E-1

TODA A NOITE

ALVALADE

Belo, Avenida de Roma, 53-A (tel. 776314).

AVENIDAS NOVAS

Vale, Avenida Marquês de Tomar, 45-49 (tel. 778043).

BAIRRO ALTO

Gonçalves, Rua da Rosa, 176-178 (tel. 362687).

BAIRRO DA ENCARNACÃO

Ancenso, Praça Norte, 11-A (tel. 311216).

BAIXA

Simões Pires, Rua da Prata, 115 (tel. 362350).

BENFICA

Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C (tel. 703697).

CAMPOLIDE

Imparcial, Rua General Taborda, 28 (tel. 680931).

ESTRELA

Linaide, Rua Ferreira Borges, 30 (tel. 660955).

GRAÇA

Mourão, Largo da Graça, 63 (tel. 860700).

LUMIAR

Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A/B (tel. 791131).

SANTO AMARO

Teles, Rua João de Barros, 2, frente (tel. 638176).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA

S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1-9 (tel. 48642).

TURNO E-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALTO DE S. JOÃO

Vitalis, Rua Mórises Soares, 69 (tel. 841779).

ANJOS

Guerra, Rua Andrade, 32-36 (tel. 845513).

ALVALADE

Marbel, Avenida de Roma, 131-A (tel. 776235).

AMEIXOEIRA

S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Galinheiras-Charneca) (tel. 790969).

ANJOS

Magalhães, Avenida Almirante Reis, 4-D/F (tel. 49479).

AREIRO

Garantia, Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5A/B (à Praça do Areiro) (tel. 727300).

AVENIDAS NOVAS

Saldanha, Avenida Praia da Vitória, 53 (tel. 43938).

BENFICA

S. João, Estrada da Luz, 124-A (tel. 783179).

CAMINHOS DE FERRO

Frazão, Rua Cruz de Santa Anilónia, 90 (tel. 847019).

ESTRELA

Andrade Ribeiro, Avenida Infante Santo, 66-B (tel. 666971).

PICHELEIRA

Mariz, Calçada da Picheleira.

ra, 140-A/C (tel. 720703-728395).

OLIVAIS-SUL

Antunes Rosa, Praça da Cidade do Luso, lote 199 (tel. 313610).

REGO

Universitária, Rua Alfredo Roque Gameiro, 29-D (ao Hospital de Santa Maria) (tel. 778953).

RESTELO

Tanara, Rua Rodrigo Reinel, 3-A (à encosta do Restelo, próximo dos Moinhos) (tel. 611814).

S. PAULO

Central, Rua de S. Paulo, 108 (tel. 320389).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS

Combatentes, Av. C.G. Guerra, 166 (T.2113953).

PAÇO DE ARCOS

Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (T.2432034). Toda a noite.

OEIRAS

Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T.2430090). Até às 22 horas.

NOVA OEIRAS

Leal, Até às 22 horas.

CARCAVELOS

Central, Toda a noite.

S. DOMINGOS DE RANA

Godinho da Silveira, Av. S. João, 29-B (T.260085). Até às 22 horas.

PAREDE

Grincho, Av. da República, 87 (T.2471204). Toda a noite.

S. JOÃO DO ESTORIL

S. João, Quinta da Carreira, 29-A (T.261186). Toda a noite.

CASCAIS

Marginal, Av. Marginal (T.280078). Até às 22 horas.

Nova, Ede Alvide, Fontainhas (T.281044). Toda a noite.

LINHA DE SINTRA

AMADORA

Melo, P.D. João I, 9-B (T.932756); Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (T.932210); Igreja, P. da Igreja, 22-A (T.937740); Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120, Reboreira (T.938424).

DAMAIA

D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T.970461).

QUELUZ

André, Av. Elias Garcia, 151 (T.950043).

CACÉM

Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T.2942181).

MEM MARTINS

Rodrigues Rato (T.2912038).

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim (T.980456).

SINTRA

Simões (T.2930832).

COLARES

Abreja (T.299088).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE

Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T.234100).

ALHOS VEDROS

Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T.204020).

ALMADA

Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T.2760565).

BAIXA DA BANHEIRA

Aliança, E. Nacional, 178-B (T.2040302).

BARREIRO

Mascarenhas Neto, R. Almeida Garrett (T.2076454).

COVA DA PIEDADE

Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T.2767356).

MOITA

União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239025).

MONTUO

Diogo, R. Almirante Reis, 50 (T.2310032).

SESIMBRA

Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.2233471).

SETÚBAL

Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (T.22408).

Portugal, R. Camilo Castelo Branco (T.23211).

SEIXAL

Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T.2218560).

PORTO

TURNO 3

ATÉ ÀS 22 HORAS

Contumil, R. de Contumil, 540; Vaz Teixeira, R. de Heroísmo, 56; Birra, P. da Liberdade, 125; Costa Lima, Av. da Boavista, 855; Marques de Mendonça, R. do Ameal, 251; Monte Cativo, R. do Monte Cativo, 444; Cardona dos Santos, R. de D. Manuel II, 90; Oriental, R. do Bonjardim, 727.

TODA A NOITE

Pastelaria, R. André de Rezende, 92; Almeida Cunha, R. Formosa, 327; Sampaio, R. de Cedofeita, 636; São Jerónimo, R. de Santos Pousada, 622.

COIMBRA

Cruz Viegas, Rua do Brasil, 154, Telef. 22961; Donato, Rua Ferreira Borges, 6; Tel. 22603; Rainha Santa, Rua Figueira da Foz, 11 Tel. 23747.

cinemas

cinemas

cinemas

CASTIL

T.530194 15.30, 18.30, 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

AS INSACIÁVEIS

com Dorothy Malone

Realização de Alberto Martino

IMPÉRIO

T.555134 15.15, 18.30 e 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

A epopeia de um povo... Que salvaram uma nação!

67 DIAS

Panavision Para todos

Nas tardes de Carnaval

«FESTIVAL DO OESTE»

ROYAL

T.865037 15.15 e 21.15

Para todos m/b arros

SIM. SIM. MEU CORONEL

POLITEAMA

T.326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30

Não acons. men. de 18 anos

AS ORGIAS SEXUAIS DE CAMILLE

VOX

T.720808 15.15, 16.30, 19.00 e 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

O MALUQUINHO DO SEXO

Um filme de Marco Vicário

ROMA

T.727778 15.30, 18.30 e 21.15

Interdito a men. de 18 anos

AS INSACIÁVEIS

com Luciana Paluzzi e Robert Hoffman

2.ª Semana

D. JOÃO V DAMAIA

21.00

Maiores 10 anos

O GLADIADOR INVENCÍVEL

UNIVERSAL

T.774402 15.00, 19.00, 21.00

Não acons. a menores de 13 anos

DEUS PÁTRIA AUTORIDADE

de Rui Simões

As 17 e 23 h

Não acons. men. 18 anos

SANGUE CONDOR

CONDES

T.322523 14.00, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

Ele aí está — tremendo Spencer

O INSPECTOR MARTEL

BERNA

T.776098 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Não acons. a men. de 13 anos

HENNESSY

(O Militante)

5.ª Semana

um filme de Don Sharp

LONDRES

T.801313 14.15, 18.00 e 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

CENAS DA VIDA

CONJUGAL

com Liv Ullmann e Bibi Anderson

ROXY

T.48560 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Interdito a men. de 18 anos

EMILIE

com Betty Mars e Nathalie Gurin

Colorido

AVISO: Este filme contém cenas eventualmente chocantes

TIVOLI

T.570596 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. men. de 13 anos

ENTRE DOIS DESTINOS

com Joseph Bottom e Deborah Raffin

ALVALADE

T.897480 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a men. 13 anos

Ele aí está — Bud Spencer

O INSPECTOR MARTELADA

com Raymond Pellegrin

PATHE

T.821933 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Interdito a men. de 18 anos

Quente como fogo, duro como aço

JUSTIÇA

DE MULHER

NIMAS

T.574362 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45

Não acons. a men. de 13 anos

NÃO TOQUES NA MULHER

BRANCA

Um filme de Marco Ferri

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

A.B.C.

20.30 e 22.45 (18 anos)

«Afinal como é?»

COLISEU

21.30 (6 anos)

1.ª Companhia Internacional de Circo 1976

CAPITÓLIO

21.15 (18 anos)

«Mostra-me a Tua Piscina»

LISBOA/Cinemas

CINE-BOLSO

21.30 (18 anos)

«Kermesse Erótica»

S. LUIZ

21.15 (13 anos)

«Benilde ou a Virgem Mãe»

EUROPA

21.30 (18 anos)

«Sua Excelência Gostava de Saia»

PARIS

21.00 (18 anos)

«A Estalagem do Prazer»

SATELITE

21.30 (18 anos)

«Delicias Turcas»

OLÍMPIA

21.15 (18 anos)

«A Grande Luta»

JARDIM

21.15 (18 anos)

«A Fúria do Campeão»

LUMIAR

21.15 (18 anos)

«O Campão dos Boxeirs»

PROMOTORA

21.00 (13 anos)

«Woodstock»

IDEAL

21.15 (18 anos)

«A Piscina»

PALÁCIO FOZ

21.00 (13 anos)

«O Legado Tenebroso»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS

Oxford

21.15 (18 anos)

«Brincando com o Fogo»

ESTORIL

Casino

17.00, 21.15 (18 anos)

«O Justiciero da Noite»

LINHA DE SINTRA

SINTRA

Carlos Manuel

21.15 (18 anos)

«Malícia»

OUTRA BANDA

LARANJEIRO

Construção e Recreio

21.30 (18 anos)

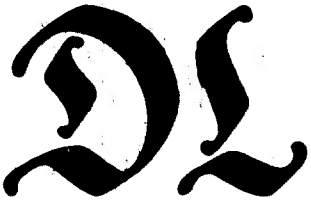
«Escândalo de Bata Branca»

ALMADA

Incrível

21.15 (18 anos)

«Os Malditos»



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDAÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. OBRAS TELEF. 12363
LISBOA-PORTUGAL

FUNCHAL, 4 DA MANHÃ

Carro de deputado socialista destruído à bomba

FUNCHAL, 23 — As quatro horas e cinco minutos da madrugada de hoje, uma bomba colocada sob o carro do deputado Monteiro de Aguiar (P.S.) fez voar a parte superior do «capot» do automóvel. A viatura encontrava-se estacionada na zona do Pombal. Não há vítimas pessoais.

Várias pessoas declararam ter ouvido repetidas explosões àquela hora, mas tudo indica que se tratou do eco provocado pela deflagração na origem de vidros partidos nas imediações.

Recorda-se que Monteiro de Aguiar, além de deputado à Assembleia Constituinte, desempenha funções na nova Junta Governativa da Madeira, caben-

do-lhe aqui o pelouro da Assistência, Social, e Trabalho.

Cerca de uma hora após a explosão, precisamente às 4.55, o funchal «abanou» pela terceira vez, à passagem do avião «Concorde». Conforme referimos em edição anterior, o «Concorde» ao sobrevoar a Madeira provoca grande vibração nos prédios do Funchal e de outras zonas do arquipélago, facto que poderá levar à intervenção das autoridades competentes.

Momentos antes, a Polícia de Segurança Pública do Funchal havia desmontado um outro petardo, colocado sob o automóvel de Félix Pita, director dos Serviços Fiscais da Delegação de Turismo da Madeira.

Furtado Fernandes visita os Açores

O secretário de Estado da Formação Profissional, dr. Furtado Fernandes parte hoje à noite para uma visita de trabalho de quatro dias aos Açores.

Aquele membro do Governo terá ainda hoje uma reunião com a Junta Governativa dos Açores, devendo visitar na terça-feira, na ilha de S. Miguel, o Centro de Formação Profissional ali existente, e reunir na sede da Junta Governativa com os elementos da mes-

ma e representantes de diversos sectores da actividade local. Nos dois dias imediatos o dr. Furtado Fernandes seguirá para a ilha Terceira onde deverá ter vários contactos e reuniões com representantes das entidades oficiais e dos sectores privados da actividade económica, tanto de Angra do Heroísmo como da Horta, que ali se deslocarão expressamente para esse fim.

O seu regresso a Lisboa está previsto para sexta-feira.

Secretários de Estado visitam o Norte

Deslocou-se hoje ao Porto e Braga, o secretário de Estado dos retornados. Do programa da visita à capital nortenha fazem parte encontros, no Governo Civil do Porto, com o vice-governador e os serviços do I.A.R.N. e uma visita ao alojamento colectivo do Postigo do Sol.

Também no Governo Civil do Porto, o secretário de Estado da Habitação e Urbanismo reuniu-se com a Câmara Municipal portuense.

FERREIRA LIMA

PORTO, 23 — A fim de tomar parte em várias sessões de trabalho, desloca-se, amanhã ao Norte o secretário de Estado da Administração Re-

gional e Local, eng. Ferreira Lima.

A chegada está prevista para cerca das 8 horas (ao Aeroporto de Pedras Rubras), seguindo-se, pelas 9 e 30 horas, uma visita ao Gabinete de Apoio Técnico de Penafiel. Pelas 14.30, em Braga, o eng. Ferreira Lima visitará o gabinete local.

No Porto, pelas 18 horas, terá lugar, nas instalações da Comissão de Planeamento da Região Norte, uma sessão de trabalho com a presença do Secretário de Estado do Emprego, eng. Tito de Morais, delegado do Serviço Nacional de Emprego, dr. Teixeira de Sousa, e o director da Comissão de Planeamento da Região Norte, eng. Valente de Oliveira.

Juntas de Freguesia apoiam C.A. de Gaia

PORTO, 23 — As juntas de freguesia de Gaia, numa reunião conjunta com a Comissão Administrativa da Câmara do concelho, aprovaram o inquérito instaurado, àquele Município. Consideram positiva a medida e apoiam «todas as inspecções que por esse país foram pedidas».

Na moção aprovada, os representantes das juntas manifestam, no entanto, a sua estranheza pelo facto «do objecto

de inspecção ser o ano económico de 1975».

As juntas de freguesia expressaram também a sua solidariedade com «todos os que, após o 25 de Abril de 1974 fizeram parte da C.A. da Câmara de Gaia, por todos aqueles actos administrativos que, escapando a uma interpretação inquisitorial do código administrativo fascista, ainda vigente, se subordinaram, todavia, aos interesses mais profundos da população».

Angola: questão em aberto

Continuação da pág. 1

dos políticos portugueses, inferindo-se de algumas delas, nomeadamente do P.P.D., que a questão angolana, longe de estar aplanada, tende a ser manipulada com intuítos desestabilizadores precisos.

Para o Partido Comunista, representado por Carlos Aboim Inglês, do Comité Central, a posição do seu partido «é de aprovação completa, de acordo com a posição que sempre defendemos». Declarou ainda que «finalmente venceu o bom-senso e o interesse nacional. Pena é que tenha sido tão tarde. Portugal deveria ter sido o primeiro país a reconhecer a República Popular de Angola. Se o não foi, não foi por razões de justiça para com o povo angolano e o M.P.L.A., que sempre esteve ao lado do povo português e das forças progressistas portuguesas. Nem foi pelo interesse nacional, nem pelo respeito pelo princípio de não-ingerência, mas foi por força de interesses estranhos ao nosso povo e ao povo de Angola».

Aboim Inglês acrescentou que «agora que a República Popular de Angola foi reconhecida, temos que fazer um grande esforço para tentar apagar o mal causado por este atraso, defendendo os interesses do nosso povo, os interesses dos portugueses que vivem em Angola e que querem para Angola voltar».

Por sua vez, o Partido Socialista, através do seu porta-voz, Sottomayor Cardia, frisou ter sido o Presidente da República que reconheceu a República Popular de Angola no exercício das atribuições constitucionais que lhe estão atribuídas, ressaltando, desta forma e em vésperas de eleições, as posições dos seus elementos no VI Governo e complementando com as seguintes afirmações, que parecem apontar essencialmente para a massa eleitoral dos retornados: «O partido Socialista fará o que estiver ao seu alcance para que os portugueses de Angola sejam protegidos. Os nossos nacionais residentes em Angola, como de uma maneira geral na África, tem de ser respeitados. Aos refugiados que o desejem, deve ser garantido o direito de regressar. O destino desses portugueses, vítimas do colonialismo, constitui para nós motivo de preocupação. Não nos pou-

paremos a esforços para defender os seus direitos».

A OFENSIVA DO P.P.D.

Quanto ao P.P.D., as declarações do seu secretário-geral, Sá Carneiro, não deixam margens para dúvidas: responsabilizando o Presidente da República pela decisão, exige, até 25 de Abril, eleições para a Assembleia Constituinte e para a Presidência da República. Ressaltando a sua participação no Governo, pois, como disse, esta decisão «não o envolve», o P.P.D. reforça a contestação que vem desenvolvendo contra o general Costa Gomes, apoiado pelas restantes formações políticas de direita, sendo de formular sérias interrogações sobre em que forças e em que meios se baseia o secretário-geral do P.P.D. para colocar a sua posição em termos tão intransigentes. Ligan-do-se toda a posição do P.P.D. com outras questões como as do Pacto, da Constituição a ser elaborada e com a sobrevivência do M.F.A., é prever que novos factores de desestabilização política ocorram paralelamente à sua ofensiva.

Finalmente, o C.D.S., pela voz de Amaro da Costa e Galvão de Melo, manifestou-se, igualmente, contra o reconhecimento.

MENSAGEM DO C.P.P.C.

Reagindo ao reconhecimento da República Popular de Angola, o Conselho Português para a Paz e Cooperação (C.P.P.C.) enviou um telegrama ao Presidente da República em que afirma:

«O Conselho Português para a Paz e a Cooperação saúda a patriótica decisão do reconhecimento da República Popular de Angola manifestando elevado apreço pela acção de Vossa Excelência e do Conselho da Revolução no sentido da justa medida, tomada de acordo com o interesse nacional, as responsabilidades históricas, e as aspirações do povo português. A decisão que reconhece a vitória conquistada pelo povo angolano e pelo M.P.L.A., apoiados pelas forças progressistas do Mundo, significa também uma vitória do realismo político, no princípio da não-ingerência, da causa da independência nacional e dos interesses comuns dos povos português e angolano».

no, abrindo novas perspectivas ao desenvolvimento das relações fraternas de paz e tivas ao desenvolvimento das relações fraternas de paz e cooperação entre Portugal e Angola e dos demais povos africanos.»

PONTE AÉREA

Inicia-se amanhã uma nova ponte aérea para retirar refugiados da guerra civil angolana.

A partir da capital do Sudoeste Africano, Windhoek, serão realizados três voos durante uma semana, a cargo da TAP e da Força Aérea Portuguesa.

Os refugiados que têm estado em campos no Sul de Angola protegidos pelas forças invasoras da África do Sul, serão transferidos para aquela cidade, partindo depois para Lisboa.

Após o fim da ponte aérea pensa-se que o Exército sul-africano recuará para o Sul, esperando-se que abandone completamente a República Popular de Angola logo que sejam dadas garantias pelo Governo de Agostinho Neto de que continuarão os fornecimentos de energia a partir das barragens de Caluque e Ruacana.

Northrop suborna em Portugal

Enquanto se avoluma o escândalo da Lockheed, outra firma construtora de aviões, a Northrop Corporation, também norte-americana, surge como acusada de ter pago «comissões» de milhares de dólares, ilegalmente, inclusive em Portugal.

Um telegrama de France-Presse noticiava que a Northrop Corporation avisou ontem a comissão americana das Bolsas de Valores (S.E.C.) que a sua filial italiana, a Page-Europe S.P.A., que tem sede em Roma, pagou 861 000 dólares de comissões ilegais entre os anos de 1969 e 1975.

Estes pagamentos foram efectuados no âmbito das actividades comerciais da sociedade, na própria Itália, como também em Portugal, Grécia, Somália e Turquia.

No comunicado a Northrop Corporation afirma que não estava ao corrente destes pagamentos e que os indivíduos responsáveis já não fazem parte do seu pessoal. A Page-Europe S.P.A. é uma filial da Page Communication Engineers Inc. que, por sua vez, é uma filial norte-americana da Northrop Corporation.

REPRESENTANTE ESPANHOL

«Portugal não tem um representante exclusivo da Northrop». Esta foi a informação dada por uma firma portuguesa de agentes e representantes das empresas construtoras de aviões. O negócio está sediado em Espanha e tem a representação para a Península Ibérica.

Por sua vez, não consta que a TAP tenha alguma vez utilizado aviões fabricados pela Northrop Corporation. Desde o início das suas operações, a TAP voou com os seguintes aviões: «Dakota C-53» e «Sky-master C-54», ambos da Douglas; «Constellation», da Lockheed, (cujos ubornos envolveu-nam até a casa real holandesa); «Caravelle», de fabricação

francesa, e agora com os Boeings, norte-americanos.

A SATA, linhas aéreas açoreanas, ao que parece, também estão envolvidas no caso, uma vez que têm operado com aviões do tipo «Avro», que não são fabricados pela Northrop.

Igualmente a DETA e a DTA, que agora já pertencem, respectivamente aos Governos de Moçambique e Angola, mas que já existiam no regime colonial, não possuem qualquer avião fabricado pela Northrop. A DETA voa com «Douglas DC-3», «Loadstar» (da Lockheed) e «Dove», da fábrica inglesa De Havilland. A DTA utiliza aviões da Douglas, o «Beechcraft-18», inglês e o «Dragon Rapid», também de procedência e fabricação inglesa.

A Northrop é a fabricante dos conhecidos aviões de combate do tipo «Phantom», além de construir complementos para outros tipos de aeronaves.

ESPAÑA INVESTIGA

O Governo espanhol ordenou a abertura de um inquérito destinado a desvendar eventuais irregularidades originadas pela aquisição de equipamento aeronáutico à Lockheed. Numa reunião do gabinete espanhol, realizada em Barcelona e dirigida pelo rei Juan Carlos, foi decidido, na sequência de informações várias transcritas nos órgãos de Comunicação Social do país e do estrangeiro, que seja feita uma exaustiva investigação sobre as possíveis irregularidades na aquisição de material à Lockheed, feito pela Espanha.

Entretanto, os Estados Unidos ofereceram-se para elaborar um acordo internacional proibindo subornos por empresas multinacionais norte-americanas. A proposta foi feita por Henry Kissinger, numa conferência de Imprensa em Bogotá, na Colômbia, durante a viagem que o secretário de Estado faz, actualmente, pela América do Sul.

Saiu "Poesia VI" de José Gomes Ferreira

Edição da Diábril, que de há um ano a esta parte lhe vem publicando toda a obra, veio agora para as novidades dos escaparates o livro «Poesia VI», de José Gomes Ferreira.

O volume reúne composições do autor datando de 1960 a Abril de 1975, e compõe-se de sete ciclos de poemas: «Pedregal», «Casa», «Memória III», «Noruega», «Requiem Laico», «Memória IV» e «Maio-Abril». As séries estão dispostas segundo uma ordem respeitante à data da feitura dos poemas que as integram.

Tratando-se de um livro de José Gomes Ferreira, deve tornar-se desnecessário dizer que se trata de um livro pelo menos muito interessante. Uma passagem muito rápida pelas duas centenas e meia de páginas do volume dão-nos no entanto e desde logo a imagem de um poeta que talvez esteja a fazer um percurso contrário ao dos anos que passam sobre o homem. José Gomes Ferreira, o

homem tem a idade dos anos em que este século já vai? Pois a sua poesia aí está, com a frescura e a vivacidade da sua linguagem, a generosidade mal disfarçada dos seus temas predilectos, o sentido futurante dos ideais que a informam e enformam.

Cuba traduz autores portugueses

Alves Redol, Maria Judite de Carvalho, Carlos de Oliveira e Baptista-Bastos vão agora ser traduzidos e editados em Cuba, segundo nos informa de Havana o nosso embaixador José Fernandes Fafe.

A este interesse do Instituto Cubano do Livro pelas letras portuguesas e pela nossa cultura não é estranha a presença em Havana de um embaixador como José Fernandes Fafe, ele próprio editor, escritor, e acima de tudo, poeta.

3
tome
at

AUTOCRÍTICA

A sétima conferência do «Partido Comunista marxista-leninista de Perú», realizada recentemente em Lima, decidiu dissolver o partido, depois de fazer o balanço dos doze anos de existência da referida formação política.

Na conferência foi reconhecido que o partido não passava de um «instrumento nas mãos dos dirigentes chineses, tendo sido publicamente admitidos os erros e denunciados aqueles que traíram as ideias marxistas-leninistas sob a capa de frases ultra-revolucionárias». O documento aprovado na conferência acusa os dirigentes chineses de inventar histórias a propósito da «colisão das duas superpotências», da «desaparição do campo socialista», etc., e a fazer alianças com as forças reaccionárias como Pinochet, UPA-FNL, etc.